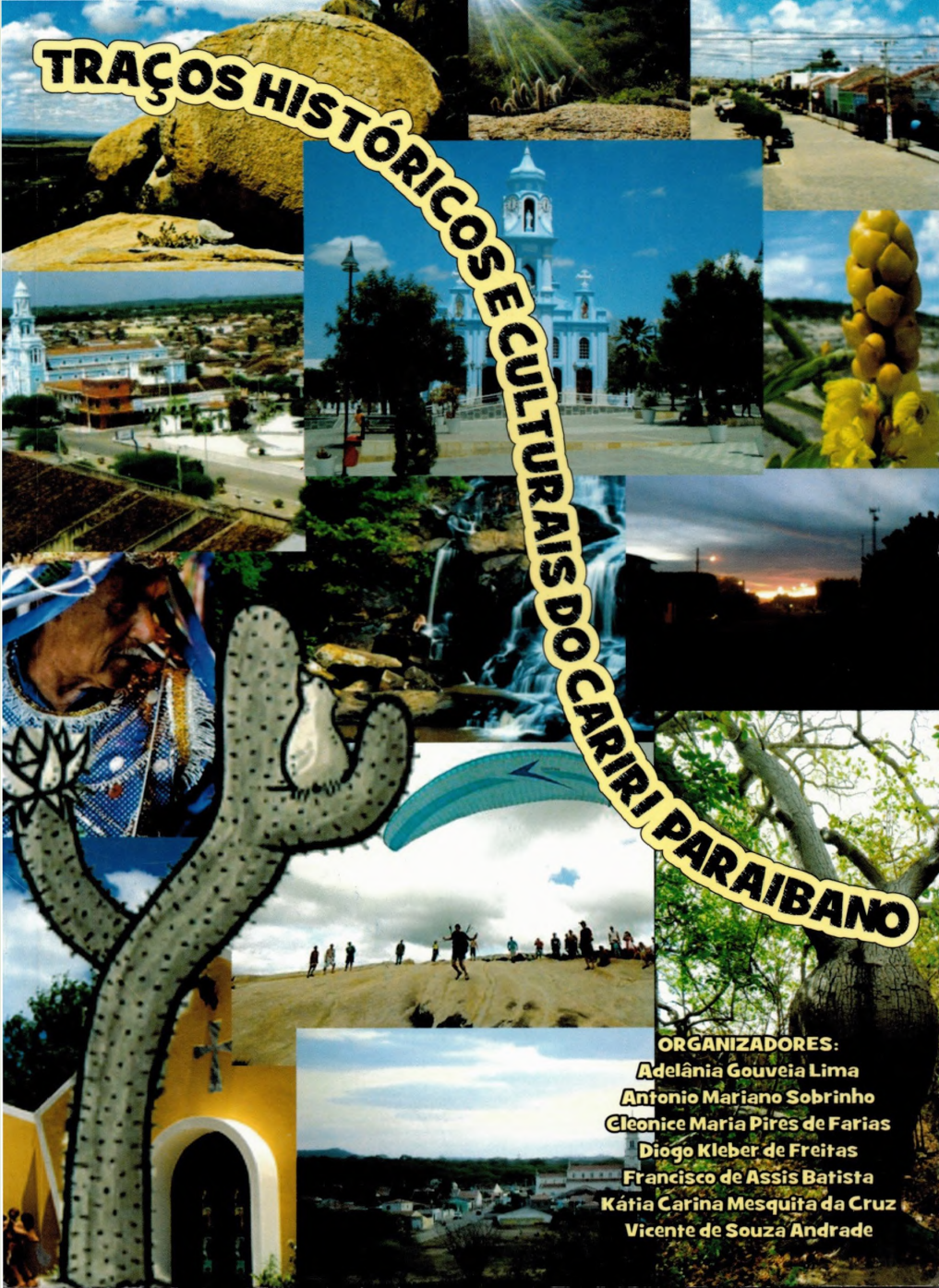


TRAÇOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DO CARIRI PARAIBANO



ORGANIZADORES:
Adelânia Gouveia Lima
Antonio Mariano Sobrinho
Cleonice Maria Pirês de Farias
Diogo Kleber de Freitas
Francisco de Assis Batista
Kátia Carina Mesquita da Cruz
Vicente de Souza Andrade

“Um educador é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos. Não sei como preparar um educador. Talvez isso não seja nem necessário nem possível...”

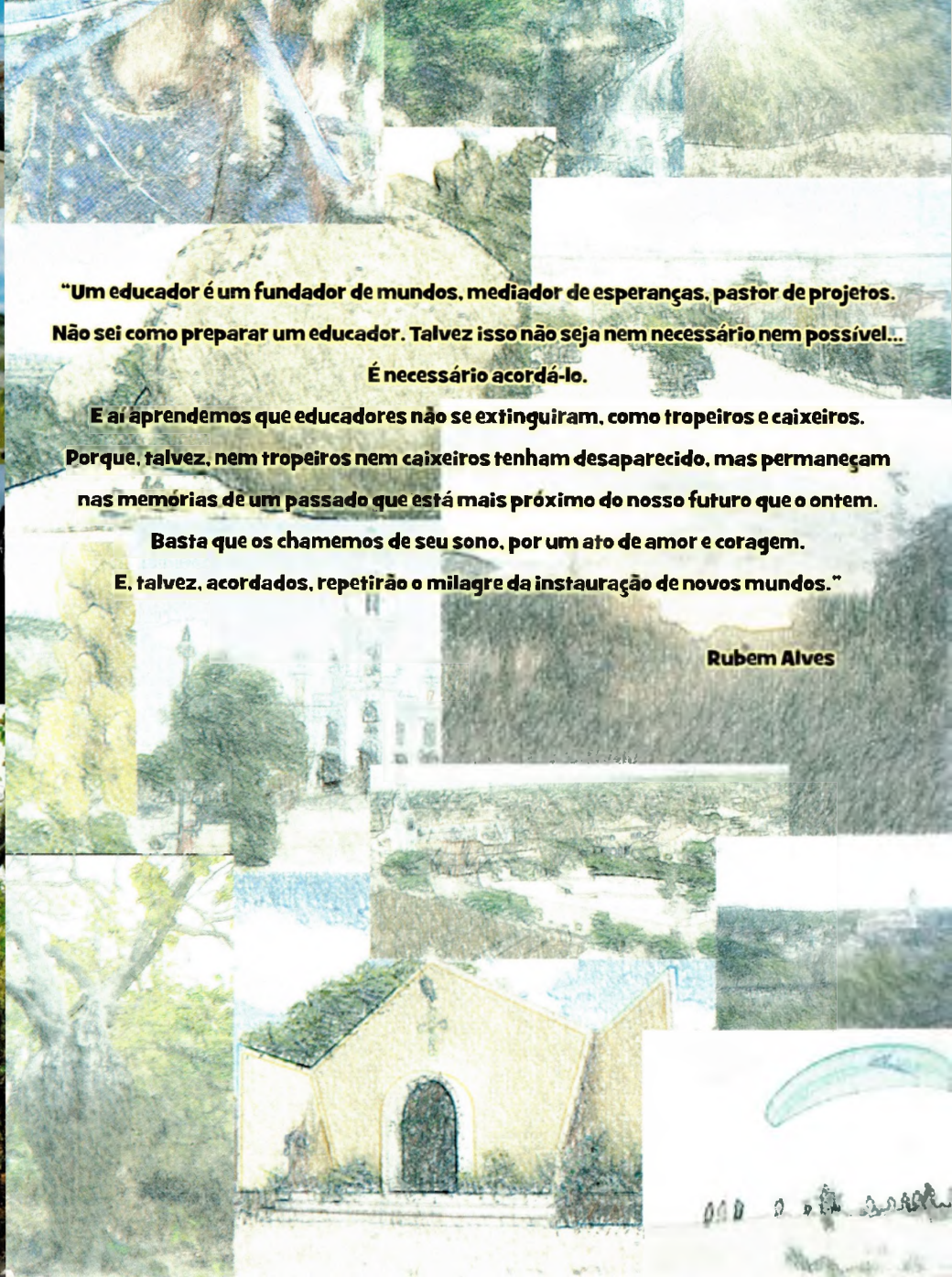
É necessário acordá-lo.

E aí aprendemos que educadores não se extinguíram, como tropeiros e caixeiros. Porque, talvez, nem tropeiros nem caixeiros tenham desaparecido, mas permaneçam nas memórias de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem.

Basta que os chamemos de seu sono, por um ato de amor e coragem.

E, talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos.”

Rubem Alves



TRAÇOS HISTÓRICOS E
CULTURAIS DO CARIRI
PARAIBANO

ORGANIZADORES

Adelânia Gouveia Lima ▪ Antônio Mariano Sobrinho
▪ Cleonice Maria Pires de Farias ▪ Diogo Kleber de
Freitas ▪ Francisco de Assis Batista ▪ Kátia Carina
Mesquita da Cruz ▪ Vicente de Souza Andrade

TRAÇOS HISTÓRICOS E CULTURAIS DO CARIRI PARAIBANO

**João Pessoa
2012**

Coordenação de Publicação:
Projeto Gráfico, Capa e Diagramação
Mirna Miqueliny Ribeiro Souza

Edição de Texto:
Adelânia Gouveia Lima
Kátia Carina Mesquita da Cruz

Revisão de ortografia:
Rosa Cristina de França

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

T772 Traços históricos e culturais do Cariri Paraibano / Adelânia Gouveia Lima et al. (orgs.). – João Pessoa, 2012.

115 p. : il.

Conteúdo: Coleção de textos, resultado do curso de Formação Continuada, realizado na cidade de Monteiro.

1. História - Cariri Paraibano. 2. Cotidiano. 3. Memória. 4. Geografia. I. Título.

CDU 94(813.3)

SUMÁRIO

Prefácio	13
Apresentação	19
AMPARO: CAPITAL DO AMOR E DA FÉ	21
Aspectos Históricos e Geográficos.....	23
Hidrografia e pontos turísticos	27
População	28
Características da população.....	28
Expressões religiosas	32
CAMALAU: O IDEAL DE UMA ESCOLA QUE MUDOU UMA HISTÓRIA	35
Aspectos Históricos e geográficos de Camalaú	37
A dominação / subserviência.....	40
Um projeto de educação comunitária transformou profundamente a realidade de um povo.....	41
O CEAGRO: Educação para a vida	42
Igreja e Educação.....	43
Uma lição do CEAGRO	44
Nossos Símbolos, nossa história	45
CONGO: CIDADE DAS ÁGUAS	47
Aspectos Históricos e Geográficos da cidade de Congo	49
Pontos turísticos	54

Cultura e Tradição	57
Cânticos de Inselência	60
MONTEIRO CIDADE BELA	63
Aspectos Históricos de Monteiro	65
Aspectos Geográficos	66
Conflitos.....	68
Curiosidade.....	72
PRATA: TERRA DE POETAS	77
Aspectos Históricos	79
Aspectos Geográficos	80
Características Culturais	82
Religiosidade.....	84
Conflitos.....	85
SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO: ANTIGA VILA CARUÁ	89
Origem histórica	91
Aspectos Geográficos	93
SANTO ANDRÉ	97
PADRE CÚSTODIO X FRANCISCO ANTÔNIO DAS CHAGAS MEDEIROS.....	99
SERRA BRANCA: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SERRA BRANCA E SEUS DISTRITOS (SANTA LUZIA DO CARIRI E SUCURU)....	103
Aspectos Históricos e Geográficos.....	105
Surgimento e fatos históricos.....	107

Serra Branca: Sua sede e seus distritos - a formação de seus filhos	113
Distrito de Santa Luzia do Cariri	115
Porque Santa Luzia dos Grudes?	116
Santa Luzia do Cariri: Religiosidades e Festividades....	118
Distrito de Sucuru	119
Questões interessantes de afetividades e conflitos	121
Algumas Comunidades Rurais	122
Quebra da Rotina Cotidiana	130
Traços da Cultura.....	132
Expressões populares	142
ZABELÊ.....	143
Aspectos geográficos, históricos e culturais.....	145
Comunidades.....	146
Economia	148
Conflitos.....	148
Aspectos Culturais	149
Cotidiano	152
Pontos Turísticos	157
Referências	158

Agradecimentos

Ao professor Dr. Francisco de Assis Batista, pela motivação para escrevermos um livro sobre os traços da cultura do povo do Cariri Paraibano, fazendo-nos perceber que, como educadores, temos primeiro que conhecer e ensinar nossas culturas, nossas tradições, pois, conforme Roberto DaMatta, o brasileiro é sua cultura, através de suas festas populares, manifestações religiosas, literatura e arte, desfiles carnavalescos e paradas militares, leis e regras (quando respeitadas e quando desobedecidas), costumes e esportes.

Francisco de Assis fez com que percebêssemos que somos capazes, somos importantes, uma vez que somos educadores, não apenas professores.

(Professores do curso de Formação Continuada da 5ª Gerência Regional de Ensino, área de Ciências Humanas, turma nº 02)



AUTORES

Adelânia Gouveia Lima ▪ Aldenizia Anastácio ▪ Ana Maria da Silva Leite ▪ Ana Maria de Sousa Silva ▪ Antônio Mariano Sobrinho ▪ Auda Meri Neves da Silva ▪ Carmen Goretti Oliveira Inô Berto ▪ Claudia dos Santos Oliveira ▪ Cleonice Maria Pires de Farias ▪ Diogo Kleber de Freitas ▪ Evanice Leandro dos Santos ▪ Francinete Sales de Sousa ▪ Francisco Cosme de Oliveira Júnior ▪ Francisco de Assis Batista ▪ Gelvano de Araújo Silva ▪ Ionete Batista ▪ Ivanete Bezerra da Silva ▪ Jaqueline Santa Cruz Martins ▪ João Helly Gonçalves ▪ José Ronaldo Maciel Pinto ▪ Josefa Petronila Leandro ▪ Josimar Ferreira ▪ Juarez Ribeiro de Araújo ▪ Karen dos Santos Melo ▪ Kátia Carina Mesquita da Cruz ▪ Laura do Socorro Rodrigues de Sousa ▪ Lucia de Cássia Sousa Oliveira ▪ Lucia Maria Montenegro ▪ Luiz Batista Feitosa ▪ Márcia Guedes Batista Marques ▪ Maria das Dores Brito Patriota ▪ Graça de Fatima Caldeira ▪ Maria das Graças Pereira ▪ Maria do Carmo Bezerra Farias ▪ Maria do Carmo da Silva Leite ▪ Maria do Socorro Menezes ▪ Maria do Desterro Egídio ▪ Maria Genilda da Silva ▪ Maricélia Teixeira Leite ▪ Marlene Bispo Sobra ▪ Mirna Miqueliny Ribeiro Souza ▪ Paulo Ribeiro Silva ▪ Quitéria Pereira Mariano ▪ Sebastião Pereira Neto ▪ Sebastião Teixeira da Silva ▪ Sílvia Caldeira ▪ Sônia Batista de Queiroz ▪ Teresa Cristina Ferreira ▪ Terezinha Araújo Almeida ▪ Vicente de Sousa Andrade ▪

PREFÁCIO

Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda (Paulo Freire).

Ao analisar o contexto socioeconômico contemporâneo, Mario Sérgio Cortella afirma que a educação está em crise. Nesse contexto, em que a riqueza produzida é apropriada por uma minoria em detrimento da maioria da população, constatamos que ainda não galgamos patamares significativos de justiça social.

Não é necessário muito esforço intelectual para observar que a educação descrita nesta situação de domínio do capitalismo mostra sinais de colapso, conforme assinalou Cortella ao constatar que a educação tornou-se mais uma mercadoria entre tantas outras, nesse mundo moderno.

A educação, enquanto processo, está sendo levada pelos ditames do capitalismo que, numa corrida sem freios, tudo transforma em fonte de lucros para benefício de seletos grupos. Nesse sentido, a educação transformou-se em mercadoria, a qual foi colocada no mercado, onde passou a ser negociada, gerando lucro e riquezas. Com base nisso, observamos o desmoronamento da educação pública ao mesmo tempo em que vemos uma proliferação constante das instituições privadas, limitando, dessa forma, cada vez mais o acesso ao saber.

Nesta perspectiva, o processo educacional passou a ser confundido com o procedimento para a escolha de uma profissão, ou seja, apenas se educa para adquirir uma profissão, uma habilidade para fazer alguma coisa. Assim, educa-se apenas para o mercado.

Entretanto, confundir educação com essa dimensão do profissionalismo desencadeia um processo de reificação, em que o ser humano passa a ver no seu semelhante um competidor nos espaços de venda de mão de obra para o

capital, quais sejam indústrias, empresas, instituições de ensino, compreendendo a educação, apenas com essa função. Assim, convém lembrar a advertência de Paulo Freire ao argumentar que educação não é neutra, logo tanto pode contribuir para transformar quanto para manter o *status quo* e as injustiças.

A despeito desse domínio do capitalismo, somos animados por experiências moleculares, protagonizadas por uma diversidade de pessoas que procuram fazer uma educação na perspectiva de transformação da sociedade, possibilitando que no lugar da complacência se coloque a justiça social, segundo enfatizou Paulo Freire.

Urge, então, resgatar a dimensão humana da educação e, para isto, faz-se necessário deslocar o foco da esfera econômica para a social, ou seja, compreender a educação não apenas como um meio para ganhar a subsistência material, mas como um processo contínuo de aprendizagem, na perspectiva de construção da cidadania na qual se vivencie novas experiências, em que a igualdade nas diversas esferas do cotidiano seja cultivada.

Necessitamos de uma educação pública que atenda à demanda social e que o educando não seja visto apenas como futuro vendedor de mão de obra, trabalhador alienado, mas como sujeito protagonista de sua história. Para que isto seja possível, é necessária uma educação que priorize a reflexão e compreensão da própria realidade, condição básica para que o educando possa atuar com o seu saber na sociedade, como sujeito social, transformador da realidade na qual se encontra, resgatando a dimensão do “trabalho” enquanto atividade humana consciente e transformadora.

Fazer educação exige um compromisso social. Por essa razão, Paulo Freire argumenta “o verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em coisas”.

No curso de qualificação para professores da área das Ciências Humanas, realizado em Monteiro, entre os meses de outubro a dezembro de 2011, essa inquietação sobre a educação se fez presente em todo momento na turma nº 02, motivando uma fecunda reflexão sobre o fazer educação, uma vez que os participantes dos nove municípios que compunham a turma eram professores da rede pública de ensino, contando com uma vasta experiência cotidiana de sala de aula e de vida.

O curso ficou marcado pelo entendimento de que a qualidade da educação passa por diversas esferas: valorização do professor, democratização da relação dos educadores entre si e as suas instâncias dirigentes, gestão democrática em sintonia com a comunidade e reorientação curricular que leve em conta a realidade dos educandos. Refletimos também, sobre a questão do conhecimento, uma vez que o conhecimento é o objeto da atividade cotidiana do educador. Esta reflexão se deu a partir de fundamentos epistemológicos e políticos no sentido de compreender como o conhecimento é socialmente construído e apropriado.

Nesse exercício de reflexão, diversas experiências foram sendo colocadas e socializadas, ao passo que iam se desenhando novos caminhos a serem trilhados na construção do conhecimento.

Em se tratando da área de Ciências Humanas, ampliou-se a perspectiva no sentido da desconstrução de saberes até então tidos como absolutos, embasados numa grade teórica dominante em que se privilegiavam as grandes figuras, os grandes feitos, os heróis. Tomamos como referências novas vertentes teóricas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, recorrendo a pensadores que privilegiavam o cotidiano, as relações de poder, a cultura, o protagonismo dos excluídos, enfim, aqueles vistos como objetos da história e não sujeitos. Nesse percurso, exercitamos a perspectiva da “história vista de baixo”.

Pensadores como Edward Palmer Thompson, Peter Burke, Michel Foucault, Jacques Le Goff, Carlo Ginzburg, Erving Goffman, entre outros, auxiliaram-nos na discussão no momento em que fomos tratando de analisar os contextos social, regional e local.

Aventurando-nos nessa perspectiva, brotavam, a cada momento, novos temas, situações e casos diversos a serem debatidos e analisados. Abria-se um novo campo para exercitar a análise. Dessa maneira, fomos tratando de sistematizar os temas e exemplos retirados do contexto social e regional, e assim, a história, a geografia, a sociologia e a filosofia foram sendo exercitadas, experimentadas pelas vivências, tradições e costumes do cotidiano dos educadores.

Surpreendia-nos, a cada encontro, os dados das pesquisas que eram apresentados acerca das mais variadas expressões culturais da região. Entendendo aqui “cultura” como sendo o conjunto dos resultados da ação do humano sobre o mundo por intermédio do trabalho.

Foi, portanto, no intuito de preservar esses dados e utilizá-los como fonte de análise para os educandos e educadores da região que decidimos reunir alguns desses trabalhos e fazer uma publicação coletiva. Neste livro estão reunidos trabalhos de diversos autores, educadores das nove cidades do Cariri que compunham a turma de Ciências Humanas nº 02.

O desafio foi pensar a partir de onde os pés pisam e, assim, cada equipe de educadores assumiu o desafio de resgatar aspectos históricos, culturais e sociais de suas respectivas localidades, por concluir que o conjunto dos dados coletados revela traços característicos da região do Cariri.

Entendemos que esse material servirá como estímulo para que outros educadores exercitem a pesquisa e a divulgação de seus trabalhos, socializando-os, desta forma, com a comunidade escolar regional e estadual.

Ressaltamos, todavia, que não se trata de um material acabado que almeja dar conta do universo das

relações sociais e culturais da região, mas de uma iniciativa que apresenta nuances desse universo e que necessita de outros olhares e complementos. Porém, nem por isso, minimizamos o mérito desses educadores que demonstram esforços para registrarem seus trabalhos de pesquisa, revelando suas capacidades de produzir educação, mesmo frente às adversidades enfrentadas.

Continuem com esse propósito, pois como disse Marcus Tullius Cícero - *“memória minuitur nisi eam exerceas”* – a memória diminui, quando não exercitada.

Parabenizo a todos vocês por esta realização.

Prof. Dr. Francisco de Assis Batista

APRESENTAÇÃO

*Adelânia Gouveia Lima*¹

*Kátia Carina Mesquita da Cruz*²

Este livro é o resultado das experiências, histórias e memórias dos professores alunos do curso de formação continuada realizado no final de 2011 pela Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, na cidade de Monteiro.

Este curso foi uma oportunidade de repensarmos nossas práticas, de analisarmos nosso dia a dia, de partilharmos nossas experiências, encantos e desencantos com a prática docente. Este foi um momento para percebermos que quando somos motivados por algo ou por alguém (em nosso caso pelo mestre Francisco de Assis), somos capazes de produzir educação de uma forma agradável, deixando de lado a sensação que às vezes temos que estamos sozinhos na luta por nossos sonhos de uma sociedade melhor e mais justa, pois quando nos sentimos motivados de fato, podemos ir muito além dos horizontes do nosso cotidiano. Percebemos nesses breves, mais prazerosos encontros que através das lembranças de nossas memórias, das histórias de nossas realidades, temos muito a oferecer e a instigar nossos educandos.

Traços históricos e culturais do Cariri paraibano é um livro para as gerações futuras, a fim de que os herdeiros de nossa terra não esqueçam jamais das raízes de nossas inúmeras e diversificadas culturas. Para que nós mesmos não nos esqueçamos das brincadeiras, dos sabores e dos cheiros dos tempos de criança, das histórias de Trancoso que ouvimos e de vários fatos característicos de cada uma das nove cidades aqui representadas por seus professores. Afinal, cada uma

¹Professora de História da Escola Senador José Gaudêncio.

²Professora de Sociologia e Filosofia no ensino médio das escolas Senador Jose Gaudêncio e Maria Balbina Pereira.

dessas cidades é um pequeno pedaço da enorme colcha de retalhos que compõem a cultura do Cariri da Paraíba. Pois conforme o antropólogo Roberto DaMatta (1936):

Todas as sociedades alternam suas vidas entre rotinas e ritos, trabalho e festas, corpo e alma, coisas dos homens e assunto dos deuses, períodos ordinários – onde a vida transcorre sem problemas – e as festas, os ritos, as comemorações, os milagres e as ocasiões extraordinárias, onde tudo pode ser iluminado e visto por novo prisma, posição, perspectiva, ângulo[...]

Nesta perspectiva, faz-se necessária uma Nova História que apresente o protagonismo de todos, que fuja do lugar comum – político administrativo, onde nos reconhecemos como fazedores e sabedores da nossa história. Pautado na premissa do ensino/pesquisa que resulta em um método de construção de conhecimento, os professores da turma de Ciências Humanas nº 02 concretizam este processo através da presente publicação.

A todos uma boa leitura.

AMPARO

AUTORES:

*Claudia dos Santos Oliveira*³

*Ionete Batista*⁴

*Maria das Graças Pereira*⁵

³Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal da Paraíba; Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú; Professora de História no Ensino Fundamental e Médio nas Escolas Ildefonso Anselmo da Silva (rede municipal) e Escola Estadual de Amparo.

⁴Técnica em Magistério; Professora do Ensino Fundamental- anos iniciais, na Escola Ildefonso Anselmo da Silva (Rede municipal); Professora de Geografia para Educação de Jovens e Adultos na Escola Estadual de Amparo.

⁵Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú; Professora de Ciência e Artes na Escola Ildefonso Anselmo da Silva (rede municipal) e de Ciências, artes e Sociologia na Escola Estadual de Amparo.

AMPARO

Capital do amor e da Fé



Imagem: Vista aérea da cidade.

ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Amparo está localizada na Microrregião do Cariri Ocidental e na Mesorregião Borborema do Estado da Paraíba. Sua Área é de 122 km², representando 0.2161% do Estado, 0.0078% da Região e 0.0014% de todo o território Brasileiro. Com uma densidade demográfica de 17,12 km². A sede do município tem uma altitude aproximada de 635 metros distando 247, 7371 km da capital do estado. O acesso é feito, a partir de João Pessoa, pelas rodovias BR 230/ BR 412/ PB 110/ PB 249. Está inserida nas Folhas SUDENE de Prata e Sumé. (Fonte: CPRM).

Limita-se ao Norte com o Estado de Pernambuco, na faixa compreendida da nascente do riacho Jureminha, ao cruzamento da rodovia São Vicente/Pio X na divisa interestadual de Pernambuco; ao Sul e Leste com o Município de Sumé; a Oeste com o município de Ouro Velho.

O clima é do tipo Tropical Semiárido, com chuvas de verão. O período chuvoso se inicia em novembro com término em abril. A precipitação média anual é de 431,8mm. Amparo está inserida na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do Semiárido nordestino, caracterizada por uma superfície de pediplanação bastante monótona, relevo predominantemente suave-ondulado, cortada por vales estreitos, com vertentes dissecadas. A vegetação é basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia.

A emancipação política do município ocorreu no dia 29 de abril de 1994, sendo sua instalação no dia 01 de janeiro de 1997. A origem de Amparo teve início na primeira metade do século XIX com a chegada dos colonos, atraídos pela facilidade da instalação de fazendas de gado, um trabalho já existente realizado pelos índios Sucusus.

O distrito foi criado com a denominação de Amparo, pela Lei estadual nº 826, de 18 de novembro de 1952, pertencendo ao município de Sumé, tendo assim permanecido até 17 de janeiro de 1991. Sendo elevado à categoria de município com a denominação de Amparo, pela lei estadual nº 5.984, de 29 de abril de 1994, emancipando-se de Sumé. E tornando-se finalmente município em 01 de janeiro de 1997.

O processo de ocupação da zona rural do nosso município, segundo alguns moradores mais antigos, deu-se antes da ocupação urbana, devido à imigração de algumas famílias para perto de riachos e açudes.

A Zona rural do município de Amparo é formada por 10 comunidades rurais. Nessas comunidades, a base da subsistência é a agricultura e a criação de cabras, pois muitos agricultores vendem o leite de cabra a uma cooperativa de beneficiamento de leite existente no município. Nessas comunidades, o trabalho é dividido entre homens, mulheres e crianças.

As mulheres se encarregam dos trabalhos domésticos e da fabricação do queijo a ser vendido nos mercados, além

de cuidar dos animais de pequeno porte como galinhas, perus, porcos e cabritos enfeitados pelas cabras. Ainda em algumas casas, por tradição e economia, é comum se cozinhar a lenha, o que torna o trabalho mais pesado, deixando o fogão a gás apenas para ser utilizado no período noturno. Os homens são responsáveis pelo trabalho “mais pesado” do sítio: cuidam dos currais, ordenhas, corte da ração, enchimento os reservatórios de água, em casa e no campo, e manutenção das cercas da propriedade. Garantem ainda o transporte do leite e dos queijos até a sede do município ou a usina de leite. As crianças são incentivadas desde cedo a ajudar os pais no trabalho do sítio ou de casa, porém os pais nunca deixam de matricular seus filhos nas escolas do município, bem como de acompanhá-los nos assuntos relacionados à escola.

O plantio no município começa cedo, nos meados do mês de janeiro, porém devido à mudança da temperatura, houve algumas variações neste período. Plantam-se feijão e milho, como também palma forrageira e capim para os alimentos dos animais. Alguns agricultores usam a terra de outras propriedades por serem melhores para o plantio, todavia, a forma de pagamento ainda é de “terça parte”, isto é, divide-se o lucro e ainda deixam toda a palha da lavoura para os animais do proprietário do terreno. Vale destacar ainda que, com o intuito de melhorar a vida no campo, nos últimos anos, uma parceria do governo federal e municipal beneficiou algumas comunidades rurais com o abastecimento de água encanada nas residências.

Em Amparo destacamos a 1ª comunidade rural do Cariri Ocidental a ser beneficiada com a Unidade Demonstrativa do Projeto Água Doce, que consiste em aproveitar 50% da água salgada ou salobra, transformando em água doce e o restante, que é duas vezes mais salgada, seria aproveitado na criação de camarão e peixe de água salgada, além da irrigação de uma planta forrageira de origem australiana (atriplex ou erva-sal). Esse programa tem como objetivo garantir acesso à água de qualidade para 29 famílias

na comunidade do Agrupamento Fundiário da Fazenda Mata, que reúne aproximadamente 145 moradores, além de mais de 400 habitantes de comunidades difusas. A Unidade Demonstrativa foi desenvolvida pela Embrapa Semiárido para diminuir os impactos ambientais derivados do despejo de concentrados resultantes da dessalinização da água, ou seja, de purificação da água salgada.

A zona urbana do município de Amparo abrange quase todo o comércio local e prédios administrativos. As residências dão lugar a diferentes tipos de comércio, típicos de qualquer cidade do interior. Possuímos uma Escola municipal de ensino infantil e fundamental que funciona durante o turno matutino e vespertino e o mesmo prédio abriga a escola de ensino médio à noite, que é de responsabilidade do governo do Estado da Paraíba.

No cento da Zona Urbana, há uma praça com um coreto e outra com aparelhos de ginástica para a melhor idade. Existe ainda a igreja católica no centro da cidade e duas igrejas evangélicas próximas ao centro.

As ruas na sua maioria são calçadas, com rede de esgoto e coleta de lixo todos os dias. O abastecimento d'água se dá através de poços artesianos ligados às casas, serviço este que não é pago. Em breve teremos nosso abastecimento vindo da adutora do Congo, melhorando a qualidade de água do nosso município.

Na cidade de Amparo, o atendimento médico acontece na Policlínica, prédio recém-construído, com atendimento diário e plantões nos finais de semana. Os equipamentos são modernos e os funcionários qualificados e recém-concursados no município. Temos ainda o centro de reabilitação que atende aos idosos e portadores de necessidades especiais na área de fisioterapia. Na cidade conta também com três conjuntos habitacionais, que foram distribuídos a pessoas sem moradias ou com moradias precárias.

HIDROGRAFIA E PONTOS TURÍSTICOS.

Rios e Riachos

O município de Amparo encontra-se inserido nos domínios da Bacia Hidrográfica do rio Paraíba, Região do Alto Paraíba. Seus principais riachos são o riacho da Jureminha, Cariri, dos Caboclos, do Boi, Soberba, Olho d'Água, do Açude Novo e da Barroca. Os principais mananciais de acumulação são o açude Escurinho e Piões (13.000.000 m³). Tendo como principal corpo de acumulação é a Lagoa do Meio.

O Rio Sucuru, único que corta o município, é temporário. Este rio, em outras décadas, tinha grandes cheias que ocasionava a permanência de tropeiros na região. Temos também alguns riachos temporários como: o riacho da "tapera", que se inicia em Pernambuco e corta a parte sul do município e onde se forma uma cachoeira em tempo de cheia; o riacho do "jatobá" e o "riacho do cariri" que ao seu lado formou-se uma comunidade rural que, devido a suas terras férteis, leva o mesmo nome do riacho.

Lagos e lagoas.

Temos ainda uma lagoa, situada na zona rural do município e esta originou o nome de uma comunidade rural. A "lagoa do Meio" como é mais conhecida, mantém-se cheia nos períodos chuvosos e permanece por muitos meses durante o ano.

Serras

No Município de Amparo temos a serra da "pedra da bicha" que levou esse nome devido a uma onça que habitava lá em décadas passadas. É uma serra que na história de Amparo é muito citada, por ter servido de cemitério no período da febre amarela nos meados do século XVIII.

POPULAÇÃO

Segundo dados do IBGE (2010), a população atual é de 2.088 habitantes, sendo que a maior parte está concentrada na zona rural. A população do município vive da agricultura, do funcionalismo público e de aposentadoria.

Em seguida, veremos alguns dados do cartório em relação a população de Amparo segundo o IBGE(censo 2010):

Nascidos vivos - registrados - lugar do registro: 44 pessoas.

Nascidos vivos - registrados - por lugar de residência da mãe: 43 pessoas.

Nascidos vivos - ocorridos no ano por lugar de residência da mãe: 42 pessoas

Nascidos vivos em hospital - ocorrido no ano - por lugar de residência da mãe: 42 pessoas

Óbitos - ocorridos no ano - lugar do registro: 09 pessoas

Óbitos em hospital - ocorridos no ano - lugar do registro: 04 pessoas

Óbitos - ocorridos no ano - lugar de residência do falecido: 13 pessoas

Óbitos - ocorridos no ano - menores de 1 ano - lugar de residência do falecido: 1 pessoa .

CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO.**SOCIABILIDADE****O afeto:**

A afetividade é o estado psicológico que permite ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser ou objetos. Pode também ser considerado o laço criado entre humanos que, mesmo sem características sexuais,

continua a ter uma parte de "amizade" mais aprofundada⁶.

Amparo, hoje é conhecida como a "capital do Amor" por conta dos carinhos dados aos seus visitantes. Com sua modesta área habitada é aconchegante e tranquila no seu dia a dia.

O afeto entre os moradores do município de Amparo é notório, visto que os mesmos se conhecem há anos e alguns são parentes próximos. Existe entre eles uma troca de favores e respeito mútuo. Essa compensação é feita tomando-os por padrinhos e madrinhas de seus filhos, sejam de batismo ou fogueira. Nas horas que alguém da comunidade necessita de ajuda, é esquecida a cor e o número político.

Quando há um casamento, seja na zona rural ou urbana, as comadres se organizam na preparação do almoço e até no empréstimo das louças a serem usadas no dia, enquanto os homens se encarregam das matanças dos animais e do churrasco.

Situação semelhante é a de um funeral, onde os moradores passam a noite no velório, rezando, confortando os familiares e prestando atendimento ao que vem de longe prestar as últimas homenagens, porque aqui se tem a tradição dos compadres segurarem as alças do caixão durante o trajeto da igreja ao cemitério. E quando o falecido é das famílias tradicionais e mais antigas do nosso município é dado luto naquele dia.

Conflitos

Nossa comunidade, apesar de ser pacata, não foge do padrão dos demais municípios, no que diz respeito às desavenças familiares. Conta-se que existia uma família muito grande e conhecida que tinha homens muito valentes e

⁶ Descrição encontrada em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Afetividade> > em 03 de janeiro de 2011.

mulheres bonitas e namoradeiras. Nesta família havia brigas por motivo de fuxico de mulheres, que tomavam o marido das outras.

Havia também brigas por questões de herança e divisões de corredores conhecidos como corredores de questão, por conta de animais que entravam nas roças alheias.

Por volta dos anos 60, ocorreu uma briga entre irmãos por motivo de invasão de animais em roçados. Um irmão assassinou o outro com um machado, fato esse lembrado até os dias de hoje. Esse crime aconteceu quando uma sobrinha disse a um dos tios que o outro havia aberto a cerca do terreno para o seu gado entrar.

No ano passado, aconteceu o primeiro crime com arma de fogo que temos registro na história do município. O motivo foi por questão de "AMOR". Outros crimes acontecidos até então foram com facas, pauladas e machados.

Alguns moradores mais antigos de nossa região contam que, por volta dos anos 50, na sede do município (antiga São Tomé), aconteceu uma grande rivalidade entre o padre e o prefeito do nosso município. Conta-se também que o padre tinha um carro da época (jipe) e, para provocar o prefeito, fazia rondas nas ruas da cidade, tocando com duas caixas de som e um gravador uma canção bastante conhecida que trazia na letra uma estrofe assim: "você não é doce de coco, mais eu enjoei de você". Comenta-se também que o padre dizia ao prefeito que com seu poder aquisitivo, tirava padre fulano de São Tomé, mas a pessoa dele não saía.

Aspectos Culturais

Quanto às festividades tradicionais do nosso município temos: a festa de São Sebastião (padroeiro), dia 20 de janeiro; e o carnaval, que ainda acontece a moda antiga, característica da região, banho de bica e uso de colorau, maisena e talco.

No mês de maio, são realizadas as novenas na cidade, rezadas na igreja todas as noites. Nos sítios, usa-se a bandeira branca na frente das casas, onde são rezadas as novenas e coroada a Santa.

No último dia da novena, nos sítios, é feito o ritual de queima das flores que enfeitaram o altar da Santa durante todo o mês. Uma banda de pífano vem tocando em procissão e quatro crianças trazem em uma toalha branca as flores secas, que foram usadas durante todo o mês de maio nas novenas. Cantando hinos de louvor a Nossa Senhora, as flores são jogadas na fogueira.

O São João e o São Pedro resgatam o forró pé-de-serra com apresentações dos artistas da terra. Mantemos a tradição da quadrilha matuta, da fogueira acesa e a degustação de comidas típicas como: angu, pamonha, canjica e milho assado e cozinhado.

Nas festas tradicionais de nossa cidade ainda há "a pega de boi": vaqueiros encourados, com os famosos aboios de toadas (músicas improvisadas em versos) e cantorias regionais.

A Vaquejada (festa da derrubada do boi) é uma competição reunindo vaqueiros de outras regiões e Estados vizinhos. Hoje, no nosso município, há duas festas no calendário das vaquejadas no cenário paraibano, uma em janeiro e outra em setembro. No Prado, uma competição com cavalos disparados em que o montador é denominado jóquei, fazem-se apostas para saber qual cavalo chega primeiro. O prado é visitado por diversas pessoas de outros municípios que vêm apostar ou prestigiar a brincadeira. A cavalgada é um passeio saindo da sede do município a outro município vizinho em que homens, mulheres e até crianças saem trajados a caráter regional e montados a cavalos, homenageando antigos vaqueiros, andando em trilhas dos antigos tropeiros e visitando as fazendas de outros municípios vizinhos que trazem histórias.

No cenário artístico da Paraíba temos o compositor, poeta e cantor Abdias Campos, natural desta terra, e querido por todos.

Em relação às plantas medicinais existentes aqui em Amparo, podemos destacar: cajueiro roxo, cumaru, hortelã, jatobá, cabacinha, mussambê, mastruz, entre outros usados na fabricação de lambedor (xarope de açúcar e os chás das ervas juntas), tradicional no tratamento de tosse e resfriados aqui no cariri.

As comidas típicas estão relacionadas com o costume do cariri ocidental: o feijão, a buchada, a carne de bode, a galinha caipira, o xerém de milho, a farinha de milho, o peba, o tatu e algumas aves nativas. Na dança, o que ainda prevalece é o nosso forró, as músicas românticas (chamadas bregas), apesar das músicas eletrônicas estarem invadindo o nosso cariri.

EXPRESSÕES RELIGIOSAS



Imagem: Antiga igreja da cidade

Elementos imateriais

Alguns costumes herdados dos antepassados permanecem até hoje em Amparo, por exemplo, ao se saber que um habitante faleceu, toca-se o sino da igreja matriz para

anunciar a população do acontecido e há um sentido nas vezes que se repica o sino.

Se uma pessoa for mordida (ofendido) por cobra, procura-se um rezador para cuspir a saliva na boca do doente (essa tradição não impede da pessoa ser socorrida em um hospital).

Quando há um velório, algumas pessoas mais velhas e experientes são chamadas a cantar hinos (cânticos de enterro) para encomendar a alma daquela pessoa ao céu.

Ao cair o umbigo de um recém-nascido, é preciso enterrá-lo perto de uma porteira, onde ele (bebê) jamais saberá. E é costume sempre levar a criança a uma rezadeira para tirar os quebrantes ou olhado que outras pessoas colocaram naquela criança. Por sua vez, a rezadeira louva algumas recomendações em nome dos santos, mexendo sempre em forma de cruz umas folhas verdes até que as mesmas murchem, tirando assim o olhado.

Elementos materiais

Nos dias atuais, a confiança e a caridade são restritas a alguns seres. O nosso município não é diferente dos demais; porém, por sermos muito jovens, ainda se mantém o laço da palavra, ainda se faz compra em alguns comércios varejistas, usando a caderneta ou anotando no caderno do proprietário. Por conhecer as pessoas por nome e sobrenome, mantém-se o respeito, chamando as pessoas de maneira a identificar sem erro como Maria de seu Pedro, João de seu Inácio, não importando se é marido, esposa ou filhos. Desta maneira pode ter dez Marias, mas aquela que se fala, nunca será igual às outras.

Não há ocorrências de furtos ou roubos graves no município de Amparo. A honestidade de não se pegar o que não lhe pertence é bastante sugerida tanto nas famílias como nas escolas e catecismos. Por sermos uma comunidade pequena, os comerciantes usam de toda a honestidade com os clientes, pois há uma ajuda mútua entre eles, cada um precisa do outro.

CAMALAU

AUTORES:

*Antônio Mariano Sobrinho*⁷
*Carmen Goretti Oliveira Inô Berto*⁸
*Maria do Carmo Bezerra Farias*⁹
*Quitéria Pereira Mariano*¹⁰

⁷Graduado em Direito pela Faculdade de Caruaru; Licenciado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru; Especialista em história moderna pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais; Professor da E.E.E.F. Médio Pedro Bezerra Filho.

⁸Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú; Professora da E.E.E.F. Médio Pedro Bezerra Filho.

⁹Graduada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú; Professora da E.E.E.F. Médio Pedro Bezerra Filho.

¹⁰Graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Arcoverde; Professora da E.E.E.F. Médio Pedro Bezerra Filho.

CAMALAU

O Ideal de uma escola que mudou uma história



Imagem: Vista aérea da cidade de Camalaú

ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DE CAMALAU

Camalaú é uma denominação de origem indígena – do tupi-guarani –, embora essa língua nunca tenha sido falada na região em que o município está localizado. Na verdade, os nativos que habitavam a área na qual Camalaú veio situar-se curiosamente pertenciam ao tronco Gê ou Tapuia, da grande família dos Cariris ou Kiriris (especificamente da tribo dos Chocós) e dos Tarairiús (Sucurus) que possuíam sua língua característica. E “CAMALAU” parece ter sido o nome de um líder indígena que teria vivido na região, talvez originário da outra comunidade de CAMALAU existente no litoral (e que hoje é o maior bairro da cidade de Cabedelo).

Camalaú, segundo Horácio de Almeida e Coriolano Medeiros, seria a corruptela de “Rio do Camará” (“CAM/BA/RA/Ú”) na língua tupi-guarani ou, como diz o professor Antônio Mariano em seu livro “Rio do Camará – A Epopéia de (mais) um Século”, poderia ser a denominação em tupi-guarani de um acidente geográfico que parece o peito de uma mulher (“CAMA + AU-AU”), alusiva à pedra do salão ou

“pedra da Rajada” existente nas proximidades da sede do Município, entre outras hipóteses.

O município de Camalaú está localizado na Microrregião do Cariri Ocidental, na Mesorregião da Borborema – Estado da Paraíba, no Nordeste do Brasil. Estando a sua sede situada a 7°53’20” - Latitude Sul e 36°49’22” - Longitude Oeste, numa altitude de 521 metros acima do nível do mar. Sua área territorial é de 603,06 quilômetros quadrados, onde vive uma população de 5.749 habitantes, dos quais 2.841 (49,4%) pertencem ao sexo masculino e 2.908 (50,6%) pertence ao sexo feminino. Vivem 2.887 pessoas (50,2%) na zona urbana e 2.862 (49,8%), na zona rural, uma média de 9,5 habitantes por quilômetro quadrado, que ocupam cerca de 1.862 domicílios. Camalaú limita-se com os municípios de São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro, Monteiro, Sumé e Congo, na Paraíba, e com o Município de Jataúba, em Pernambuco. O clima é o semiárido (quente e seco) – BSh de Köppen, com chuvas escassas e irregulares. A vegetação típica é a caatinga, com um grande número de cactos, bromeliáceas e xerófitas. O relevo é bastante irregular e, no geral, o solo apresenta-se como não-cálcio, raso e pedregoso. O município é banhado pela bacia hidrográfica do Rio Paraíba (antigo Rio do Meio e Rio do Espinho ou da Serra, nos quais foram construídos, respectivamente, a Barragem Pública de Camalaú e o Açude Cordeiros), tendo riachos importantes como o da Raposa, Ipueira, Aguazinha, Craibeira, Lamarão, Pinheiro, etc., na região do Alto Paraíba. O município está dividido em dois Distritos: Camalaú (Distrito-Sede) e Pindurão, no qual está situado o povoado do mesmo nome. Existem cerca de cem comunidades rurais (com denominação própria), embora a maioria esteja despovoada devido o sério problema do êxodo rural.

Camalaú está localizada a 331 quilômetros da Capital do Estado. A cidade urbaniza-se cada vez mais rápido e, atualmente, conta com 50,2% da população na zona urbana. O

aumento populacional deve-se, principalmente, ao êxodo rural: as comunidades rurais esvaziam-se, enquanto a cidade incha. Pouco a pouco, porém, a situação tende ao equilíbrio. Atualmente, muitas casas estão sendo construídas, independentemente de projetos governamentais, embora o Poder Público tenha realizado alguns pequenos projetos. O drama da carência de casas residenciais – muito grave no passado – foi parcialmente suprido quando o professor Antônio Mariano Sobrinho e sua esposa doaram de sua pequena propriedade particular, mais de 600 (seiscentos) terrenos (lotes) para a maioria das famílias carentes.

A fundação do povoamento de Camalaú ocorreu em 21 de junho de 1895, quando, oficialmente, Domingos Ferreira de Brito e sua mulher Rosa Maria da Conceição doaram mais de dezesseis hectares de terra à Igreja Católica, para a formação do Patrimônio de São José e organização do povoado, através de José Cardoso da Silva, irmão de Dona Rosa Maria da Conceição, que passou a ser considerado o fundador de Camalaú. As terras doadas, anteriormente, faziam parte da Fazenda Boa Vista, desmembrada da fazenda Camalaú (hoje “Camalaú Velho”), então pertencente aos senhores João José Cardoso da Silva, pai de José Cardoso, e Clemente José de Oliveira, tio e sogro do mesmo fundador de Camalaú. A fundação do povoado provocou alguns atritos entre José Cardoso da Silva, pernambucano da cidade de Caruaru, e o coronel Pedro Bezerra da Silveira Leal (coronel Pedro Monteiro), um dos grandes chefes políticos da época. Por causa disso, aliás, José Cardoso da Silva viu-se forçado a retornar à sua cidade de origem, onde faleceu.

A emancipação política do município de Camalaú ocorreu em 19 de março de 1962, embora a Lei Estadual nº 2.617, que promoveu seu desmembramento do município de Monteiro, tenha sido promulgada pelo Governador Pedro Moreno Gondim em 12 de dezembro de 1961. Com a instalação do município, Camalaú teve o seu primeiro prefeito, Sebastião César Júnior, também conhecido como “Cecé”. É curioso

observar que uma das condições impostas pelos chefes políticos da época da emancipação foi a de que não deveria haver “divisão política” no novo município, ou seja, a oposição deveria morrer e todos os candidatos deveriam ser eleitos por acordo – e isso aconteceu até o ano de 1981, quando o foi reerguida a bandeira da oposição.

A DOMINAÇÃO E A SUBSERVIÊNCIA MARCARAM PRESENÇA NA HISTÓRIA DE CAMALAUÁ DESDE SUA ORIGEM

Em seu processo de colonização e organização como “sociedade moderna”, Camalaú não diferiu muito das demais povoações da região. Tudo começou pela ocupação violenta do “homem branco”: a chegada de Antônio de Oliveira Ledo, em Boqueirão de Carnoió, ao lado dos seus familiares e comandados, no século XVII, expulsando e dominando todos aqueles que não se subordinassem às suas ordens. E, à medida que os núcleos de povoamento iam sendo criados, os coronéis-fazendeiros iam se transformando em coronéis-políticos, passando a controlar um maior número de pessoas. O processo de dominação-subserviência estava, pois, estabelecido. Curiosamente, esse processo era incentivado e amparado pela Igreja Católica, de modo que dominação política e dominação religiosa caminharam sempre de braços dados, tendo como pano de fundo a dominação econômica que, na prática, sustentava as demais. Em tal contexto, os poderosos da época não se apropriavam apenas da terra, dos animais e de outros bens, mas se apropriavam do saber (como em tantos outros lugares do mundo), controlando a vida de milhares e milhares de pessoas. Por isso, ao longo do tempo, a educação escolar era privilégio de alguns poucos. Os filhos dos coronéis tinham as suas oportunidades, todavia os filhos do mais pobres e menos esclarecidos continuavam apenas menos esclarecidos e mais pobres. Em tal contexto, a figura do mestre-escola era bem marcante: o coronel fazendeiro ou o coronel-político contratava um mestre para seus filhos e, por

extensão, o mesmo poderia servir para os filhos dos seus moradores. Assim, a Escola, de certo modo, transformava-se em uma extensão da vida familiar, onde o binômio dominação-subserviência era a tônica das ações educativas. E a igreja estava bem ali, ao lado, sacramentando a doutrina do manda-obedece. Na realidade local-regional, há o caso típico do coronel Sizenando Rafael, prefeito de Monteiro (Camalaú) em 1935-1937, que levou para a sua fazenda (Feijão) o Bispo Dom Joaquim que, posteriormente, foi praticamente expulso apenas por constatar que “na Fazenda Feijão tinha tudo com abundância, menos a caridade” (aqui entendida como respeito à dignidade das pessoas mais pobres).

UM PROJETO DE EDUCAÇÃO COMUNITÁRIA TRANSFORMOU PROFUNDAMENTE A REALIDADE DE UM POVO

Até o ano de 1971, o município de Camalaú não contava com nenhuma Escola de Ensino Fundamental completo, existindo apenas as chamadas “escolas primárias”. Naquele ano, o jovem Antônio Mariano Sobrinho, membro da comunidade, decidiu desenvolver um Projeto de Educação Comunitária que transformaria toda a realidade do Município. O Projeto consistia no seguinte: I - Criação de uma Escola de Primeiro Grau (Ensino Fundamental) completo; II - criação de uma Escola de 2º Grau (Ensino Médio), Técnico em Agropecuária; III - desenvolvimento de diversos projetos comunitários de promoção humana e social; IV - desenvolvimento de atividades culturais e desportivas; V - criação de uma Cooperativa que daria suporte aos alunos, após a conclusão do Curso Agrotécnico. Os quatro primeiros itens foram realizados com pleno êxito, mas, especialmente devido as perseguições políticas, o último item tornou-se impossível. A organização da Sociedade Camalauense para o Desenvolvimento da Educação e da Agropecuária (SOCADEAGRO) e do Centro de Estudos Agrotécnicos “José

Mariano de Farias” (CEAGRO) foram fundamentais para a realização dos trabalhos projetados.

O CEAGRO FOI UM CENTRO DE EDUCAÇÃO PARA A VIDA, UM SINAL DE MUDANÇA E UM SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA CONTRA A DOMINAÇÃO DE ALGUNS E SUBSERVIÊNCIAS DE MUITOS OUTROS

Fundado em 11 de outubro de 1971, a Escola da Comunidade, primeira Escola de Ensino Fundamental e Médio do município (na época “Ginásio Comercial” e, posteriormente, Escola de 1º e 2º Graus), foi mantida e dirigida, durante 20 anos, inclusive como Escola Agrotécnica – Centro de Estudos Agrotécnicos “José Mariano de Farias” (CEAGRO), pelo professor Antônio Mariano Sobrinho. Mesmo sendo no tempo da Ditadura Militar – e especialmente por ser naquele tempo –, aquele educandário objetivava a conscientização do aluno e da comunidade a respeito das suas condições, necessidades, direitos, deveres e possibilidades futuras. Em uma sociedade pouco voltada para o exercício consciente da cidadania e para a liberdade de pensar, o CEAGRO preparava pessoas que refletiam sobre a liberdade do pensar, do falar e do agir com liberdade e responsabilidade, criando condições e oportunidades de as pessoas exercerem a sua cidadania de forma mais livre e consciente. A partir desse trabalho de conscientização, foram realizadas inúmeras atividades de promoção humana e social e o CEAGRO tornou-se um Centro de Educação para a Vida e um sinal de mudança e um símbolo de resistência. Assim, projetos de apoio às pessoas mais carentes da cidade e da zona rural foram realizados, alguns deles, inclusive, com o apoio de entidades internacionais que o seu jovem diretor buscava, objetivando superar os entraves e as perseguições locais e regionais. Na verdade, era uma escola que lutava contra a ditadura nacional, estadual, regional e municipal.

Assim, muitos alunos tornaram-se professores e, quando a Escola Estadual “Pedro Bezerra Filho” foi criada, como educandário de 1º e 2º graus, os ex-alunos do CEAGRO, em grande parte, passaram a ser os seus professores, ocorrendo fato semelhante quando ocorreu a criação da Escola Municipal “Francisco Chaves Ventura”.

A PARTIR DA EDUCAÇÃO ESCOLAR, A INFLUÊNCIA NA IGREJA TORNOU-SE PROFUNDAMENTE MARCANTE

Naquele tempo (início da década de 1970), a Igreja Católica ainda mandava e desmandava de uma forma bem arcaica e tradicional, pois ainda não chegara aqui as renovações do Concílio Vaticano II: os padres trabalhavam sob o controle dos chefes políticos; a igreja vivia presa entre quatro paredes; os evangélicos eram tratados como bodes e nova seita; o espiritismo era coisa do diabo; e até as cadeiras da igreja (e lembramos, aqui as conhecidas “cadeiras de palhinha”) tinham donos e donas que, naturalmente, não eram as pessoas do povo. É neste contexto que um grupo de jovens – com o apoio do padre Teofânio Stallaert – começa a levar sanfonas, vilões e pandeiros para as celebrações das missas, e cria uma festa religiosa diferente e marcante (a Festa de Santo Antônio – a Festa do Fogo Sagrado – hoje em sua 35ª edição) que consistia em 12 grandes celebrações festivas na zona rural, em diferentes lugares, concluídas com grandes festividades na cidade. Depois veio o apoio aos evangélicos que pretendiam fundar a sua igreja. Mais tarde, o mesmo grupo de jovens, coordenado pelo diretor do CEAGRO, passou a realizar os ECUMs (Encontros Ecumênicos de Místicos e Pensadores), periodicamente, congregando todas as religiões e filosofias e, mais tarde, ampliados para os Festivais Holísticos (em 2011, foram realizados o VIII ECUM e o IV FESTIVAL HOLÍSTICO DA PRIMAVERA SERTANEJA).

EM TEMPOS DE SECA, OS ESTUDANTES E PROFESSORES DO CEAGRO SAÍRAM DAS SALAS DE AULAS PARA IREM PERFURAR POÇOS NA ZONA RURAL, ALÉM DE ENSINAR TÉCNICAS AGRÍCOLAS A MUITOS AGRICULTORES

No final da década de 1980 e início de da década de 1990, a escassez das chuvas provocou sérios problemas: na cidade, as pessoas tinham que carregar água em latas e potes de barro, na cabeça, caminhando mais de três quilômetros de distância, enquanto em diversas comunidades da zona rural a situação era de calamidade. Assim, a SOCADEAGRO conseguiu perfurar um poço tubular nas imediações da cidade, sustentando por mais de cinco anos a comunidade urbana carente. E, na zona rural, professores e alunos do CEAGRO saíam das salas de aulas para irem perfurar poços, muitas vezes em subsolo pedregoso e profundidades de até 12 metros. Muitos outros trabalhos de ajuda foram prestados às pessoas e famílias carentes.

O primeiro projeto de Renda Renascença, no município, surgiu na década de 1980, ao lado de outros projetos de promoção social e humana. Esses projetos, mais tarde, serviram como inspiração na implantação do Projeto de Microempresas Grupais na Paraíba, pela Fundação Legião Brasileira de Assistência – FLBA.

Atividades culturais diversas, especialmente ligadas à dança, à música e ao teatro foram desenvolvidas, sendo, inclusive, criado o Teatro Cidade de Deus (ao ar livre). Na época, também foi construída a primeira Quadra Poliesportiva de Camalaú e desenvolvidas várias atividades desportivas.

A partir da implantação do CEAGRO, hábitos e costumes da comunidade foram transformados de modo marcante e relativamente rápido. Campanhas de distribuição de filtros e material para privadas; combates aos “barbeiros” nas casas de taipa; projetos de irrigação (antes nunca feitos); organização de associações; plantação de hortas caseiras e comunitárias; apoio às rendeiras; contestação às injustiças contra os mais pobres e menos prestigiados; distribuição de terrenos para a

construção de casas residenciais – tudo com o apoio e a orientação do CEAGRO/ SOCADEAGRO – trouxeram uma nova mentalidade e, conseqüentemente, novas condições de vida. Até mesmo a Administração Pública (a Prefeitura e a Câmara Municipal) passaram a agir de forma diferente a partir do momento em que ex-alunos do CEAGRO passaram a ser prefeito, vice-prefeitos e vereadores.

CONCLUSÃO.

O trabalho realizado ao longo do tempo comprova que, sem dúvidas, a Educação é fato fundamental para o desenvolvimento e o bem-estar de um povo. O processo educativo, porém, não pode e não deve ser um amontoado de teorias, mas um trabalho de reflexões práticas a partir da realidade em que se trabalha. Por outro lado, é preciso que se entenda a necessidade de uma continuidade, pois a interrupção do processo pode acarretar retrocessos desastrosos, uma vez que a ideologia político-econômica dominante tende sempre a abafar e silenciar a voz dos que defendem a liberdade de pensar, de falar e de agir como um pressuposto básico para o progresso e a felicidade comum. Camalaú e o CEAGRO, hoje, são exemplos dessa realidade. Com o passar dos tempos, a chama ardente daquela educação conscientizadora e libertadora diminuiu bastante, dando lugar ao surgimento de “áreas de penumbra” e até mesmo de “escuridão”... O ideal não morreu, mas morreram algumas práticas educativas que precisam ser revitalizadas. Neste aspecto, Camalaú é um exemplo para muitas outras comunidades do mundo.

NOSSOS SIMBOLOS, NOSSA HISTÓRIA.



HINO DE CAMALAU

Letra e Música: Prof. Antônio Mariano Sobrinho
Aprovado pela Lei Municipal nº 103/71.

Camalaú, és berço de um povo
que avança, buscando a vitória,
guiado por um ideal novo,
ideal de progresso e de glória!

E, a cantar teu valor,

refrão

caminhamos com fé e amor
para a glória do porvir,
quando o Brasil irá sentir
pairar aqui a Mão de Deus
nos feitos imortais dos filhos teus!

O teu nome, esperança traduz.

E, a brilhar sob o céu cor-de-anil,
os teus filhos são focos de luz
Que hão de iluminar o Brasil!

E, a cantar teu valor, etc.

refrão

Neste solo que é paraibano,
nesta terra que é brasileira,
tens por símbolo um divino
arcano:
a estrela da tua Bandeira!

CONGO

AUTORAS:

*Francinete Sales de Sousa
Kátia Carina Mesquita da Cruz
Mirna Miqueliny Ribeiro Souza*

¹¹ Licenciada em pedagogia em regime especial pela UVA, especialista em metodologia de ensino científico pela universidade de Cajazeiras, professora nas escolas Manoel Alves Campos e na escola fundamental do Congo.

¹² Especialista em Educação Contextualizada para a convivência com o semiárido Brasileiro pela Universidade Federal de Campina Grande, Licenciada em Ciências Sociais, Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande,. Professora de Sociologia e Filosofia das Escolas Senador José Gaudêncio e Maria Balbina Pereira. Professora Supervisora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID de Sociologia.

¹³ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé e Aluna Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID de Sociologia.

CONGO

Cidade das águas



Imagem: Açude do Cordeiro

ASPECTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS DA CIDADE DE CONGO.

Congo, de acordo com informações obtidas através do trabalho de curso realizado por José Diones, Maria de Fátima Pereira, Susiane Pereira, Yolanda Suzy, Aparecida de Fátima, Eliane de Lima e Mônica Alves, tem iniciada oficialmente sua história em 1830, com criação de gado na fazenda de propriedade do Capitão José Rodrigues Correia e de sua esposa Emerenciana Campos de Jesus. No ano de 1836, o Capitão fez doação de uma porção de terras no local conhecido como Riachão, para a construção de uma capela em honra a Senhora Santa Ana. Entretanto, devido o terreno não apresentar condições satisfatória para construção da pequena capela, ocorreu uma permuta deste terreno por um outro local, que posteriormente se tornaria a sede do município.

Embora os fatos históricos apontem para o surgimento do Congo por volta de 1830, segundo informações

de Rietveld(2002), existem registros do batismo dos filhos de Manoel Monteiro ocorridos na Capela de Senhora Santa Ana já no ano de 1780. Informações estas que podem ser constatadas no livro de registros de batismo da comarca de São João de Cariri, visto que nessa época o município de Congo pertencia a esta cidade.

Os primeiros prédios da atual cidade foram uma capela e uma casa construída no ano de 1836, sendo seu construtor um preto velho, conhecido como Congo, fugitivo de alguma senzala de Pernambuco. Conforme relatos orais, ele era de origem congoleza, daí a origem do topônimo. Alguns anos mais tarde, o nome da cidade foi mudado para Santa Ana do Cariri, posteriormente, a cidade voltou a sua denominação de Congo. O desenvolvimento da pequena comunidade era crescente e chamou a atenção de muitas famílias de outras regiões que para ali se transferiram e muito contribuíram para o progresso que se verificou. Dentre muitas outras que se destacaram estavam as famílias Correia, Campos, Zeferino, Travassos, Quintans e Lucas.

Em 17 de novembro de 1877, através da lei nº 480, deu-se a elevação do povoado a condição de distrito de São João do Cariri, com o nome de Santana do Congo. Em 1943, com a divisão territorial, passou-se a denominar-se Congo. As gestões para a emancipação política foram lideradas por José de Arimatéa Travassos Nogueira, Miguel Jordão das Neves e João Quintans. O projeto de emancipação foi apresentado pelo Deputado José Afonso Gayoso de Sousa, em concordância com o Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz, sendo o governador nesta época, o Dr. Pedro Moreno Gondim, que nomeou João Quintans como prefeito. O primeiro prefeito eleito pelo povo foi o Senhor Amaro Travassos Nogueira.

A emancipação política ocorreu através da lei nº 2.064 de 27 de abril de 1959 e sua instalação oficial ocorreu somente no dia 15 de maio deste ano. Desmembrando-se assim de São João do Cariri.

O Congo está localizado na microrregião do Cariri Ocidental, próximo à confluência dos rios dos Espinhos, do Meio e Sucuru que formam o rio Paraíba. Apresenta uma densidade demográfica de 17,4 habitantes por km², dista 320 km da capital do estado, João Pessoa, e sua população total é de 4.692 habitantes (IBGE 2010), tendo um IDHS 0, 631 (PNUD/2000). Limita-se ao Norte com o município de Serra Branca, ao sul com o estado do Pernambuco, ao leste com o município de Caraúbas e a oeste com os municípios de Sumé e Camalaú.

Os Sítios e Distritos que compõem o município são: Barra do Rio, Barro Branco, Boqueirão, Caiçara, Conceição, Juá, Laginha, Lagoa da Ilha, Lagoa do Juazeiro, Lagoa Funda, Lagoa Tapada, Maracajá, Atombo, Melancia, Mulungu, Poço Comprido, Poço Verde, Prado, Quim-Quim, Retiro, Riachão, Riacho do Algodão, Riacho do Meio, Salgadinho, Salina, Santa Rita, São Braz, São Joãozinho, São José, Serrote Apertado, Tapera, Tatu, Ventura e os Distritos do Carmo e do Pindurão.

A população rural é oriunda de propriedades de médio e pequeno porte que são a base da economia local e responsáveis pela produção e comercialização de alimentos como hortifrutigranjeiros e derivados de leite e carne. O município não conta como nenhum tipo de atividade industrial e o comércio local é baseado em pequenos e poucos estabelecimentos, tendo assim como principal fonte de renda para a população os benefícios advindos do INSS e do Governo Federal, como o programa Bolsa Família que representa uma parte significativa da renda de nossa população, bem como os salários pagos pelo Estado e Município.

A cidade conta com 01 biblioteca pública, 01 ginásio esportivo, 01 emissora de rádio comunitária (Congo FM), 01 banda filarmônica e diversos artistas da música local, (Grupo de bacamarteiros e emboladoras de coco de roda), além de

bandas musicais que valorizam os talentos locais (Banda Kerosene, dentre outras).

O município de Congo conta com 23 associações comunitárias distribuídas em vários segmentos: associações comunitárias de moradores; associação de ovinocaprinocultores; apicultores; agricultores familiares, pescadores, produtores de leite, artesões. Dentre as entidades comunitárias, podemos ainda citar a Pastoral da Criança, que trabalha incessantemente para a erradicação da desnutrição infantil. No segmento religioso temos as igrejas evangélicas de várias congregações e a Igreja católica e suas capelas distribuídas nas zonas rurais de nosso município.

Temos 48,8% do município abastecido pelas águas do açude do Cordeiro, o mesmo distribui água para várias cidades da região do cariri (Sumé, Serra Branca, São João do Cariri), através do sistema adutor do Congo, entretanto em nossa cidade a água não passa por nenhum sistema de tratamento de água, a não ser a cloração de água, ação essa que não depende do poder público municipal, visto ser o açude do Cordeiro pertencente à esfera estadual.

O município tem implantado desde 2001 o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) que atende 64 crianças e adolescentes na faixa etária de 07 a 15 anos e também o Programa Projovem adolescente que atende a 125 jovens de 15 a 17 anos em situação de risco social. O município conta ainda com 01 creche que atende a 189 crianças de 0 a 6 anos, o Programa da Terceira Idade que atende 50 idosos de ambos os sexos com atividades socioeducativas, ações essas todas vinculadas de forma efetiva ao Centro de Referência da Assistência Social – CRAS.

Do ponto de vista climático, o Congo tem como clima predominante o tropical semiárido, marcado pela forte insolação, pela baixa nebulosidade, por elevadas taxas de evaporação, por temperaturas constantes e relativamente altas e pelo regime de chuvas marcado pela irregularidade e concentração das precipitações pluviométricas num curto período de tempo. A pluviosidade média varia de 460 a 500

mm, com temperaturas que variam de 18° a 32° C. Em toda a região, pouquíssimos rios e corpos d'água são perenes e as condições reduzidas para armazenamento de água subterrânea agravam ainda mais a seca e aumentam o risco de desertificação em toda a região.

A cidade possui casario colonial modesto e bem conservado. Ponto de partida para as cidades pernambucanas de Santa Cruz do Capibaribe, Caruaru e Recife. Limita-se com o Estado de Pernambuco e os municípios de Camalaú (12 km), Sumé (28 km), Serra Branca (35 km), Coxixola (18 km) e Caraúbas (12 km).

3.1 Eventos

Festa da Padroeira – Uma das mais tradicionais e antigas do Cariri Ocidental. Segundo documentos encontrados em um cartório na cidade do Brejo da Madre de Deus o novenário de Santa Ana teve seu início no ano de 1801. A comunidade do Congo celebra a festa de Nossa Senhora Santa Ana em 26 de julho de todos os anos, atraindo milhares de fiéis e filhos da cidade para conviverem em clima de confraternização, tanto no aspecto religioso como no social. A Diocese realiza as Santas Missões populares com as participações de fiéis e instituições de vários segmentos.

Carnaval no Rabo do Pavão – A cidade oferece um dos maiores carnavais do Cariri. Um dos pontos turísticos mais atrativos da região, o Rabo do Pavão é um balneário localizado no açude Cordeiro, onde é realizado um dos carnavais mais animados da região, atraindo visitantes dos municípios da Paraíba e de Pernambuco. Durante os três dias de carnaval, o balneário do Rabo do Pavão tem animação de orquestras de frevos, além de contar com uma mega estrutura de restaurantes, bares, banheiros e seguranças.

¹⁴ Informação contida no trabalho de conclusão de curso Resgate Histórico do Congo(2009)

Aniversário da cidade - Comemorado em 15 de maio, atualmente esta festa se consolida como um dos maiores eventos da região, atraindo turistas de toda a redondeza, bem como do vizinho estado do Pernambuco.

PONTOS TURÍSTICOS



Imagem: Pedra do Letreiro

Balneário Rabo do Pavão – Localizado no açude do Cordeiro, realiza o maior carnaval molhado da região, anualmente reúne aproximadamente 10.000 pessoas de toda a Paraíba e de estados vizinhos.

Paraíso da Serra - A simplicidade, a tranquilidade e uma paisagem deslumbrante tornam o local ideal para a prática de trilhas ecológicas, escalada, rapel, banhos de açude, passeios de lancha, cavalo, restaurante, bar, parque infantil, salão de jogos, campo de futebol e vista panorâmica do açude cordeiro.

Barriguda Centenária - Localizada entre os sítios Barra do Rio e Riacho do Algodão, a árvore de uma espécie nativa do nordeste também é conhecida por Paineira, devido

o fato de que seus frutos quando secos liberarem a paina, que antigamente era utilizada para o enchimento de travesseiros. A Barriguda centenária do município do Congo possui um caule que chega a medir 1 metro de diâmetro, sendo este repleto de espinhos. De uma madeira mole, leve e de pouca resistência, suas folhas têm tonalidade branca e roseadas e seus frutos, pendurados por pequenos ramos, uma aparência que lembra um mamão verde. As sementes dentro do fruto ficam envoltas em uma paina que quando o fruto é rompido é levada pelos ventos. A Barriguda, quando adulta, pode chegar à altura de 10 a 15 metros. Com copa larga e muito ramificada, no inverno essa belíssima árvore perde suas folhagens e ganha belíssimas flores.

Pedra do letreiro - Formação rochosa que chama a atenção por ser uma pedra de aproximadamente 300 toneladas, sobreposta à outra pedra de 100 toneladas. Ao seu redor (abaixo) existe uma área livre com extensão de 60 m². No interior da Pedra do letreiro, foram encontradas inscrições rupestres de infinita beleza.

Pedra do Gavião - Formação rochosa que fica a 30 metros abaixo do cume da Serra da Engabelada. Caracteriza-se por ter em seu interior ninho da águia Chilena (Águia brasileira).

Pedra do Fubá - Lasca de pedra de 500 toneladas que, quando pisada, emite um som que parece dizer: "Fubá é bom".

Serra da Engabelada - Caracterizada por ser um sítio arqueológico, esta montanha rochosa tem como peculiaridade seu isolamento, isto é, não pertence a uma cadeia de montanhas. Com 821 metros de elevação, tem esse nome devido à ilusão óptica de que para onde se olha está de frente a montanha, fazendo-nos ter a sensação de que a serra nos segue. Por sentirmos essa sensação diz-se que ela nos

“engabela¹⁵”, daí ser chamada de “Serra da Engabelada. Segundo informações do trabalho acadêmico de José Diones e outros autores, este sítio encontra-se a uma distância de 10 km da sede do município. O acesso ao sítio arqueológico Serra da Engabelada é realizado através da estrada de regular conservação. O rochedo se estende por mais de 100 m² e é cercado pela vegetação do tipo caatinga. Na Serra da Engabelada podemos encontrar aproximadamente 22 inscrições rupestres reconhecidas como esquemático, mãos carimbadas, e várias outras que não podem ser identificadas visualmente.

Cachoeira do Riachão - Na época das chuvas, forma-se uma cachoeira natural e um lago de 250 metros quadrados onde as pessoas tomam banho e se divertem.

Pedra do Ramallete – É uma formação de origem granítica, localizada a cinco quilômetros do centro urbano do município. A Pedra do Ramallete fica a pouco mais de cem metros da estrada de barro que liga o município do Congo a outras localidades. Inserida na localidade da Laginha, tem mais de seis metros de largura e cinco de altura. Neste local podemos encontrar também inúmeras inscrições rupestres em cores vermelhas.

Tapera clube - Localizado no sítio Tapera, este balneário, aberto aos domingos e feriados, abrange uma área de 200 m². É um lugar atrativo onde famílias do município dispõem de piscinas e música ao vivo.

¹⁵ Engana, ilude.

CULTURA E TRADIÇÃO

Filarmônica Santa Ana:

Fundada em 1º de junho de 1997 pelo empresário José Lucas da Silva e por Braz Fernandes de Oliveira, prefeito da época. Teve sua primeira apresentação pública em 15 de maio de 1998, data do aniversário de emancipação política do Congo, ocasião em que desfilou pela cidade causando orgulho em todos os congolenses. A segunda apresentação foi na festa da padroeira Santa Ana.

Em quase 12 anos de existência, a Sociedade Filarmônica Santa Ana fez apresentações em várias cidades da Paraíba como Boqueirão, Sumé, Monteiro, Boa Vista, Amparo, Coxixola, Camalaú, Bananeiras, Campina Grande e em cidades pernambucanas como Santa Cruz do Capibaribe e Jataúba. Participou também de Vários encontros e festivais de bandas.

No histórico de conquista da nossa filarmônica estão: 2º lugar em dois anos consecutivos (2002 e 2003) no campeonato paraibano de bandas disputados na cidade de João Pessoa; 1º lugar no mesmo campeonato no ano de 2004 disputado também em João Pessoa; 3º lugar no campeonato Nacional de bandas disputado na cidade de Socorro - SP no ano de 2004; 1º lugar no campeonato paraibano de bandas disputado na cidade do Congo no ano de 2005, o que representa mais uma conquista por esta ser a cidade natal dessa filarmônica.

O principal objetivo da Sociedade Filarmônica Santa Ana é ensinar a arte musical a crianças, jovens e adultos, tirando-os das ruas, e socializando-os, tornando-os conhecedores e propagadores da nossa cultura e formando profissionais na área. A Sociedade Filarmônica Santa Ana, desde sua fundação, está sob o comando do conceituado Maestro Gedeão Faustino Nunes Filho que, ao longo desses anos, desempenha um trabalho que é exemplo em toda Paraíba, o que fica evidente nas conquistas da nossa filarmônica.

Atualmente a banda filarmônica Santa Ana obteve aprovação do projeto “Ponto de Cultura” (do programa cultura viva/MINC).

Bacamarteiros:

Grupo formado atualmente por 12 integrantes de gerações distintas, tendo o grupo já possuído 35 integrantes¹⁶. Os bacamarteiros têm por característica o estouro do bacamarte (mosquetões que foram usados na Guerra do Paraguai). As apresentações são realizadas pelas principais ruas da cidade com as fardas na cor “Caqui” e bacamartes originais. O mais importante a ressaltar sobre os Bacamarteiros na cidade de Congo é que os mesmos são liderados pela mesma família há mais de 80 anos. Todos os componentes do grupo residem na cidade de Congo.

Segundo informações, o grupo foi criado pelo Senhor João Nunes de Moura e existe desde 1921. Atualmente a cor do fardamento foi mudada para o azul e apenas cinco integrantes disparam o bacamarte artesanal. Em relatos orais dos mais antigos da cidade, aponta-se a informação que o fundador do grupo de bacamarteiros era descendente direto do preto velho “Congo”.

Um episódio interessante é que certa vez o grupo de bacamarteiros do Congo foi chamado para se apresentar em outra cidade, tendo o mesmo ido em cima de um caminhão. Ao chegarem armados na cidade, surpreenderam os moradores e foram impedidos de se apresentarem. Suas apresentações são em sua maioria ocorridas no mês de junho, sendo estes os únicos do gênero encontrados no Cariri da Paraíba.

¹⁶ Informações obtidas através do trabalho de conclusão de curso “Resgate Histórico do Congo” realizado por Antônia Veranice, Luciene Araújo, Leandra Calu, Mere Girliane, Maria de Fátima Alves, Patrícia Andrade e Maria Gilvânia no ano de 2009.

Coco de Roda:

Teve sua origem no sítio algodão há mais de 100 anos e foi passado de geração em geração. Segundo as informações do trabalho de conclusão de curso citado anteriormente, tudo teve início com índios caboclos bravos que residiam na pedra com pinturas rupestres que se encontra aos pés da Serra da Engabelada. Dizem que os índios, na busca por entretenimento, pegaram seus berimbaus e começaram a tocar e a dançar. No decorrer dos tempos, a dança de “Coco de Roda” foi tornando-se tradição na região e atualmente conta com 12 pares de integrantes fazendo várias apresentações na cidade e em toda a circunvizinhança.

“Cantigas do Coco de Roda: Cheguei, Zezinho, Dia, Eu quero beber água, Quatro meninas, Passarinho verde, Cirandinha, Cravo Branco, Maré do Caranguejos, Meu cavalo.”

Cemitério velho:

É um dos mais antigos do Cariri, sendo este o primeiro cemitério murado do Cariri. Tem aproximadamente 150 anos de existência e nele estão enterradas figuras ilustres como o Coronel Manuel Alves Campos, família do governador do estado de Pernambuco Eduardo Campos.

A lenda do Carneiro de Ouro:

Segundo os relatos orais dos moradores do sítio Barra do Rio colhidos em 2007, o Carneiro de Ouro aparece reluzindo e passando de um lado a outro da serra da Engabelada. Segundo a crença popular, quando ele surge é o presságio que o ano será bom de inverno, de lucro e de fartura. Esse seria o sinal de Deus dizendo que é ano de colher muito milho, feijão e algodão. Os chifres do Carneiro de Ouro reluzem de forma tão brilhante que chegam a cegar momentaneamente os olhos dos homens que, durante o dia ou à noite, caçam na Serra da Engabelada. O reflexo do Carneiro é ágil fazendo com que o mesmo mova-se com bastante facilidade e em segundos

inexplicavelmente desaparecendo sem deixar vestígio algum de onde teria vindo ou para onde teria partido.

Cânticos de Inselências:

Eram cantigas entoadas durante toda a noite quando se morria alguém da comunidade. Antes de começarem os cânticos de inselência, perguntava-se se os donos da casa aceitavam, em seguida eram acesas 12 velas para que os entoados tivessem início por 12 vezes seguidas. Isso ocorria para que as pessoas que viessem para o velório não fossem embora e deixassem o defunto só durante a noite. Antigamente nas cidades de interior esta era uma prática comum.

CÂNTICO DE INSELÊNCIA:

Uma vela vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Duas velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma piedosa

Três velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Quatro velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Sete velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Oito velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Nove velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Dez velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Cinco velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Seis velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Refrão

Mãe Celeste da Virgem Maria
E do Vosso ventre formou-se
um sacrário
Senhora Santa Ana sois tão
bela,
Rogai por ele(a)! (BIS)

Onze velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Doze velas vou ascender,
Uma inselência vou rezar,
Para esta pobre alma
piedosa.

Refrão

Uma inselência de São
Benedito,
Ele chorava, ele se mal dizia,
Oh estrela gloriosa! Oh
estrela gloriosa! (BIS)

MONTEIRO

AUTORES:

- Aldenizia Anastácio*¹⁷
*Cleonice Maria Pires de Farias*¹⁸
*Cristiane Nunes*¹⁹
*Diogo Kleber de Freitas*²⁰
*Evanice Leandro dos Santos*²¹
*Graças de Fátima Caldeira*²²
*Ivanete Bezerra da Silva*²³
*Jaqueline Santa Cruz Martins*²⁴
*João Helly Gonçalves*²⁵
*Josefa Petronila Leandro*²⁶
*Márcia Guedes Batista Marques*²⁷
*Maria das Dores Brito Patriota*²⁸
*Maria do Desterro Egidio*²⁹

¹⁷ Graduação em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Professora da E.E.E.F. Médio José Leite de Sousa

¹⁸ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Professora da E.E.E.F Médio João de Oliveira Chaves.

¹⁹ Graduada em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Professora da escola E.E.F.Médio João de Oliveira Chaves.

²⁰ Graduado em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Professor da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa.

²¹ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Especialista em supervisão e orientação educacional pela Faculdade Integrada de Patos; professora da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa.

²² Graduado em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; professor da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa, Especialista em psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos.

²³ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Especialista em psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos; professora da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa.

²⁴ Graduado em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; professora da escola E.E.F.Médio João de Oliveira Chaves.

²⁶ Graduado em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; professora da escola Santa Filomena.

²⁷ Graduada em Pedagogia pela UVA (Universidade do Vale do Acaraú), professora da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa.

²⁸ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; professora da E.E.E.F Médio João de Oliveira Chaves.

²⁹ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; professora da E.E.E.F Médio José Leite de Sousa.

Maria Genilda da Silva³⁰
 Marlene Bispo Sobra³¹
 Sebastião Pereira Neto³²
 Sílvia Caldeira³³
 Sônia Batista de Queiroz³⁴
 Teresa Cristina Ferreira³⁵

³⁰ Graduada em Ciências Sociais pela UFCG, professora da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa.

³¹ Graduada em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; professora da escola E.E.F. Médio João de Oliveira Chaves.

³² Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, Professora da E.E.E. Santa Filomena.

³³ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, professora da E.M.E.F Maria Adalice.

³⁴ Graduada em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde, professora da escola E.E.E.F e Médio José Leite de Sousa.

³⁵ Graduada em Geografia pela Autarquia de Ensino Superior de Arcoverde; Especialista em Supervisão e orientação educacional pela Faculdade Integrada de Patos.

MONTEIRO

Cidade Bela



Imagem: Igreja Matriz de Nossa Senhora Das Dores

ASPECTOS HISTÓRICOS DE MONTEIRO

Monteiro, antes do surgir oficialmente na história, era uma área de fazendeiros e criadores de gado. No final do século XVIII, algumas famílias lá se estabeleceram e, em 1800, Manoel Monteiro do Nascimento desmembrou uma área de sua fazenda, chamada Lagoa do Periperi, para construir uma capela consagrada a Nossa Senhora das Dores, distante 300 metros da margem do Rio Paraíba.

A beleza do local foi atraindo habitantes e, em pouco tempo, formou-se um povoado que, em 1840, deixou de ser Lagoa do Periperi e passou a se chamar Povoação da Lagoa (havia apenas duas casas de telha na época). Pouco tempo depois, em homenagem ao seu fundador, o povoado recebeu o nome de Alagoa do Monteiro.

O distrito de Alagoa do Monteiro foi criado pela Lei Provincial nº. 194, de 4 de setembro de 1865. A cidade foi sendo erguida à margem do Rio Paraíba que nasce na Serra do Jabitacá, a 24 quilômetros da cidade. Tornou-se município por meio da Lei nº 457, de 28 de junho de 1872, com território desmembrado de São João do Cariri. O município de Monteiro, que fica a 319 quilômetros de João Pessoa, está localizado na Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano, da qual é a parte mais característica. Limita-se ao Norte com o município de Prata (PB); Oeste, com Sertânia, Iguaraci e Tuparetama (PE); ao Sul, com São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê (PB); e, ao Leste, com Camalaú e Sumé (PB).

Com uma área de 1.009,90 km², Monteiro é o maior município do Estado. Segundo o Censo de 2000, tem uma população de 27.687 habitantes e possui uma bacia hidrográfica formada por um rio temporário, o Paraíba, e quatro açudes: Pocinhos, com capacidade para armazenar 5.900.000m³ de água; Poções, 29.106.000m³; São José, 3.000.000m³; e Serrote, 3.000.000m³.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

Monteiro é um município do estado da Paraíba que está localizado na microrregião do Cariri Ocidental. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 2010 sua população era estimada em 30.844 habitantes. Com uma área territorial de 986,370 km² é o maior município do estado. Destaca-se também pela

caprinocultura e ovinocultura, cujo grau de desenvolvimento está entre um dos mais altos do nordeste. Seus rebanhos também são um dos maiores do nordeste, além de ter animais com alta qualidade genética PO (puro de origem), como também um grande número de pequenos criadores de Cabra Leiteira.

Na hidrografia de Monteiro, os rios fazem parte dos grupos Rios Litorâneos. Grupo dos Rios Litorâneos são rios que nascem na Serra da Borborema e vão em busca do litoral paraibano para desaguar no Oceano Atlântico. Entre estes tipos de rios podemos destacar o Rio Paraíba, que nasce no alto da Serra de Jabitacá, no município de Monteiro, com uma extensão de 360 km de curso d'água, correndo com seus afluentes em direção ao mar, constituindo na maior "bacia hidrográfica" do Estado. O rio Paraíba, com aproximadamente 300 km de extensão, nasce na serra do Jabitacá, no município de Monteiro, com o nome de rio do Meio, sendo sua mais alta vertente o Pico da Bolandeira a 1.079 metros de altitude. Apesar desta ser a mais íngreme vertente, o rio Paraíba forma-se do encontro dos rios do Meio, Sucuru e da Serra (ou Umbuzeiro), quando seu leito fica mais largo e definido. A bacia do rio Paraíba corresponde a 18.000 km² e representa 32% da área territorial do estado, que tem mais de 60% de suas fronteiras constituídas de divisores de águas, sendo que o contorno sul quase reproduz em escala maior a bacia do rio Paraíba, que deu nome ao estado.

O significado mais aceito de "Paraíba", de origem Tupi, é rio mau, numa referência à dificuldade natural que o rio apresentava no início da colonização. A várzea era coberta de matas e quando as marés penetravam, formavam lamaçais, desaparecendo as margens firmes e dificultando o acesso. O rio Paraíba nasce numa das regiões mais secas do estado e deságua numa região de grande fertilidade e riqueza, a região canavieira.

OS CONFLITOS



Imagem: Vista aérea do centro de Monteiro

A Revolução de Monteiro de 1911 a 1912: "A Guerra de Doze"

João de Santa Cruz Oliveira, proveniente da vila de Correntes no Agreste de Pernambuco, chegou à vila de Alagoa de Monteiro na segunda metade do século XIX. Casou-se com Ornicinda Bezerra, filha do Tenente Manoel dos Santos Bezerra, de família tradicional do Cariri Paraibano. Logo se tornou figura destacada na região, dono de várias fazendas, coronel da Guarda Nacional, político influente e deputado provincial pelo Partido Liberal na 25ª Legislatura (1884/1885). O casal João e Ornicinda teve cinco filhos: Miguel, Arthur, Augusto, Theotonio e Francisca. Os três primeiros se formaram na instituição de ensino mais prestigiada do país naquela época: a Faculdade de Direito do Recife, onde Miguel formou-se em 1891 e Artur e Augusto em 1895.

Durante alguns anos, em Monteiro, o comando político havia sido da família Santa Cruz. Além do Cel. João de

Santa Cruz Oliveira, Miguel de Santa Cruz Oliveira, seu filho mais velho, também se destacou na vida pública, tendo sido deputado provincial em 1892 e 1894.

O Dr. Augusto de Santa Cruz Oliveira era mais afeito à política do que os irmãos Arthur e Miguel, que preferiram dedicar-se à magistratura, tendo ocupado ambos e por várias vezes cargos de juiz e promotor em diferentes comarcas da Paraíba, Pernambuco e Alagoas. O irmão Theotonio de Santa Cruz Oliveira, conhecido por "Seu Santos", mais novo, apaixonado pelas lides rurais, vivia nas fazendas da família. Pelo temperamento, pelo gosto da luta e pela vocação, Augusto foi o herdeiro político natural do pai, que havia falecido antes de 1895. Aos 23 anos, em 1898, já era promotor público em Monteiro.

No início do século XX, o presidente da província da Paraíba Álvaro Machado, querendo dismantlar o poder exercido pelos Santa Cruz na região, resolveu investir na liderança do Cel. Pedro Bezerra da Silveira Leal, homem de origem humilde que havia galgado seu posto às custas de esforço pessoal, sem proceder de família importante. Além disso, era semianalfabeto. Aos olhos do poder central, sediado na capital, seria uma figura mais fácil de manobrar do que o voluntarioso e ilustrado bacharel Santa Cruz, afeito ao poder, ao mando, carismático, possuidor de vontade própria, com projetos políticos pessoais e liderança consolidada e incontestável.

A indicação pelo governo central do coronel Pedro Bezerra soou para Augusto como um desprestígio, um insulto às suas qualidades. Formado, promotor, ilustrado, rico, filho de família tradicional, não se conformava em ser preterido dessa forma. A mesma coisa havia ocorrido no vizinho município paraibano de Teixeira, onde o comando político havia sido transferido para o Coronel Dario Ramalho de Carvalho Lima, em detrimento do Dr. Franklin Dantas, médico, líder político até então.

Rompido com os chefes locais, o Dr. Augusto Santa Cruz protagonizou uma série de episódios onde imperou a violência, com perseguições, espancamentos, invasões de vilas, tiroteios e mortes. Em 1910, rompeu com Pedro Bezerra, envolveu-se em emboscadas e invadiu a vila de São Tomé (atualmente a cidade de Sumé-PB).

Por esses crimes foi pronunciado pela Justiça. Inconformado, em maio de 1911, cercou a vila de Monteiro com 200 homens armados sob o seu comando, quebrou a cadeia, libertou os presos e fez vista grossa aos desatinos que seus homens cometeram pela cidade, quebrando portas, saqueando lojas e bens dos inimigos. Ao final da escaramuça, tomou como reféns as autoridades locais, conduzindo os prisioneiros para sua fazenda Areal. Augusto Santa Cruz pretendia negociar a liberdade deles em troca de anistia dos crimes pelos quais estava sendo acusado.

O governador ignorou os pedidos de negociação e enviou força policial a Monteiro para prendê-lo e libertar os reféns. A fazenda Areal foi atacada pelas tropas e, depois de intenso tiroteio, Santa Cruz conseguiu evadir-se com seus homens. Os reféns foram sendo soltos aos poucos, ou foram fugindo, aproveitando as brechas da segurança. A força policial, depois do cerco, queimou completamente a fazenda, destruindo tudo o que encontrou pela frente. Mas Santa Cruz não desistiu. Reorganizou suas forças, aliou-se a Franklin Dantas, líder também desprestigiado no Teixeira, junto com o qual traçou planos de invadir a capital da Paraíba. Para isso, conseguiu reunir um “exército” de mais de 400 homens, entre moradores, empregados, fugitivos da justiça, ex-cangaceiros, amigos e parentes.

Em maio de 1912, à frente dessa beligerante coluna, o Dr. Augusto Santa Cruz invadiu Patos, Taperoá, Santa Luzia do Sabugi, Soledade e São João do Cariri. A partir daí, frente à resistência oferecida pelo governo estadual e vendo a impossibilidade de continuar tendo sucesso no tresloucado projeto, fugiu para Pernambuco e em março de 1913 foi submetido a júri popular em Monteiro, com os irmãos Miguel

e Arthur atuando na defesa, sendo absolvido por unanimidade.

Depois disso, exerceu o cargo de juiz de Direito em várias localidades de Pernambuco. Aposentou-se em Limoeiro-PE, onde faleceu, em 31 de outubro de 1944, aos 69 anos de idade.

Dia de Feira no Interior

A cidade de Monteiro tem uma das maiores feiras do cariri. É sempre um momento prazeroso para o matuto, pois ele aproveita para fazer sua feira, ver os amigos de outras regiões e participar das celebrações religiosas. Mas dois fatos marcaram de forma negativa a História da feira de Monteiro.

O primeiro ocorreu no dia 20 de novembro de 1956. Duas famílias tradicionais do nosso município protagonizaram um conflito que terminou com a morte de três irmãos de uma família e um da outra família. Esse fato ficou conhecido como a “chacina do mercado”.

Tudo começou quando um membro de uma das famílias foi fazer uma queixa sobre uma criação de bode. Ele disse que se a criação de bode entrasse em suas terras, ele a mataria. O dono da criação, revoltado, respondeu que ele não era homem para isso e foi logo sacando uma faca. Antes de desferir os golpes, ele foi atingido com dois tiros de uma arma chamada bereta, também conhecida como “dois tiros e uma carreira”. O homem baleado foi socorrido para o antigo SANDU (hoje o hospital), enquanto o que atirou se evadiu do local. Um espectador que viu toda a cena foi correndo e disse a três irmãos da vítima que o irmão deles tinha sido atingido com dois tiros e achava que o mesmo não escaparia. Com intuito de vingar a morte, eles foram até o mercado público onde três irmãos do acusado trabalhavam como missangueiros em suas tordas (barracas). Por sua vez, estes não sabiam o que seu irmão tinha feito. Os três irmãos da vítima chegaram e, sem falar nada, foram logo esfaqueando os irmãos do incriminado, que não tiveram com se defender.

Um morreu no local e os outros foram socorridos, mas morreram pouco tempo depois.

Os criminosos foram todos presos. O que atirou primeiro foi condenado a nove anos de prisão. Dois, dos três irmãos assassinos, fugiram da cadeia para São Paulo e nunca foram julgados. Só um foi julgado e condenado a doze anos de prisão.

O segundo fato foi um acidente que ocorreu na saída de Monteiro, próximo ao Posto Bela vista. Foi um dos maiores acidentes já registrados na BR 412 que liga Monteiro a João Pessoa. Tudo aconteceu por volta das 16:00 h do sábado de aleluia de 1986, quando uma caminhoneta carregada de feirantes com destino ao sítio Gameleira, conduzida por “Zé galego” colidiu violentamente com um caminhão que viajava em direção ao Estado de Pernambuco. Na caminhoneta, viajavam 22 pessoas: 18 morreram e apenas 4 sobreviveram a esta fatalidade. Segundo relato de um dos ocupantes, Zé galego tentou passar um cigarro para um dos passageiros que viajava na carroceria do veículo.

CURIOSIDADES

Aspectos sobre ruas e bairro da cidade

Travessa Cecílios Simões - O Beco do Amor

Nas adjacências do canal da cidade, determinada travessa ficou conhecida como Beco do Amor porque lá havia uma mulher conhecida pelo nome de Zefa, que tinha um bar onde atraía homens que viviam situações amorosas difíceis, as chamadas "roedeiras", ou estavam à procura de um novo amor.

Rua do Catarro

Monteiro era conhecida por seu clima milagroso, uma vez que muitos vinham de terras longínquas para serem curados de males respiratórios e principalmente da tuberculose que afligia tantas pessoas. Nesta época, sem medicina para

atender toda essa população, o clima servia como elixir natural que trataria, sem custos, dos enfermos. Uma antiga rua, onde ficavam muitas pessoas que sofriam dessa enfermidade, ficou conhecida popularmente como a Rua do Catarro. Ela foi lembrada por Pedro Nunes Filho em seu livro *Guerreiro Togado*:

Rua do Catarro – Por seu clima recuperador de doenças de peito, Alagoa do Monteiro atraiu muitos doentes de tuberculose, tendo os menos afortunados formado uma rua um pouco afastada do centro residencial, popularmente denominada de Rua do Catarro (NUNES FILHO, 1997, p.504)

Outra referência a Rua do Catarro está no livro “Herança de Manuel Monteiro”:

Já o clima da região tem a fama [...] de ser bom para o tratamento de afecções pulmonares. Lá também havia a antiga Rua do Catarro (hoje a rua Capitão Antonio Vicente), nome dado devido a gripes constantes, causadas pela umidade adjacente.” (RIETVELD, 2002, p.11)

José Rafael de Menezes também escreveu em seu livro “O Testemunho dos bem Nascidos” lembrando o milagroso clima monteirense:

A Alagoa de Monteiro, infância de Jansen, vale pelo clima. Clima que rendeu como sanatório, no tempo em que a tuberculose se curava pela pureza do ar. Ar seco de montanha suíça. O planalto da Borborema servia aos jornalistas, poetas

e professores entusiasmados no Recife. Comerciantes portugueses pelo meio. Muitos deles, curados, domiciliaram na cidade que lhes devolvera a saúde, consorciando-se afortunados (MENEZES, 1997, p. 92).

Sob este clima tão saudável e milagroso criou-se uma sociedade com uma saúde que até seus atletas ganhavam destaque por seu fôlego e energia invejável. Nos jogos de futebol de Alagoa do Monteiro, havia um malabarismo dos jovens sadios, favorecidos pelo clima (MENEZES, p.95).

Dá para sentir algo diferente no clima de Monteiro. Suas brisas são leves e quentes de dia e frescas e suaves à noite. Este singularíssimo clima torna Monteiro um lugar privilegiado, enquanto não for contaminado por chaminés e milhares de escapamentos cuspidos fumaça.

A brisa Suave e leve
Tão macia como a neve
Que ninguém jamais descreve
Sua excelsa perfeição!
O ar livre da floresta!
Onde a borboleta lesta
Não deixa de fazer festa
Toda tarde de verão
(JANSEN FILHO, 1948, p.16)

Praça João Pessoa

Nas cidades pequenas, a praça é o lugar dos encontros enamorados, das discussões e dos passeios, onde as pessoas se sociabilizavam entre diálogos construtivos e engraçados. Em Monteiro, a Praça João Pessoa é este símbolo de comunhão e encontro entre as pessoas que procuram sair da rotina, sociabilizando-se nos grupos e atividades ligadas a religião, lazer e cultura. Na época de Jansen, o velho coreto,

que hoje já não existe, foi um símbolo dos bons tempos de Monteiro, onde notícias internacionais em tempos de guerra eram transmitidas diariamente pelos noticiários da BBC:

No coreto da Praça João Pessoa, o velho Teófilo ligava, pontualmente, para ouvir as preces da Ave Maria que seu Abílio de Castro lia na PRA-8, o pesado receptor que ficava no ar até às 21h30min, encerrando-se com a crônica de Gilson Amado, lida por César Ladeira[...] Nos anos de guerra, a BBC tornou-se prioridade do noticiário. Mas a programação de calouros da Rádio Nacional e os recitais românticos da Mayrink Veiga aprimoravam o gosto estético e alegravam as noites da cidade pacata." (MENEZES, 1997, p. 96)

Carnavais em Monteiro

Os carnavais sadios e respeitosos, que se faziam na Praça João Pessoa, encantavam a cidade com seus foliões a tocarem instrumentos para a alegria do povo e da meninada, sempre a correr e brincar, sem as preocupações de terem que ser observadas a todo momento.

Alto da Foice

Bairro periférico de população carente. Atualmente chama-se Alto de São Vicente, porém a violência tornou-o conhecido como Alto da foice, embora hoje existam outros bairros mais pobres e violentos.

PRATA

AUTORES:

*Laura do Socorro Rodrigues de Sousa*³⁶

*Maria do Socorro Menezes*³⁷

*Luiz Batista Feitosa*³⁸

³⁶Graduada em História pela AESA ,Arco Verde – PE - Professora da E.E.E.F. M Francisco de Assis Gonzaga.

³⁷Graduada em Geografia pela AESA ,Arco Verde – PE , especialista em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro pela Universidade Federal de Campina Grande no Campus de Sumé - Professora da E.E.E.F. M Francisco de Assis Gonzaga.

³⁸Graduada em Geografia pela AESA ,Arco Verde – PE, Professor da E.E.E.F. M Francisco de Assis Gonzaga.

PRATA

Terra de poetas



Imagem: Entrada da cidade

ASPECTOS HISTÓRICOS

Prata foi criada pela Lei Estadual de nº 1.147, de 16 de fevereiro de 1955, assinada na época pelo então Governador do Estado Dr. José Américo de Almeida. No entanto, só através do Decreto Lei nº 12, de 07 de janeiro de 1959, a Prata tornou-se politicamente independente, até então era distrito de Alagoa de Monteiro, hoje Monteiro. Antigamente a Prata chamava-se Povoado do Miugiqui, depois Riacho da Prata e finalmente Prata.

A história da cidade começou quando os almocreves, antigos mercadores que transportavam suas mercadorias em lombos de cavalos e jumentos, de passagem para outros municípios, costumavam dar água aos animais em uma cacimba localizada próxima ao povoado. Nesta cacimba, existia na água um minério chamado marcassita que, quando a água era movimentada, refletia tons prateados. Os

almocreves costumavam dizer uns para os outros: "Vamos dar água aos animais na cacimba que parece prata." Com o passar dos tempos, o município passou a ser chamado de Prata.

O município da Prata é reconhecido pela EMBRATUR como Município com Potencial Turístico (MPT), segundo a Deliberação Normativa de nº 432, de 28 de novembro de 2002. A cidade é agradável e tranquila, lugar de gente alegre e hospitaleira. Possui diversos sítios arqueológicos e paleontológicos, propícios ao estudo científico. Foram encontradas artes rupestres de rara beleza e perfeição nas cores vermelho e branco, ossos fossilizados de animais pré-históricos, utensílios, cemitérios indígenas, entre outras belezas.

O município, que tem um rico patrimônio cultural, tombou através de Lei as fachadas de seu centro histórico, visando à preservação. Na parte oeste do município, localiza-se a Serra da Matarina, com altitude de 795 m, propícia a esportes radicais, como MTB, trekking, montanhismo, tirolesa e escalada. A Serra da Matarina possui uma vegetação atípica pela sua localização, com exemplares de Mata Atlântica, bromélias, orquídeas e um clima constante de 18 C°.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS



Imagem: Serra da Matarina

O município da Prata está localizado na Microrregião do Cariri Ocidental Paraibano, distante 300 km da capital do Estado, e tem altitude de 577m. Possui uma área de 192.010

km² e uma população de 3.854 habitantes (IBGE 2010), sendo 2.444 residentes na zona urbana e 1.410, na rural. Destes, 1.926 são homens e 1.928 mulheres. De clima semiárido, com dias quentes e noites ventiladas e frias, sua temperatura durante o dia é de 28°C e a noite é de 24°C. Há duas estações distintas: o inverno no começo do mês de fevereiro e terminando no mês de junho e o restante corresponde ao verão. Sua vegetação predominante é a caatinga, com cactos e vegetação arbórea e arbustiva. Podem ser vistas também orquídeas do gênero citopodium e bromélias. A caatinga é uma vegetação extremamente frágil que precisa de proteção constante. Na Serra da Matarina, existem exemplares de Mata Atlântica e vegetais desconhecidos. O relevo é semiplano.

Na agricultura do município, destaca-se o cultivo de milho e feijão. Na irrigação, a cultura de tomate, pimentão e maracujá. Também no assentamento Zé Marcolino, na Agrovila Lajinha, existe uma pequena produção de algodão. O município tem vocação natural para a caprinocultura. Diversos criadores já criam raças melhoradas de alta produção de leite. Temos também criação de bovinos, ovinos e frango alternativo de corte. Temos apicultura que produz por ano seis mil quilos de mel, com qualidade e o melhor preço do país.

Ainda na economia destacamos que temos uma produção artesanal de tapetes com oito máquinas manuais (teares) que emprega oito famílias. Há três pequenas fábricas de roupas que escoam a produção para Santa Cruz do Capibaribe e empregam, em média, dezesseis pessoas. Temos também a usina de beneficiamento de leite de cabra que emprega em média cem pessoas e a Cerâmica 10 Irmãos que contrata vinte. O enfeze de água para consumo humano com dez empregos. Salientamos a participação da Salvador Poços com quatro empregos e a ONG Centro Vida Nordeste com seis. Temos também os serviços públicos, municipal e estadual, com uma média de 400 funcionários efetivos e contratados. E por último, os aposentados que somam boa parte de nossa economia.

CARACTERÍSTICAS CULTURAIS

Cemitério antigo

O Sr. Pedro Nunes afirmou que o cemitério da cidade remonta a época de 1863, quando uma epidemia de cólera assolou a região e o cemitério de Boi Velho (hoje Ouro Velho) não foi capaz de comportar os sucessivos falecimentos dos moradores. Há muito este cemitério manteve-se abandonado e condenado à ruína. Em 2005, o PROCA, em parceria com a Prefeitura de Prata, iniciou um processo de resgate de suas ruínas, tendo em vista sua relevância.

Cultura

A cultura é bastante forte, diversa e presente. Existem grupo de teatro, pintores, ceramistas, escritores e poetas.

Vejamos alguns filhos da Prata:

Sr. Camilo é um artesão que faz esculturas em madeira para o pagamento de promessas e faz também alianças de moedas.

Dona Leonor fazia bonecas.

Arysttotenes Prata – Cordelista (Obras: Feira do algodão; O que é o semi-árido)

Zé de Cazuza – Poeta (obra: Poetas encantadores):

Ficou conhecido nacionalmente como o "Homem-gravador", porque, mentalmente, é uma pessoa superdotada. Sua inteligência, sua vontade e sua sensibilidade estão acima da média. Grava na memória privilegiada, há mais de cinquenta anos, centenas, senão milhares, de poemas, estrofes, versos, criados ao saber do improviso nas cantorias e nas reuniões de glosas dos cantadores e poetas nordestinos, produção artística que poderia ter se perdido definitivamente.

Vates e violas

Os poetas Luís Homero, compositor e intérprete, e Miguel Marcondes Moura Nunes, poeta e compositor, são

irmãos já consagrados pelo talento e receberam o Prêmio da Associação de compositores e intérpretes de Pernambuco de melhor banda em 2010.

Festas populares

Essas festas manifestam cultura e tradição dos povos, reafirmam laços sociais e raízes que aproximam os homens, como também movimentam e resgatam lembranças e emoções.

As festas populares mais comuns em nosso município são:

Vaquejadas;

Festa junina;

Carnaval;

Natal;

Festas de ano novo;

Pega de boi;

Corrida de jegue;

Exposição de animais;

Festival de violeiros.

Afetividade

Exemplos de afetividade:

Quitéria Angico (Mãe Quitéria), além de fazer partos, era a médica do povo.

Rabé, um senhor que saía pelos sítios, aplicava injeção.

Seu Lino era um enfermeiro que morava na Prata, havia trabalhado num hospital em Recife e consultava as pessoas.

Jacinta Marcolino era uma cabeleireira a domicílio, que pegava a tesoura e saía para atender as pessoas. O pagamento era a critério do cliente. Como artesã, fazia colchões de palha de junco. O cliente comprava o tecido, ela enchia, costurava e o pagamento era galinhas, ovos, etc.

RELIGIOSIDADE

A fé de nosso povo está marcada fortemente pela religiosidade popular, expressa na devoção aos santos com as suas festas, gestos e atitudes, que expressam uma relação pessoal com Deus. A primeira igreja da Prata foi à sombra de um juazeiro, onde o Pe. José de São João do Cariri reunia fiéis e celebrava a missa.

Conta-se que, certa vez, o Sr. Manoel Lindoso conversava com o padre sobre a necessidade de se construir uma capela. O religioso concordou dizendo que faltava apenas um terreno e Manoel prontificou-se a organizar isso juntamente com seus parentes. Assim, fez a doação ao patrimônio de N. S. das Dores, registrada no dia 27 de julho de 1898, tendo como Padroeira Nossa Senhora do Rosário.

A Padroeira da Capela, Nossa Senhora do Rosário, é ligada ao povo negro e aos escravos. Esta doação foi feita dez anos depois da abolição da escravidão. Sua festa comemora-se no dia 7 de Outubro, com pavilhão e arrematação.

Senhor Sebastião era o encarregado de tocar o sino da capela, quando morria alguém e quando era aniversário de morte. Conta-se que a imagem veio de Roma, confeccionada em madeira. A capela passou por uma segunda reforma nos anos de 1958 a 1959 e em 1990. Pe. Damião iniciou uma terceira reforma com a construção de uma torre que só foi concluída por seu sucessor, Pe. Antônio. Em 1950 foi fundado um apostolado da oração.

Exemplos de religiosidade:

Via Sacra;

Peregrinação;

Cerimônias de casamentos;

Batizado;

Crisma;

Primeira eucaristia;

Novenas no mês de maio animadas por 31 noiteiros, cada um querendo fazer uma festa maior que a outra. No último dia, soltavam-se os balões

confeccionados por Sr. Mariano e queimavam-se flores;

Missa na primeira sexta-feira do mês, missa de sétimo dia, rosário, terço e procissão;

Rezadeiras, médicas populares que, dentre algumas enfermidades, rezavam também para espantar cobras, apagar fogo e animais desaparecidos;

In memorian: D. Severina, D. Celina, D. Maria Cosmo, D. Zuis, D. Tota, D. Maria Clementino, Sr. Miguel Pedro e Sr. Zuza;

Rezadeiras atuais: D. Liu, D. Grinaura, D. Cícera, D. Antonia Picolé, Rita Padeiro, Edileide, Tássia Tamires, Andréia, D. Rosária, Maria Calú, Sr. Zé das Correias, D. Zefinha.

CONFLITOS

Os conflitos nessa região aconteciam geralmente por questões de terras, de roubo de animais ou animais entrando nos roçados e também por ciúmes. Hoje acontecem mais por questões como drogas ou dívidas.

O assassinato de Amaro Aparecido

O crime aconteceu porque um rapaz conhecido como Amaro Aparecido estava roubando ovelhas do senhor André de Maria Preá e foi flagrado pelo mesmo arrebanhando-as. André de Maria Preá discutiu com Amaro Aparecido e tomou as ovelhas. Dias após o roubo, Amaro fez umas trocas de armas com seu amigo José da Luz e lhe pediu que matasse André, pois pagaria um advogado para livrá-lo da prisão. Zé da Luz matou André na tarde de 21 de abril de 1990. O corpo só foi encontrado na manhã seguinte. A polícia ao investigar chegou a Amaro Aparecido que entregou Zé da Luz, preso no mesmo dia. Três dias após o episódio, o pai de Zé da Luz, Sr. Julio Caruá, morreu de infarto causado pelo desgosto. A esposa de Zé da Luz, Maria Madalena, estava grávida e todos os dias ia levar as refeições na prisão. No dia 07 de setembro do mesmo ano, quando foi levar o jantar, chegando à cela,

entregou a marmita ao esposo, nesse momento foi surpreendida por dois homens armados que pediram para a mesma se afastar. Ela ainda ouviu dois tiros e desmaiou. O assassino de Zê da Luz foi o filho de André. Sete anos depois, ele foi preso em Taboão da Serra, São Paulo, e trazido para a Prata, onde foi julgado e absolvido.

Morte de Lemuel

Lemuel foi assassinado pelo seu primo, Zê da Paz. Estavam todos na mercearia do Sr. Inácio Fubá, pai de Lemuel, na Vila da Acauã. Zê da Paz chegou com uma arma que havia comprado e, sem motivo aparente, talvez um ato de loucura ou inveja, atirou no ouvido de Lemuel, ainda tentou matar o tio e ameaçou todos os presentes. Em seguida, embrenhou-se no mato. A polícia foi acionada. Todas as pessoas da Prata que conheciam Seu Inácio Fubá e juntaram-se à polícia em busca do assassino. O crime revoltou a população que passou vários dias à procura do criminoso. Quando a polícia prendeu Zê da Paz, o irmão de Lemuel, Marcos Antonio, atirou nele dentro da cadeia de Sumé, mas errou o tiro. Zê da Paz cumpriu a pena, depois foi embora para Brasília. Lá passou a mendigar pelas ruas e dizem que faleceu logo após ter sido acometido por uma doença.

Morte do Solon

A morte do Solon aconteceu num dia de feira. Ele estava embriagado e foi à mercearia de Seu Manoel da Silva, pegou uma carteira de cigarros e falou para D. Josefina anotar e saiu. Gonzaga, ajudante da mercearia, seguiu atrás para reclamar e acabou matando o rapaz a facadas.

Zê de seu Anicélio

Zê Cruz era alcoólatra e estava perturbando no Bar de Mauricio. Mauricio pegou um cacete e começou a bater no rapaz, que foi socorrido, mas acabou morrendo.

Marcones de Luiz

Marcones era um rapaz vaidoso e muito namorador, apesar de ser casado com Juliana. Tinha dois filhos: Gabriel e Gabriela. Gabriela é especial e dependia da mãe. Juliana não tinha emprego fixo e dependia do marido que a maltratava muito. Não se sabe ao certo o motivo do crime, porém dizem que foi por ciúmes. Certo dia, quando Marcones chegou a casa, o casal começou a discutir. Ele acabou atirando em Juliana e em seguida disparou contra seu próprio rosto abaixo do queixo com uma espingarda calibre 12. O casal foi socorrido para Campina Grande. Juliana morreu no dia seguinte e Marcones ficou no Hospital. Quando teve alta, foi para a prisão. Julgado e condenado, no presídio pegou uma infecção e acabou morrendo.

Morte dos irmãos Lucio e Luciano

Luciano era viciado em drogas e Lucio arrumava muita confusão e sempre estava preso. Certo dia, os dois foram a Sumé para beber com algumas pessoas. No dia seguinte, foram encontrados os corpos dos irmãos com muitos sinais de tortura. Este crime abalou a população da cidade.

Questão de terras dos Dantas com os Nunes

Esse conflito teve início em 1930, quando Jacinto Dantas começou a tomar posse das terras de Cícero Nunes. Nesse período que durou 22 anos, Jacinto Dantas plantava algodão nestas terras. Cícero Nunes recorreu à justiça, mas, como sempre, a justiça é lenta. Em 1952, a justiça deu ganho de causa a Cícero Nunes. O chefe que comandava os cabras de Cícero foi tocaiar se os Dantas iriam derrubar as cercas. Ficaram afastados porque era 8 de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição. Os cabras de Jacinto Dantas, começaram a cortar as estacas de machado, emperrando as cercas e tocando fogo. Os Nunes começaram a atirar e os Dantas revidaram. Como a distância era grande, ninguém se feriu.

A justiça mandou a polícia fazer a segurança para os Nunes refazerem as cercas. A partir dessa data, toda a safra de algodão que os Dantas plantavam nas terras dos Nunes teve que ser entregue a viúva de Cícero Nunes. Por muito tempo, as cercas foram feitas sem dar encosto ao vizinho. Com o passar dos anos, todos se tornaram amigos e as cercas passaram a ser uma só.

SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO

AUTOR:

Sebastião Teixeira da Silva³⁹

³⁹ Graduado em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde-PE – AESA. Leciona Geografia na Escola Malaquias Batista Feitosa e Pedro Pedrosa Amador de São Sebastião do Umbuzeiro.

SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO: Antiga Vila Caruá



Imagem: Vista Aérea

ORIGEM HISTÓRICA DE SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO

São Sebastião do Umbuzeiro, antes denominada Vila do Caruá, passou a distrito de Monteiro, conforme Lei Estadual nº 73, de 23 de dezembro de 1947. Em divisão territorial datada de 01 de Julho de 1950, o distrito de São Sebastião do Umbuzeiro figura no município de Monteiro, assim permanecendo em divisão territorial datada de 01 de julho de 1955. Conta-se que a seguinte história de origem do município: era um lugar desabitado onde existia um pé de umbu e uma pequena lagoa localizada na nascente do rio Paraíba, nos cariris velhos. Lá os matutos descansavam ao meio dia, esperando pelos companheiros que vinham com os burros carregados de mantimentos. Foi por isso que o lugar ficou conhecido com o nome de Umbuzeiro.

Comenta-se que, por volta dos anos 1822, chegaram nessa região várias pessoas, entre elas o Sr. Mariano José das Neves e depois os fazendeiros Laurentino Ferreira e Pedro Ferreira. Neste espaço construíram as primeiras casas e continuaram a trabalhar, fixando moradia.

Em meados dos séculos XVIII, a região foi atacada por uma epidemia de cólera. Neste período, muitas pessoas foram contaminadas e morreram. A saída foi apelar para um santo que protegesse da peste e dos males. Assim, Mariano José das Neves mandou buscar na França a imagem de São Sebastião. Por devoção ao Santo São Sebastião a Sra. Maria Mansa doou, em 13 de março de 1869, um terreno de 30,25 hectares ou 250 braças para a construção de uma Igreja com duas torres e três portas de entrada, tendo o Pe. José Gomes Pequeno celebrou a primeira missa.

O primeiro vigário se chamava Frei Otávio. Os povos dos sítios São Francisco, Santo Antônio e Pitombas foram construindo suas casas e então o povoado que ali se formou passou a se chamar Vila do Caruá, pertencente à lagoa de Monteiro. Nessa época, existiam uma casa comercial e uma padaria. Ao longo dos acontecimentos, o Sr. Mariano morreu, aos 95 anos de idade, contagiado de bexiga e varíola. Foi enterrado em lugar ermo no sítio Boa Vista, porque se acreditava que a doença ia contaminar todos os habitantes. Somente nos anos 80, seus restos foram exumados e trasladados para a igreja de São Sebastião.

Em 1946, Frei Mauro Joester, Italiano com missão no Brasil, dá início a uma grande obra, fazendo da pequena capela uma grande Igreja, contribuindo assim para a nossa história regional.

A emancipação política do município de São Sebastião do Umbuzeiro aconteceu em 08 de Junho de 1959, de acordo com a Lei nº 2.110 de Maio de 1959, sendo comemorada com grande estilo. Na solenidade, fizeram-se presentes o governador Pedro Moreno Gondim, o deputado estadual João Feitosa Ventura, além de outras autoridades do meio político. Administrativamente, a cidade de São Sebastião

do Umbuzeiro teve como distritos São João do Tigre e Zabelê, hoje desmembrados.

De acordo com a Lei nº 327, de 25 de Maio de 2003, a vila denominada de Mão-Beijada, encravada neste município, fica elevada à categoria de distrito e com tal continuará integrando nosso território.

ASPECTOS GEOGRÁFICOS

O município de São Sebastião do Umbuzeiro está situado ao Sul do Estado da Paraíba, na mesorregião da Borborema e na Microrregião do Cariri Ocidental. Limita-se ao Norte com os municípios de Zabelê e de Monteiro (PB); ao Sul com o Povoado Ipojuca do município de Arcoverde (PE); ao Leste com o município de São João do Tigre (PB); ao Oeste com o povoado Henrique dias de Sertânia (PE). O acesso à capital João Pessoa é pela BR 412, distando 330 km. O município conta com uma área territorial de 469.569 km² e uma altitude de 64 m de latitude.

Os aspectos naturais da região têm as seguintes características: o relevo com perfil semiplano e elevações ao sul do município com as serras da Veia e Ana Salgado. Entre as serras do Salga e Boa Sorte existe um vale e a Serra do Juazeiro continua na divisa com o município de Arcoverde (PE). As serras de Miguel Ferreira e João Neto, ao Norte, são pequenas elevações. O clima é semiárido, com chuvas de verão e precipitação média anual variante entre 300mm e 700mm, nos primeiros meses do ano. A temperatura média fica em torno de 25 C°. O problema que preocupa ainda é a estiagem, uma vez que há falta de conscientização da população em armazenar água na época das chuvas em cisternas e também a pastagem para os animais é um problema para os pequenos produtores. A hidrografia é composta pela nascente do rio Paraíba, na serra de Capitão Mor, e seus afluentes: rio da Estrela Dalva (encontra-se no sítio Pitombas), rio de Zabelê que entra no açude Santo Antônio e demais riachos que formam a micro bacia do rio

Paraíba. A principal bacia hidrográfica é constituída por dois açudes públicos: Santo Antônio, com uma capacidade de 24.424.130 m³ de água e o açude dos Coqueiros. Os demais açudes de porte médio situam-se em propriedades privadas (Poço da Cruz, Bambu em Estrela Dalva, Dois Riachos, Capitão Mor, União, Cajueiro, Salgado e vários poços artesianos). A vegetação é diversificada. Predomina a caatinga, adaptada ao clima semiárido, com vegetação xerófila e vários tipos de árvores retorcidas e cactos. Vejamos alguns exemplos de vegetação encontrada aqui: o mandacaru, o símbolo da seca; xiquexique; facheiro; macambira; caroá; figo da índia; aroeira; angico; umburana; baraúna; catingueira; malva; mata pasto e outros.

A escassez de chuvas e a falta de uma política que viabilize o desenvolvimento econômico tornam o município muito pobre. A agricultura de subsistência fundamenta-se no cultivo de milho e feijão. A criação de animais, considerada de pequeno porte, mantém uma média de 3.000 cabeças de gado, 85 suínos, 300 equinos, 24.000 caprinos e 6.000 ovinos (sempre considerando uma média). O setor de serviço é baseado em pequenos estabelecimentos comerciais e a economia é movimentada por aposentados, pensionistas, e funcionalismo público municipal e estadual. Segundo o IBGE 2005, o PIB é R\$ 8.856,00 (IBGE/2005), tendo um PIB per capita de R\$ 2.968,00 (IBGE/2005) e o IDH de 0,574.

A população absoluta segundo dados do IBGE (Censo 2010) é de aproximadamente 3.239 habitantes e sua densidade demográfica é de aproximadamente 6,5 hab/km²; População masculina de 1.619 homens e população feminina de 1.620 mulheres; População urbana de 2.099 habitantes e população rural de 1.140 habitantes. A cultura do município está baseada nos costumes e tradições de seu povo, que se reproduz ou é repassada de geração a geração na reconstrução de sua história.

As crenças, danças, usos e costumes são valores importantes para compreendermos o nosso passado. Sabendo que muitos dos costumes, hábitos, expressões não existem

mais e não temos com resgatar esses fatos, pois já foram esquecidos ou perdidos, porém é importante que se preservem as fontes e busquemos a possibilidade de registrá-las para mantermos viva essa riqueza:

As novenas do mês de Maria, com a participação da comunidade todas as noites;

Tradicional Festa de São Sebastião, de 11 a 20 de janeiro, tem hoje grande repercussão;

O Pastoril Abelardo Costa Leitão (fundador), que animava a festa de São Sebastião com estilo e dinamismo;



Imagem: Pastoril

Novena de Pe. Cícero Romão, no alto de Manoel Antônio, antigo morador que viveu há anos atrás. Bazia, como devota, fundou esta novena que se tornou tradicional. Com seu falecimento, os filhos e netos continuam realizando a devoção ao santo com apoio da professora Regina Gomes e do professor Francisco de Assis Batista;

As benzedeiras, com fé e ramos, ainda são muito presentes em nossa comunidade, com suas rezas atraem muitas pessoas que conseguem cura de dor de dente, olhado ou quebrante e males como dizem. Há várias como Maria de Belin, Seu Dantas, Dona Lia e outros;

Vaquejada e Pega de Boi são duas festas muito comum na região. Em particular, Pega de Boi, festa muito animada com forró e comidas típicas, é festejada no município nos sítios: Balança, Santo Antônio, Dois Riachos, Boa sorte e Barra de Dois Riachos;

O Laço de Bode é uma festa que vem caindo na graça do povo no município. A primeira foi realizada no Sítio Balança em 2006 e, desde então, já foram realizadas diversas vezes;

A Banda Filarmônica 08 de Junho anima todas as festas da comunidade;

Os grupos Pé de Serra (Otávio do Acordeom, Cariri de Lola e Jacó) animam as festas juninas de São Sebastião do Umbuzeiro;

Tradicional Banda de Pífano Juá, em homenagem a testões, anima a festa do Padroeiro São Sebastião de 11 a 20 de Janeiro;

O reisado dos anos 75 a 80, organizado por Rita de Quinin, não existem mais;

O Futebol é um esporte que grande parte da juventude participa, mas de forma amadora.

SANTO ANDRÉ

AUTORES:

Ana Maria da Silva Leite⁴⁰

Francisco Cosme de Oliveira Júnior⁴¹

Gelvano de Araújo Silva⁴²

Karen dos Santos Melo⁴³

⁴⁰ Geógrafa; Professora da E.E.E.M.F. Deputado de Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Santo André-PB.

⁴¹ Historiador; Professor da E.E.E.M.F. Deputado de Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Santo André-PB.

⁴² Historiador; Professor da E.E.E.M.F. Deputado de Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Santo André-PB.

⁴³ Filósofa; Professora da E.E.E.M.F. Deputado de Álvaro Gaudêncio de Queiroz, Santo André-PB.

SANTO ANDRÉ

Padre Cústodio X Francisco Antônio das Chagas Medeiros

Santo André é um município localizado na Microrregião do Cariri Oriental do Estado da Paraíba. Tem marcada em sua história a desavença entre Padre Cústodio e Francisco Antônio das Chagas Medeiros na fazenda Balança.

Todavia, antes de começarmos a contar a desavença, é importante sabermos a origem do município de Santo André. Não se sabe ao certo como surgiu o nome da cidade. Segundo Padre João Jorge, em seu livro *O Verde do Juazeiro*, há três suposições: *“a primeira é que recebeu o nome de Santo André, pois era costume naquela época colocar nome de santos nas terras descobertas; a segunda explicação pode ser a de que Santo André é patrono dos pescadores e dos homens que carregam água. Estas duas invocações têm sentido numa região castigada pela seca [...] Outra, é que o nome foi copiado de um engenho que fica na foz do rio Paraíba.”*

Padre Cústodio nasceu em Portugal e veio para o interior do Cariri para trabalhar a religiosidade na região, não se fixando em nenhuma paróquia. Podemos dizer que ele era um padre peregrino, pois passou pela cidade de Monteiro, São João do Cariri, Timbaúba, Batalhão e Congo. Ele ficou conhecido como o padre caririzeiro, já que não saía dessa região.

Segundo relato de Padre João Jorge Rietveld, padre Cústodio passou parte de sua vida em Taperoá e suas redondezas, onde possuía casa e armazéns. Como muitos padres dessa época, comprou uma propriedade que ficava localizada no sítio Balança, perto de Santo André.

Nessa propriedade ele viveu com inúmeras pessoas e com a filha adotiva, uma escrava conhecida por Thomazia e os descendentes desta. Mas essa propriedade não seria só para moradia, o sonho de padre Cústodio era construir uma capela no local.

Assim, no dia 13 de março de 1901, Dom Aducto assinou a permissão para construção da capela. Desta forma, padre Cústodio começa seu trabalho e como padroeira ele escolheu Nossa Senhora das Dores.

Na construção da capela, lembramos o tempo da escravidão. Congo, hoje um município ao sul do Cariri Ocidental, tem uma tradição de presença de escravos a partir de sua fundação. A tradição local diz que certo dia o seu dono descobriu no meio do mato uma casinha e uma capelinha em construção. O pedreiro era um escravo foragido de nome Congo, indicando que o lugar era um tipo de quilombo. A capela foi dedicada a Santa Ana, santa popular no meio dos escravos, e é uma das mais antigas do Cariri.

O padre Cústodio sonhava com uma grande construção:

[...] uma grande igreja de 14, 5 metros de largura e 23 metros de comprimento com um altar mor de 6,5 por 8,6 metros e laterais espaçosos de 4 metros [...] (RIETVELD, 2009, p. 164)

Mas o padre não conseguiu realizar totalmente essa construção, ficando finalizado apenas o altar mor e as duas laterais deste altar. As razões que levaram esta capela a não ficar pronta foram: primeiro, a obra era grandiosa; e depois o outro motivo foi a desavença com Francisco Antônio das Chagas Medeiros, pois as terras que padre Cústodio tinha, foi doação de três irmãs que, após doarem as terras, mudaram-se para perto dos familiares no Brejo.

Então chega a Santo André Francisco Antônio das Chagas Medeiros, vindo do Rio Grande do Norte. Este se casa com Ursuína, parente das três irmãs, e compra parte das terras. Nesta época, não se tinha o costume de registrar os negócios em cartório, pois tudo era na base da confiança. Então ninguém sabia até onde iam os limites das terras de Francisco e nem do Padre.

Desta forma começaram as brigas, já que ambos achavam que um estava invadindo a terra do outro. Logo, padre Cústodio passou a não visitar mais o povoado de Santo André, porque para chegar lá ele teria que passar pelas terras de Francisco. Determinou que, quando morresse, o seu corpo não fosse enterrado no cemitério de Santo André, mas no altar de sua capela, por isso ele foi sepultado na Sexta-Feira Santa de 1921 no cemitério de Pombas, hoje Parari. Francisco, por sua vez, construiu outra capela em 1908, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Em 1982, o teto da capela desabou.

O desentendimento entre padre Custódio e Francisco Medeiros criou um clima muito desagradável e um problema em relação à prática religiosa. A solução encontrada foi a construção de uma segunda capela. No final de 1908, Dom Aducto emitiu outra provisão, agora para a “benção da capela do Sagrado Coração de Jesus, da propriedade de Santo André na freguesia de S. João do Cariry, a 31 de dezembro”. Esta capela foi construída numa distância de apenas um quilômetro da capela do padre Custódio. A provisão sugere que a capela já estava pronta em 1908, outros sustentam que ela somente foi terminada em 1911.

Depois da morte de padre Cústodio, nenhuma pessoa deu continuidade ao seu trabalho, restando hoje apenas ruínas da tão sonhada capela.



Passados 110 anos, acabadas as arestas familiares e vivendo em total comunhão, os descendentes da escrava Thomazia, na pessoa de José de Nega, como popularmente é

conhecido, ainda vivem na fazenda Alto do Balanço, como também os familiares de Francisco Antônio das Chagas Medeiros. José, atual administrador da casa grande, fundou em 2003 a tradição da Missa da Luz nas ruínas da capela de padre Custódio e, em 2007, recuperou a cova de padre Custódio em Parari.



Hoje a fazenda é um palco de celebração cristã e união entre as famílias, acontecendo no local todos os anos a missa celebrada por Padre João Jorge, que une as duas capelas do município de Santo André. Saindo em peregrinação, tendo seu início na capela Sagrado Coração de Jesus, da cidade de Santo André, até as ruínas da capela de Nossa Senhora das Dores.

SERRA BRANCA

AUTORES:

- Adelânia Gouveia Lima⁴⁴
 Ana Maria de Sousa Silva⁴⁵
 José Ronaldo Maciel Pinto⁴⁶
 Josimar Ferreira⁴⁷
 Juarez Ribeiro de Araújo⁴⁸
 Kátia Carina Mesquita da Cruz⁴⁹
 Lucia de Cássia Sousa Oliveira⁵⁰
 Lucia Maria Montenegro⁵¹
 Maria do Carmo da Silva Leite⁵²
 Paula Ribeiro Silva⁵³
 Rosa Cristina de França⁵⁴
 Terezinha Araújo Almeida⁵⁵
 Vicente de Souza Andrade⁵⁶

- ⁴⁴ Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialista em Educação Contextualizada para a convivência com o semiárido Brasileiro pela Universidade Federal de Campina Grande; Professora de História da Escola Senador José Gaudêncio.
- ⁴⁵ Graduanda de Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sumé; Aluna Bolsista do PIBID de Sociologia.
- ⁴⁶ Licenciado em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde-PE; Professor de Geografia da Escola Maria Balbina Pereira.
- ⁴⁷ Licenciado em Geografia, leciona na E.E. Francisco de Assis Gonzaga.
- ⁴⁸ Licenciado em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialista em História; Professor da E.E.E.F.M Senador José Gaudêncio.
- ⁴⁹ Licenciada em Ciências Sociais; Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande; Especialista em Educação Contextualizada para a convivência com o semiárido Brasileiro pela Universidade Federal de Campina Grande; Professora de Sociologia e Filosofia das Escolas Senador José Gaudêncio e Maria Balbina Pereira; Professora Supervisora do PIBID de Sociologia.
- ⁵⁰ Licenciada em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde-PE.
- ⁵¹ Licenciada em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde-PE; Professor da Escola Maria Balbina Pereira.
- ⁵² Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual de Campina Grande; Professora da Escola Senador José Gaudêncio.
- ⁵³ Licenciado em Geografia pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde-PE; Especialista em Meio Ambiente; Professor de Geografia da Escola Senador José Gaudêncio.
- ⁵⁴ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba; Professora de Língua Portuguesa da E.E.E.F.M Senador José Gaudêncio.
- ⁵⁵ Licenciado em História pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde-PE.
- ⁵⁶ Licenciado em História pela Faculdade de Formação de Professores de Arcoverde; Especialista em novos TIC's pela SEEC; Professor de História da Escola Senador José Gaudêncio.

SERRA BRANCA

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE SERRA BRANCA E SEUS DISTRITOS (SANTA LUZIA DO CARIRI E SUCURU)



Imagem: Serra do Jatobá

ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA E SEUS DISTRITOS

Serra Branca, instalada no interior do estado da Paraíba, encontra-se encravada no Semiárido brasileiro nordestino, na Mesorregião da Borborema e na Microrregião denominada de Cariri Ocidental. Conforme dados do IBGE (2010), conta com uma área territorial de 737,743 km², ficando 238 km de distância da capital do estado. De clima semiárido quente, tem temperaturas que variam entre 18° a 35°C.

Conforme Sousa (2008), Serra Branca está situada no 8º lugar em extensão territorial no estado da Paraíba. Como a maioria dos lugares do semiárido nordestino, as precipitações pluviométricas são irregulares no município, que é marcado por dois períodos distintos e bem definidos: período chuvoso e período de estiagem. A época da chuva, período formado por fortes aguaceiros, vai dos meses de janeiro a março. O solo do município é diversificado, podendo ser classificado por geógrafos como Solo jovem⁵⁷. Os principais tipos de solo encontrados aqui são: arenoso, areno-argiloso e argiloso. Sua vegetação é a floresta de caatinga onde predomina plantas como bromélias e cactos.

Em todo o município não existem rios perenes, somente diversos rios e riachos temporários. Podemos destacar como os maiores o Rio Jatobá e Poção que, conforme informações contidas no projeto Matinoré⁵⁸ (2005), anteriormente eram denominados de Matinoré e Sucuru. O principal acidente geográfico do município é a Serra do Jatobá, uma formação rochosa de 3 km de extensão por 2 km de largura, ficando a 750m acima do nível do mar e tendo uma altura de 200m, formada por uma rampa de inclinação de 1,5m do topo a sua base. Ela se destaca por ser uma grande rocha de cor branca (que pode ser vista até do espaço), predominando sobre a caatinga e que forma em seu redor área permanentemente verde em função do solo arenoso e a presença de umidade, mesmo nos períodos de seca. Tendo,

⁵⁷ Segundo informações obtidas em <<http://doriskm.blogspot.com/2009/01/pedologia-analisa-e-explica-os-solos.html>> em 16/12/2011. São denominados Solos Jovens o processo pelo qual a rocha vai progressivamente, desde a superfície, fragmentando-se e gerando materiais minerais de menor tamanho, tendendo aos tamanhos argila e silte mais na superfície e progressivamente maiores (areia, pedregulho) em profundidade.

⁵⁸ Projeto pedagógico desenvolvido no ano de 2005 pelo professor de História Juarez Ribeiro de Araújo da Escola Estadual Senador José Gaudêncio junto aos alunos da disciplina. O mesmo teve por objetivo despertar no alunado o gosto pela história do município, preservando os costumes e tradições que compõe a história e a cultura de um povo.

assim, uma riquíssima flora com espécies como Mulungu, Tamboril, Umburana, Umburana de Cheiro, Angico, Jatobá, Maniçoba, Catingueira, Aroeira, Umbu, dentre outras. A fauna também é diversificada com espécies como Tatu Peba, Preá, Sabiá, Rolinhas, Asa Branca, Concriz, Maria Fita e Xexêu.

A região das Serras, por ter um solo rico em nutrientes minerais, é considerada o pomar da cidade, favorecendo a produção de frutas como caju, pinha, umbu, goiaba, manga e outras frutas nativas da região. Na Serra do Jatobá, existe um conjunto de pinturas rupestres em um grande lajedo e numa caverna. Segundo informação do SEBRAE, “a Serra Branca ou Serra do Jatobá é considerada o maior batólito da América do Sul, um local perfeito para trilhas, rapel, escaladas, e várias outras modalidades de esportes de aventura”. Sendo este o orgulho da cidade por ser fonte geradora do desenvolvimento econômico, da geração de renda e conservação da natureza.

Serra Branca limita-se ao norte com os municípios de São José dos Cordeiros e Parari; a leste com São João do Cariri; a oeste com Sumé e ao sul com os municípios de Coxixola e Congo. Segundo dados obtidos através do projeto Matinoré (2005), esta região, em seus primórdios, era habitada pelos índios Sucurus, tribo que era diretamente ligada aos índios da etnia Cariris, denominação que dá nomenclatura a toda essa região geográfica.

SURGIMENTO E FATOS HISTÓRICOS

Segundo Moreira (2010), Serra Branca surge por volta de 1820, às margens do Rio Jatobá, hoje Fazenda Jericó. Em 1825, um fazendeiro chamado José Alves Pequeno, provavelmente para fugir das estiagens, fundou outra fazenda nas margens do Rio Poção. Durante todo o século XIX, foram instaladas diversas fazendas no Vale do Matinoré. Sabem-se os nomes dos primeiros fazendeiros, porém sobre os trabalhadores nada foi salvo.

Segundo os relatos históricos, como na maioria das cidades da Paraíba, os fazendeiros construíam as casas para seus trabalhadores, cediam pequenas terras para os roçados e faziam de suas casas o centro do cotidiano da sociedade. Logo, todos os trabalhadores deviam obediência ao chefe que tomava conta da “organização da família” e detinha por direito divino os domínios terrenos. Conforme consta em Moreira (2010), esta relação de poder era passada através do sangue e do nome. O sangue definia o grau de parentesco e o nome definia a linhagem. Há nomes que são sempre lembrados pela historiografia tradicional. Motivo este que faz com que, em Serra Branca, as famílias mais lembradas sejam aquelas que detinham as fazendas na região, uma vez que elas resguardavam o poder: Gaião, Antonino, Brito, Torreão, entre outras que instalaram suas fazendas na região desse Vale.

A partir de 1854, São João do Cariri foi elevada a categoria de Comarca, abrangendo a região do Matinorê. Durante a segunda metade do século XIX, na fazenda Serra Branca, foi construída uma capela para Nossa Senhora da Conceição. Unindo-se em volta desta capela, onde hoje se localiza o bairro do Ahú, foi construído o primeiro povoado. Com o desenvolvimento da região, provavelmente pela introdução do algodão, outras fazendas foram instaladas.

Em 1907, coube ao “Mestre Luiz” a construção da Igreja Matriz. Além de construir a igreja, ele ajudou na construção de várias casas. Mestre Luiz ficou na memória da população de Serra Branca, tanto pelo seu trabalho, quanto por sua religiosidade.

Em 1921, Serra Branca passou a ser distrito de São João do Cariri. A mudança de povoado para distrito foi favorecida pela produção algodoeira que estava chegando ao auge e o local passou a ser de muita importância para a política centralizada em São João do Cariri. Armazéns e maquinários foram instalados e a produção de algodão passou a ser referência para todo o Cariri. O poder econômico de Serra Branca, no final da década de 1930, gerou conflitos com São João do Cariri, que levou um grande golpe das autoridades

políticas e religiosas residentes em sua cidade. Com este avanço econômico abastecido pela safra de algodão e pelo forte comércio local, padres, políticos e vários trabalhadores, em busca de melhores condições de vida, migraram para Serra Branca. Em 1950, a população de Serra Branca era mais do que o dobro da população de São João do Cariri. Toda arrecadação de impostos de Serra Branca era notificada nas Mesas de Rendas de São João do Cariri, onde se estabeleciam as bases políticas. Muitas mudanças ocorreram com a Revolução de 30, trazendo benefícios para Serra Branca. A centralização administrativa, encabeçada por Anthenor Navarro e com a força do mito João Pessoa, buscou romper com o coronelismo em suas raízes mais natas (MOREIRA, 2010).

Para as prefeituras dos municípios, foram nomeados interventores de outras localidades. Como a máquina administrativa e as finanças estavam nas mãos dos chefes locais, o Estado demitiu vários funcionários ligados a apadrinhamentos e forçou o controle sobre as Mesas de Renda (Moreira, 2010).

Em 19 de dezembro de 1930, o governo extinguiu a Mesa de Renda de São João do Cariri e distribuiu os postos fiscais em vários distritos. Assim, Serra Branca ficou autônoma em relação à arrecadação de impostos que eram feitos por São João do Cariri. Não só o centro econômico, mas o centro religioso passou a vigorar em Serra Branca. Em 1930 a Igreja de Nossa Senhora da Conceição passou a ser Paróquia, desmembrando-se da Paróquia de Senhora dos Milagres.

Se postando como representantes de toda a região do Cariri, Brito e Gaudêncio viram aparecer em Serra Branca uma nova fonte econômica e eleitoral para suas intenções políticas. O ano de 1935 marcou o início de uma rixa: era necessário saber quem comandaria o maior “curral eleitoral” da Comarca de São João do Cariri. Com o final da Ditadura de Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1945, as eleições para deputados estaduais e para governador foram abertas no início de 1947. O jogo político estava recomeçando e no meio

dele estava o povo. O velho coronelismo estava entrando em crise. O populismo entrava no cenário político de Serra Branca. E é nesse contexto que a transferência da Sede da Comarca de São João do Cariri para Serra Branca passa a fazer parte do discurso populista das duas famílias.

A região demarcada pela Serra do Jatobá passou a ser, entre Campina Grande e Caruaru, rota dos almocreves, que comercializavam com os pontos comerciais da região. O pequeno povoado passava a iniciar sua vocação comercial, sendo referência para o cultivo do algodão em São João do Cariri. Consequentemente, após a Constituição de 1891, o povoado passa a ser também referência política. No final do século XIX, o povoado aumenta consideravelmente, sendo necessário construir uma capela que abrangesse toda a população.

Com base nas informações de Moreira (2010), o ano de 1947 foi muito importante, pois ocorreu o maior debate legislativo e local sobre o progresso de Serra Branca, bem como sobre a transferência do centro político para o então distrito. Por esta discussão, 1947 superou 1949, ano em que Serra Branca se emancipou oficialmente.

No dia 07 de junho de 1947, é publicado no Diário Oficial o artigo 19 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias: "Fica elevado à categoria de Cidade e convertida em sede do Município e da Comarca de São João do Cariri a atual Vila de Itamorotinga, restaurando o seu antigo nome de Serra Branca". Todavia, com o resultado das eleições de 1950, em que José Américo de Almeida é conduzido ao Governo do Estado, a sede da Comarca é reinstalada em São João do Cariri. Em 25 de agosto de 1951, a sede volta para Serra Branca por decreto jurídico do Juiz de Direito Souto Maior.

Percebe-se que, desde a mudança da sede, houve uma dialética entre as forças políticas. Porém, a partir de 1956, as elites buscavam a emancipação não só pelo bem de Serra Branca, mas também pela volta da sede para São João do Cariri. Com duas prefeituras seria mais fácil revezar o poder

da elite política. A família Gaudêncio ficaria com Serra Branca e a família Brito com São João do Cariri (MOREIRA, 2010).

A seca da de 1950 deixou marcas graves em Serra Branca. O problema principal da administração era a extensão territorial, pois se tratava da maior Comarca da Paraíba. Eram onze distritos para combater a seca: São João do Cariri, Serra Branca (sede), Caraúbas, Congo, Coxixola, Gurjão, Parari, Santa Luzia do Cariri, Santo André, São José dos Cordeiros (ex-Aredecô) e Sucuru. Isto favoreceu o desmembramento de vários distritos na década de 50, com o objetivo de suprir as necessidades locais.

Em 1956, Genival de Queiroz Torreão foi eleito o prefeito de Serra Branca, figura enigmática para o processo de emancipação do município. Será em sua gestão que o povo de Serra Branca mostrará sua força para realmente emancipar-se politicamente, não por uma elite política, mas por vontade geral.

Percebe-se que, desde a mudança da sede, houve uma dialética entre as forças políticas. Porém, a partir de 1956, as elites buscavam a emancipação, não só pelo bem de Serra Branca, mas também pela volta da sede para São João do Cariri. Com duas prefeituras seria mais fácil revezar o poder da elite política. A família Gaudêncio ficaria com Serra Branca e a família Brito com São João do Cariri.

A aliança entre Nivaldo Brito e Álvaro Gaudêncio facilitou o projeto de criação do município. No dia 25 de fevereiro de 1959, Brito apresentou na Comissão de Negócios Municipais na Assembléia Legislativa o Projeto nº 30/1959, criando o Município e Comarca de Serra Branca e dando outras providências.

Apesar de todos os prós e contras, no dia 27 de abril de 1959, foi sancionada a Lei nº 2.065, que criou o Município e a Comarca de Serra Branca, com a transferência da sede da Comarca de São João do Cariri para a cidade de São João do Cariri. Enfim os municípios estavam independentes um do outro, legalmente. Um ano antes das eleições para prefeito, a população preparava-se para comemorar a emancipação,

quando o então prefeito Genival Torreão impetra um mandado de segurança contra a Lei que emancipou o município. A princípio, Genival Torreão não quis abrir mão de Serra Branca, uma cidade próspera, para administrar São João do Cariri. E ao mesmo tempo, ele não queria ceder Serra Branca ao adversário, já que quem governaria o município seria um interventor nomeado por Pedro Gondim, que era aliado dos Brito.

Foram estas circunstâncias que levaram o povo de Serra Branca às ruas durante a campanha da eleição para prefeito em 1959. Passeatas foram organizadas para apoiar o opositor de Genival Torreão, Inácio Antonino Gonçalves, que foi eleito pela força do povo e não pelo clientelismo, como era a prática comum das eleições passadas. O povo votou pensando na vontade geral de querer fazer valer a emancipação. Assim Inácio Antonino ganhou as eleições e no ano seguinte reinstalou a sede da Comarca de São João do Cariri. Em 10 de abril de 1960, Aderbal Chagas Brito foi empossado pelo governador da Paraíba, José Fernandes de Lima, o primeiro prefeito da Comarca de Serra Branca.

Ainda hoje, em Serra Branca, há um questionamento sobre a data referente ao aniversário da cidade: se em 27 de abril de 1959 ou 10 de abril de 1960. A data oficial da emancipação da cidade é 27 de abril de 1959, pois consta o carimbo da lei sancionada no Projeto de Lei que autorizou a implantação do Município, ou seja, Serra Branca passou a existir como Comarca independente de São João do Cariri a partir do momento em que se separou oficialmente por lei. Em 10 de abril de 1960, ocorreu a instalação e não a emancipação, pois a cidade já tinha sido emancipada. Se não exercia sua liberdade, era por causa do mandado de segurança.

Serra Branca foi elevada à categoria de município com esta denominação, pela lei estadual nº 2.065, de 27 de abril de 1959, desmembrando-se de São João do Cariri. Constituído-se como cidade composta de 03 distritos:

Coxixola, Santa Luzia do Cariri e Sucuru, assim permanecendo em divisão territorial até 17 de janeiro de 1991, quando a lei estadual nº 5.910, de 29 de abril de 1994, desmembra do município de Serra Branca o distrito de Coxixola, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 2003, o município é constituído de 02 distritos: Santa Luzia do Cariri e Sucuru, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. Atualmente, segundo dados do IBGE 2010, Serra Branca conta com uma população de 12.971 habitantes. Deste montante, 51% são mulheres e 49% homens; residindo 65% da população na zona urbana e 35% na zona rural. Na última década, o percentual de crescimento populacional foi de 5,67%, ocupando 4.094 domicílios. Tendo assim uma densidade demográfica de 17, 58 habitantes por km² e, segundo informações do PNUD/2000, o IDH é de 0,662 tendo a população um PIB de 56.623,287 mil (IBGE, 2000).

SERRA BRANCA: SUA SEDE E SEUS DISTRITOS - A FORMAÇÃO DE SEUS FILHOS

A cidade de Serra Branca tem sua divisão política composta por sua sede e dois distritos (Santa Luzia do Cariri e Sucuru), tendo a mesma já contado com a cidade de Coxixola como um de seus distritos, entretanto o mesmo foi emancipado no plebiscito de 1991.

A Sede

A cidade conta atualmente com 08 bairros (Ahú, Alto da Conceição, Campo de Aviação, Limeirão, Odonzão, Pereiros, Pilão e Vertentes) e inúmeras comunidades rurais. Dentre os bairros da sede do município, as três comunidades mais antigas são: a) Ahú; b) Pereiros; e c) Pilão, sendo as mesmas também os bairros mais populosos do município.

Uma breve descrição histórica (A maioria das informações que se seguem foi obtida através do projeto Matinore):

- a) **Bairro do Ahú:** Ahú, palavra de origem indígena que significa “Cacimba de Água Doce”. Segundo os relatos orais, neste lugar havia várias cacimbas de água doce que por muitos anos abasteceram a cidade de forma geral. O Bairro conta com escola, associação comunitária, capela e igreja evangélica.
- b) **Bairro dos Pereiros:** Teve sua origem em uma fazenda situada as margens do Rio Jatobá. O nome do bairro surgiu, segundo relatos dos moradores, porque havia naquele local grande quantidade de Pereiro (árvore nativa da região). Atualmente o bairro é o maior em extensão territorial e em número de moradores. Conta com posto de saúde, capela, igrejas evangélicas, Centro de Referência da Assistência Social, Campo de futebol e Associação Comunitária.
- c) **Bairro do Pilão:** Teve sua origem em uma casa de taipa com apenas dois compartimentos, construída às margens do Rio Porção. Seu nome justifica-se pelo fato de um dos primeiros moradores da comunidade ter por profissão a torra de café, de milho, além da fabricação de fubá e a debulha de milho para o preparo do mugunzá (prato típico da região). Segundo relatos dos moradores da comunidade, este senhor pilava os gêneros alimentícios em um pilão de madeira⁵⁹ (utensílio de nossa região), dia e noite, de

⁵⁹ O pilão é um utensílio culinário essencial na cozinha africana, com as mesmas funções de moer alimentos. Normalmente é feito de tronco de uma madeira macia. Utiliza-se colocando dentro o material a moer e batendo-lhe com um pau liso chamado o “pau do pilão”. Geralmente utiliza-se para cereais (milho ou sorgo) e pode ser utilizado por várias pessoas ao mesmo tempo. Um pau denominado de mão vai batendo os grãos alternadamente, criando uma melopeia que dá o ritmo das batidas. Além de moer o grão, o pilão é também usado para descascar o arroz. Fonte <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pil%C3%A3o>> em 17/12/2011.

forma contínua. O Bairro conta com posto de saúde, capela, grupo escolar, campo de futebol e clube de vaquejada.

O DISTRITO DE SANTA LUZIA DO CARIRI



Imagem: Avenida principal do distrito de Santa Luzia do Cariri

O distrito de Santa Luzia do Cariri é o maior e mais populoso dos dois distritos da cidade de Serra Branca. Seu povoamento surgiu, segundo dados do projeto Matinoré (2005), no início do século XX, às margens da estrada que liga ao distrito de Sucuru. Fica a aproximadamente 22 km de distância da sede do município, tendo maior proximidade com o município de Sumé.

O distrito de Santa Luzia do Cariri, com base nos relatos orais dos moradores mais antigos do lugar, surge por volta do ano de 1907 com a chegada de três moças (Águia, Joana e Joaquina) da região do brejo, próximo a cidade de Campina Grande, que buscavam abrigo por virem fugindo de cangaceiros. Conta-se que, em suas bagagens, elas traziam um

oratório com várias imagens de escultura sacras. Sendo as donzelas devotas de Santa Luzia e em forma de agradecimento, fizeram uma capela, onde rezavam novenas. Assim, a devoção a Nossa Senhora Santa Luzia deu origem ao nome do distrito.

O povoado teve seu crescimento atribuído principalmente por servir de pouso de fazendeiros que vinham das fazendas como Cacimba Nova, Suçuarana e Saco. Um fator que contribuiu para o desenvolvimento do distrito foi a construção da BR 412 em 1975.

POR QUE SANTA LUZIA DOS GRUDES?

O distrito de Santa Luzia do Cariri tem, como uma das questões marcantes em sua história, o apelido que surge em torno de seu nome "SANTA LUZIA DOS GRUDES". Este apelido irrita a comunidade de forma geral, por mexer com a identidade de seus munícipes, tendo repercussão por vários cantos do estado.

Não se sabe ao certo como surgiu o fato que denominou o distrito de Santa Luzia de "Santa Luzia dos grudes". Porém, segundo as narrativas orais, existem duas explicações. A primeira deve-se ao fato de que existia no caminho (hoje a BR 412), onde os tropeiros da Borborema passavam para levar mercadorias às cidades do Cariri, uma olaria para fabricação de tijolos. Pela escassez de recursos hídricos, peculiar ao semiárido, os trabalhadores iam dormir sem tomar banho, depois de passar um dia inteiro trabalhando no barro. Eles alegavam que se "amanhã ao raiar do sol voltaremos para o barro, porque tomar banho pra dormir?". Assim o lugarejo ganhou fama.

Outra explicação, contada pelos mais velhos, é que viviam no distrito duas irmãs que faziam sabão de gordura de animal. Elas limpavam as mãos na própria roupa, estando sempre muito sujas. Por ser essa uma estrada bem movimentada, que servia de pouso para motoristas e demais pessoas que partiam nos paus-de-arara para a região sudeste

do país, vendo as moças sujas, batizou-se o povoado de Santa Luzia dos grudes, fama que foi passada boca a boca, ficando o lugar conhecido em todo Brasil.

Santa Luzia conta com uma igreja Católica e três igrejas evangélicas que são: Assembléia de Deus, Congregacional e Cristã no Brasil. Conta também com posto de saúde, escolas municipal e estadual, agência de Correios, posto de combustível, casa lotérica, ruas calçadas, energia elétrica, abastecimento de água através do canal adutor do Congo, cemitério público e todos os itens necessários para que um município funcione com dignidade. A comunidade não conseguiu sua tão almejada emancipação política por falta de empenho dos poderes públicos locais, mesmo o distrito elegendo vereadores através de pleitos eleitorais. A dependência e a distância da sede fazem com que o distrito não consiga suprir por completo as necessidades da comunidade, que sofre com inúmeras formas de discriminação.

Os maiores conflitos existentes na comunidade são disputas entre partidos e lideranças políticas do município. De forma acirrada, o período eleitoral é sempre marcado pelas brigas entre os partidos de oposição e situação administrativa. No passado, por volta dos anos de 1950, um crime passional marcou profundamente a comunidade: a história vivida por um casal de namorados que rompeu o noivado por conta de desistência do rapaz. Por vingança, a ex-noiva resolveu esperá-lo no corredor do Riacho das Cruzes e, quando ele ia passando, deu-lhe um peixeirada⁶⁰ pelas costas.

Mesmo assim é um lugar acolhedor, de um povo forte que luta por dias melhores. A população é formada por agricultores, aposentados do INSS e funcionários públicos estaduais e municipais. Antes os jovens viajavam para trabalhar em São Paulo, mas hoje essa realidade mudou. Quando chegou a Universidade de Monteiro (UEPB), os jovens foram estudar para conseguirem um futuro melhor. A UFCG,

⁶⁰ Facadas

CDSA Campus Sumé, chegou para complementar as mudanças, levando uma melhor expectativa de vida aos jovens que moram nesse Cariri.

SANTA LUZIA DO CARIRI: RELIGIOSIDADE E FESTIVIDADES

Como no distrito há a predominância do catolicismo, existem inúmeros(as) benzedeiros(as), que são considerados(as) os médicos da cidade. Há rezas para todas as mazelas e enfermidades: dor de dente, mau olhado, ventre caído, carne triada, etc.. Seu Severino rezava mordido de cobra cuspidno dentro da boca da pessoa que tinha sido picada pela serpente; Senhora D. Alaíde rezava para apagar fogo.

ALGUMAS REZAS E BENZEÇÕES ⁶¹

Mal olhado

“Deus te criou, Deus te olhou, Deus desolha quem te olhou. Fulano que te botou olhado ou quebrante, nas ondas do mar vá parar. Quem pra ti mal olhou, com dois te botaram, com três eu tiro, com o poder de Deus e da Virgem Maria (reza um Pai Nosso e três Ave Maria).”

Ventre Caído

“Cristo nasceu, Cristo morreu, Cristo ressuscitou, ventre caído se levantou (reza um Pai Nosso).”

Dor de dente

“Tava São Pedro chorando em cima de uma pedra, sua boca gritando. Jesus perguntou ‘O que te doi Pedro?’ ‘O dente’. Jesus respondeu ‘se for bicho corra, se for mofo fuja

⁶¹ O Relato das rezas foi narrado por rezadeiras e a moradora do Distrito Sra. Josefa Luiza Ramos; Relato da Memória do distrito: Eunice de Souza Regis, Aposentada pelo antigo Departamento dos Correios e Telégrafos.

para as ondas do mar, vá parar (reza um Pai Nosso e duas Ave Maria).”

Triado

(Quando se está com algum osso quebrado)

“Eu te coso carne triada, nervo torto, osso desconjuntado, veia escorruta. Eu te coso no poder de São Frutuoso, evangelho de São João e a missa do Domingo. Eu te coso e Deus te põe a mão (repete três vezes costurando um pano com uma agulha, durante uma semana).”

Distrito de Sucuru



Imagem: Igreja do Distrito de Sucuru

O distrito de Sucuru teve sua origem através da instalação da fazenda de gado do Sr. Manoel Reinado, onde, na ocasião, realizavam-se os encontros religiosos e a feira. Com território em formato retangular, geograficamente o distrito é uma região de planalto de inúmeras formações acidentadas e fica distante 52 km da sede Serra Branca, tendo maior proximidade com o município de Sumé. Pela dificuldade do acesso, devido aos acidentes geográficos, o distrito é o menor e mais isolado do município. Diante de tais adversidades, o acesso ao local é difícil. Anteriormente, o deslocamento às comunidades era realizado através de cavalos e burros.

O comércio de Sucuru deu origem à instalação do distrito, pois através da feira que era realizada semanalmente, aos domingos, a localidade recebia comerciantes de várias

partes do Cariri, que traziam seus produtos para a comercialização. Nesse período, o Senhor Israel Félix de Farias, juntamente com a família Jerônimo, hospedava em suas residências as pessoas que vinham para comercializar suas mercadorias, bem como vender seus produtos em bodegas⁶².

Com o passar do tempo, esta feira foi aos poucos caindo em derrocada. Segundo a narrativa popular, tal fato se deu pela cobrança de impostos realizada pelo fiscal Erasmo Travassos, natural da cidade de Congo; a má administração política que não propiciou a melhoria de estradas e a indisponibilidade dos transportes.

Estudos geográficos realizados no território de Sucuru comprovam a presença de dois importantes minérios (Betonita e Cassiterita), que com o devido investimento provavelmente garantiria o desenvolvimento sustentável local, gerando emprego e renda que beneficiaria todo o município. Essa característica fez com que a administração criasse uma secretaria exclusiva para a mineração, entretanto essa não apresentou resultados.

Sendo o menor, mais distante e de mais complicado acesso dos dois distritos da cidade, Sucuru sofre forte discriminação por parte dos munícipes da sede, fato este que faz com que o mesmo deseje seu desmembramento de Serra Branca e sua transferência para Sumé. Esse ideário faz com que os moradores locais se denominem sumeenses e a maioria de suas obrigações de cidadão como voto, acesso a escola e utilização dos bens públicos (saúde) seja realizada na cidade de Sumé. A explicação dos moradores é que não há investimentos públicos por parte dos gestores de Serra Branca em seu distrito.

⁶² Pequeno comércio tradicional familiar, que vendia diversos produtos e funcionava como bar e ponto de encontro para o debate de inúmeros assuntos.

QUESTÕES INTERESSANTES DE AFETIVIDADE E CONFLITOS

AS RUAS

RABO DA GATA

Esse nome foi dado pelo Sr. Epitácio Ramos por causa de três mulheres de “vida fácil” conhecidas como “gatas” por fazerem orgias e o barulho lembrar o miado dos gatos. Hoje é a Rua Joaquim de Andrade Gaião, situada no centro da cidade. No início da rua fica a igreja Matriz, no meio o Teatro Paroquial e no final o cemitério. As pessoas da cidade têm mania de dizer que tudo de bom e ruim existe no “Rabo da Gata”. É uma das ruas mais antigas da cidade, sendo também a mais famosa pela sua animação e entrosamento entre os vizinhos.

O BECO DOS SETE PECADOS

Conforme Villar, a travessa Antônio Gaião, mais conhecida como Beco dos Sete Pecados, foi assim denominada, segundo moradores, porque lá moravam sete mulheres de “vida livre”. Como o povo daquela época era muito conservador, achava isso um escândalo e dizia que o beco tinha sete pecados. Outros contam que lá ficava a residência de uma viúva que tinha sete filhas tão bonitas que todos os rapazes que olhavam para elas se apaixonavam a ponto de fazerem loucuras. No Beco dos Sete Pecados existia de tudo: lá moravam Ursulina e Maria Cristina, Lelo de Mocinha Saraiva, Juvêncio Saraiva, José Braz, José Antonio, Manuel Calixto, Manuel Aleixo, Severino Nunes, Inácio de Souza Gaião, José Pedro Gaião, Vicente Correia de Souza (comerciante local), Severino Ribeiro de Assis (barbeiro), Alexandrino de Queiroz (loja de tecidos), Antonio Luiz (farmácia), Severino Taboca e Edvirgens Ferreira Lima (vendedores de café), Elias Firmino (vendedor de verduras), Pedro Alcântara (padaria), Orlando Pereira de Brito, Pedro de Oliveira, José Alcântara, Inácio Limeira, João Jacó e outros.

Todos se fixaram em diversos quartos do beco. Havia também um grupo de louceiras que fazia utensílios de barro no Sítio Ligeiro, trazendo para vender nesse local abaixo de um pé de ficus.

Nessa mesma rua também funcionava a feira central de Serra Branca, onde havia dormitórios que serviam para os feirantes. A feira foi transferida por volta de 1960 para onde é hoje o Mercado Público.

BECO DA FOICE

O nome nos leva a pensar que está relacionado a algum ato de violência causada pelo uso da foice. Porém o beco ficou assim conhecido devido a uma oficina de propriedade do Sr. João Gonçalves. Lá trabalhavam os ferreiros que fabricavam as ferramentas de uso dos agricultores: foice, enxada, facões etc.. Atualmente é a Rua Bento Ribeiro de Assis e a oficina de ferreiro ainda funciona no mesmo lugar.

Essas três ruas acima citadas estão bem próximas uma das outras. Nessas ruas estão instaladas diversas casas comerciais, principalmente de venda de material de construção. Estão localizadas no centro histórico da cidade, onde existia o comércio de algodão e a feira que recebia pessoas advindas de todas as cidades circunvizinhas.

COMUNIDADES RURAIS

SÍTIO FARIAS (DE ORIGEM QUILOMBOLA)

O nome Farias vem do século XIX. Os nativos da região eram índios da nação Ki-ri-ri que se espalharam pelo Nordeste, da Bahia ao Maranhão e também na Paraíba. Numa área geográfica cercada por serrotes e rios cheios de poços com água dessalinizadas, um grupo de negros escravizados vindos da região de Cabaceiras, revoltados com sua péssima condição de vida e liderados por um escravo de nome

Eugênio, iniciou num dos serrotes, que depois recebeu o nome de Serrote do Gênio, uma comunidade quilombola.

O grupo colonizador dessa região era liderado pelo Capitão Farias que chefou a expulsão dos índios e a extinção dos negros. Daí a denominação Farias.

O Farias está situado ao norte da cidade de Serra Branca e tem como referência a Serra do Columbi. Seus limites são: a leste, a Seriema; a oeste, as Pombinhas; ao norte, termina no lombo da serra do Columbi; e ao sul, vai até as Pedras Brancas. Todo o Farias é nucleado pelo Rio Farias que tem sua nascente no limite de Pernambuco, município de Livramento, desembocando no Rio Taperoá, no Poço do Rancho em São João do Cariri. Em sua área de extensão, há água doce permanente em bolsões d'água (poços).

No sítio Farias, existia uma senzala com 380 escravos e a Casa Grande, onde hoje mora Cleonildo Vilar. A casa tinha 18 quartos, além de salas e cozinha. Desta resta apenas um quarto. Na época, um dos quartos era de oração, ornamentado por objetos trazidos de Portugal. O forro era de madeira, coberto com veludo azul natiê e pétalas douradas. Tinha uma pia batismal feita na parede e imagens em quadro e estátuas como a de Nossa Senhora da Conceição, São Sebastião e Santa Luzia, entre outros; e um piano de cordas que foi entregue ao Padre João Marques para o Museu.

No fim da primeira metade do século XIX, o Farias passou a pertencer a Dr. Francisco Félix Vilar de Carvalho, família vinda de Taperoá com ascendência em Portugal. Dr. Vilar estudou em João Pessoa e concluiu seus estudos em Coimbra (Portugal) e foi deputado pela Paraíba por dois mandatos de 1875 a 1885.

Segundo relatos do Projeto Matinoré, o Dr. Vilar era abolicionista, o que causou certo desentendimento com sua família que morava em Taperoá e em Livramento. Isto também o fez ficar apenas com as terras do Farias, depois que voltou para o Cariri, após a morte de sua esposa em 1878 e ser Juiz de direito em Soledade e em igual período de tempo em São João do Cariri. Os africanos e afrodescendentes que ao

Farias chegavam já se beneficiavam do processo abolicionista: não eram mais comercializados e seus descendentes já se beneficiavam com a lei do ventre livre e em seguida com a abolição de 13 de maio de 1888.

No fim do século XIX e começo do século XX, outras famílias chegaram ao Farias: Hortêncio, Morais, Rodrigues, Moças Velhas, Emídio Panela, Ricardo e Alves.

Em meados do século XX, quando chegou a diversas partes do mundo a notícia de que o segredo de Fátima seria revelado aos três pastores em Portugal, o seminarista Gerônimo Vilar, devoto de Nossa Senhora de Fátima, trouxe uma imagem dela de 35cm. A peregrinação da imagem fez surgir a ideia de construir uma capela cuja padroeira seria esta Santa. Esta capela foi a primeira da área rural da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Serra Branca. A imagem que representa a padroeira foi doada pelo Sr. José Vilar como pagamento de promessa, pois os filhos que foram nascendo a cada ano receberam o nome de Lúcia, Jacinto e Francisco, os três pastores que sabiam o segredo de Fátima.

Hoje o Farias é situado no entroncamento dos municípios de Parari, São José dos Cordeiros, São João do Cariri e Serra Branca, gerando algumas confusões para as gestões destes municípios, tanto nos momentos eleitorais como nos serviços prestados.

VÁRZEA NOVA: UMA HISTÓRIA DE AMOR QUE ENVOLVE UM PADRE E UMA MOÇA

As histórias referentes à origem da Várzea Nova nasceram da homenagem que Maria da Paz Gaião resolveu fazer a sua sogra, Claudemira Saraiva Pequeno, organizando os relatos orais que narram a história da família.

O primeiro proprietário da Várzea Nova foi o Sr. José Félix de Andrade, casado com Luiza Maria de Jesus. O casal tinha dois filhos, Manoel e José. Certa vez, o Sr. José fez uma viagem a cavalo. Na ausência do marido, D. Luiza costumava fechar a porta da frente e ficar na cozinha junto

com as escravas. Quando ouviu o relinchar do cavalo, pensou que era seu marido que havia chegado, mas ao sair só avistou o cavalo selado. Assim, mandou seus escravos partirem à procura do marido e eles o encontraram assassinado no município de São José dos Cordeiros, no sítio Campo da Cruz. Então a viúva resolveu vender a propriedade para um padre.

É a partir deste fato que conheceremos a história dos descendentes de dona Claudemira Saraiva, em especial da sua bisavó, Maria Clara.

Maria Clara das Dores era da cidade de Flores em Pernambuco. Seus pais chamavam-se Gonçalo e Ana Isabel. Ela tinha três irmãos: Joaquim, Manoel e Gustavo. Num domingo em que seus pais foram à missa, ao retornarem, Maria Clara não estava em casa. Havia uma carta escrita pelo Pe. José Gomes da Silva, dizendo que a garota estava em sua companhia. Os pais ficaram aflitos e Gonçalo preparou um matulão⁶³ com roupas e comida para ir à procura de sua filha. Despediu-se de seus filhos, abraçou sua esposa Ana Isabel e partiu para nunca mais voltar.

Depois do ocorrido, o Pe. José Gomes da Silva foi transferido para a vila de São João do Cariri, na Paraíba. Lá comprou as terras da Várzea Nova “completa, como diziam na época, com ferro e sinal”. A escritura foi passada pelo escrivão João Nepomucena de Andrade e, segundo relatos de D. Mira⁶⁴ a sua nora M^a da Paz, lavrada com pena de peru e tinta de bage de jurema preta, em 07 de janeiro de 1834. O sítio onde João Nepomucena morava, vizinho a Várzea Nova, chama-se até hoje Escrivão. Além da Várzea Nova, o padre comprou outras propriedades como a de Coroa Branca.

A mãe de Maria Clara veio morar na propriedade com mais dois dos seus irmãos: Joaquim, que morreu de cólera; e

⁶³ Trouxa improvisada, contendo roupas e outros objetos de uso pessoal.

⁶⁴ D. Claudemira era assim chamada pelos moradores de Serra Branca

Manoel, que ao se desentender com o padre foi mandado embora. Assim como o pai ele foi e sumiu.

M^ª Clara teve doze filhos com o padre: Joaquim, Manoel, Antônio, Josefa, Rosalina, Claudino, Belmira, Cotinha, Maria, Idalina e outras duas, que D. Mira não lembra os nomes, só o apelido de uma delas: Domdom. Depois que o padre faleceu, Maria Clara teve outro filho, Otaviano Augusto de Souza, com Idelfonso Ramos.

A propriedade tinha Casa Grande com quatro quartos, duas salas, um corredor, uma cozinha grande, um alpendre e ao lado da casa existia uma senzala e uma casa de farinha, que os vizinhos usavam e pagavam a conga, pagamento em farinha.

Os escravos eram muito maltratados. Dormiam em camas de vara, calçavam alpercatas de couro e vestiam roupas de algodão feitas pelas escravas em fusos (calça, camisa e ceroula).

Sobre a vida dos escravos, D. Mira contava que as escravas gostavam de brincar e nas noites de lua cantavam toadas e outras cantigas, batendo palma, enquanto um negro tocava pifano que era uma taboca com uns buraquinhos. Ele soprava e batia com os dedos formando uma música. No sábado o folguedo era mais demorado, mas no domingo terminava cedo. As mães negras diziam: “Vão se deitar que amanhã é dia de branco”. A escrava de nome Gerônima contava que os escravos arrumavam roçado para plantar, porém só podiam ir lá aos domingos.

Quando acabou a escravidão os escravos Cláudia, Fortunato, Benedito, Gonçalo, Rosa, Gerônima, Benedita, Inácia e Glicéria foram trabalhar nas usinas no sul de Pernambuco. Antes, quando os senhores ficaram pobres, os escravos passaram fome e roubavam para comer.

Gonçalo, um dos ex-escravos voltou a Várzea Nova depois de um tempo. D. Mira conta que Francisco, mais

conhecido por Xixi, lembrava-se desse ex-escravo que tinha dois dedos da mão cortados, pois um dos filhos de Maria Clara, de apelido Totonho, era muito malvado e certa vez este escravo, com medo de ser castigado, desferiu sobre o próprio dedo um golpe de foice para que o dono, quando o encontrasse machucado, não o punisse. A escrava Fortunata foi amarrada num banco de madeira e sofreu uma grande surra. Este banco existia até pouco tempo na casa de José Otaviano. Outra escrava chamada Glicéria, além de apanhar, foi amarrada de mãos para cima por 24 horas. Nesse episódio, o filho mais novo de Maria Clara, Otaviano Augusto de Souza, pediu à mãe que falasse com Totonho, o irmão mais velho temido por todos, para terminar com aquele castigo.

Otaviano tornou-se professor e, certa vez, recebeu a visita de Pe. Magalhães que era da paróquia de São João do Cariri e dono do sítio Agreste, que hoje pertence a Roberto Gaudêncio. Neste período, já havia sido promulgada a Lei do Ventre Livre e, por tal fato, entre os alunos havia uma criança negra (que por conta do racismo eram chamadas de “pessoas de cor”), pois os donos dos seus pais que ainda eram escravos pagavam escola para o menino. As crianças tinham acabado de ler a lição e a criança negra continuou a ler o livro. O padre Magalhães por duas vezes reclamou o menino negro: “Feche este livro moleque”, pois era considerado falta de educação alguém chegar e não se dar atenção. O professor Otaviano, diante desta humilhação, falou: “Meu filho, dê-me este livro”. Esta criança era Zacarias Gouveia, o avô de Doralice Gouveia.

O professor Otaviano casou-se com Maria Carolina Alves Pequeno, neta de José Pequeno, mais conhecido como Coronel Pequeno, que possuía seis léguas de terra e negou um terreno para a construção da Igreja Matriz de Serra Branca.

FAZENDA GARROTA: ESCRAVOS, BOTIJAS E ASSOMBRAÇÕES

Casa da Fazenda: era assim que todos conheciam a sede da Fazenda Garrota a 30 km da sede do município de Serra Branca. Construída logo após a abolição dos escravos, em 1893, segundo relatos, não tem em sua fundação nada que lembre a época da escravidão. Foi idealizada e construída por Antônio Rodrigues, um dos primeiros donos das terras. Como o mesmo tinha muitos filhos, fez uma casa enorme com quartos de alcovas (quartos de dormir); um quarto para arreios, pois naquela época só se andava a cavalo; um quartinho com uma cela para castigo, onde os filhos que teimassem com os pais ficavam para serem punidos de sua desobediência; um quarto para dispensa (guardar mantimentos); e, por último, um quarto para caritô (uma espécie de poço feito com tijolos sentados na massa bem acabada para colocar milho em grãos). Ainda tinha um cubículo que chamava de quarto de queijo, onde faziam e guardavam tal produto em tábuas penduradas nas telhas com cordas. Lá armazenavam a coalhada e tudo o que se referia ao leite era processado e guardado neste quarto que estava sempre fechado para não exalar o odor para os outros ambientes.

Havia ainda três salas, sendo uma de estar, que era a sala de fora; a sala de jantar, enorme com uma mesa comprida que só era usada quando havia banquete; e a terceira sala próxima a cozinha onde eram servidas as refeições diárias. A cozinha também espaçosa tinha um fogão de alvenaria com um forno de barro que mais parecia um guarda chuva aberto. Na frente da casa havia um alpendre com pilares robustos sustentando a coberta. Os currais, à esquerda da casa, eram todos feitos no estilo pau a pique, depois um grande pátio e mais adiante o açude que é visto da porta da frente.

Essa é a descrição física da casa, mas o que mais surpreende são os relatos de fatos que, segundo depoimentos orais, foram passados de geração em geração. Um dos fatos contados é o de que a casa foi construída em cima de um cemitério clandestino de negros. Contam os mais velhos que muitos escravos fugitivos que tentavam se esconder dos seus donos, no longo percurso em busca de refúgio, acabavam morrendo de fome e sede, pois na época o “açude da Garrota”, que fica em frente a casa, ainda não tinha sido construído. Assim, um escravo ia enterrando o outro ali mesmo. A notícia que este era um lugar de refúgio para os escravos acabou chegando ao conhecimento de vários senhores de escravos que mandavam seus capitães do mato à busca e captura dos negros. Os capitães do mato, ao encontrá-los no local, muitas vezes pelos severos castigos quase sempre à base de chicotadas, acabavam matando vários desses negros, enterrando-os ali mesmo, junto com os demais que morriam de fome e sede. Alguns anos depois da construção da casa, relatava-se que sempre eram ouvidos gemidos, lamentos ou então quebra de utensílios na cozinha e chuvas de grãos de milho e feijão, sons esses atribuídos pelos residentes e conhecedores desta história ao lamento das almas penadas dos negros ali enterrados.

Na década de 1940, houve boatos de que uma botija⁶⁵ havia sido desenterrada por três pessoas que chegaram pedindo arrancho⁶⁶ e depois de três dias sumiram sem deixar notícias nem pistas de seu paradeiro. Recentemente no começo do ano⁶⁷, foi arrancada outra botija no quarto dos arreios. E existem boatos de que muitas outras botijas continuam ali enterradas, não só na “Casa da Fazenda”, mas em todo o sítio Garrota.

⁶⁵ Tesouro enterrado.

⁶⁶ Abrigo.

⁶⁷ Esse relato está registrado no Projeto Pedagógico Memória visual sobre orientação do professor de História Juarez Ribeiro de Araújo da E.E.F.M. Senador José Gaudêncio em 2010.

Enterrar tesouros (botijas) era a forma como os fazendeiros e todas as pessoas que tinham dinheiro guardavam suas economias e objetos valiosos, pois eles tinham medo dos bandos de cangaceiros, que eram muito comuns no Nordeste e na região do Cariri paraibano, chefiados por Antônio Silvino. Segundo a crença, muitas vezes quem enterrava o dinheiro não lembrava o lugar exato do esconderijo. Então quando morria, seu espírito vinha em sonho dizer onde estava a botija para alguém de merecimento desenterrá-la, para que alma do morto se desprendesse das coisas materiais de mundo e fosse salva e seu espírito tivesse descanso eterno.

Hoje a casa está muito deteriorada, quase não tem nada original, com 119 anos pertence ao Sr. Aimar Gaudêncio, que é o terceiro dono.

QUEBRA DA ROTINA COTIDIANA

Queda do avião na Lagoa do Panaty: a história de um milagre

(As informações para a descrição dos fatos que se seguem foram obtidas na monografia de Dyala Limeira Vilar e relatos orais).

No dia 02 de outubro de 1950, às 17h00min, um avião da Aeronáutica, que ia do Recife-PE para Souza no Sertão da Paraíba, fez um pouso forçado nas proximidades de Serra Branca. Por falha técnica, o avião se descontrolou no ar, foi perdendo altura, aproximando-se do solo, até que chegou a terra, pousando sobre a vegetação rasteira. Pereiros e marmeleiros ficaram retorcidos, mas apesar do susto não houve explosão. A tripulação era de 23 soldados que viajavam e conseguiram pular rapidamente da aeronave. Apenas dois tiveram alguns ferimentos, o piloto e o Sargento Rubens Bostelman. Eles foram encaminhados a Recife e os demais foram depois.

O local do acidente foi na lagoa do Panaty, próximo ao Sítio Ligeiro, entre Serra Branca e Coxixola. Enquanto o avião caía, a tripulação fez uma promessa ao avistarem a imagem de Nossa Senhora na torre da igreja matriz de Serra Branca. Como estava próxima a Festa da Padroeira, os soldados participaram de toda a festa religiosa e prestaram uma grande homenagem de agradecimento a Nossa Senhora da Conceição. Na procissão, em todo o percurso, eles ficaram sobrevoando e jogando flores sobre a Santa, como forma de gratidão por terem alcançado tamanha graça. Este foi um momento muito emocionante para todos que presenciaram o fato.

Durante os dois meses que antecederam a Festa da Padroeira, comemorada em 08 de dezembro, Serra Branca viveu dias maravilhosos, principalmente a juventude com os soldados da Base, como eram chamados. Foi enviado um comandante com uma turma de cinco soldados. Eram rapazes jovens, elegantes e educados, que tratavam bem todos da cidade. Vieram para desmontar o avião com carros, caminhões grandes, trucados, tudo coisa nova que muitos na cidade não conheciam. Todos ficaram admirados com os aviões que fizeram várias viagens a Serra Branca. O campo de pouso era no bairro do Pilão, aproximadamente no campo do Flamengo que era chamado Campo de aviação.

Depois de tantas novidades, as noites eram mais alegres. A difusora⁶⁸ da cidade animava com músicas. Moças e crianças divertiam-se, passeando de braços dados, admirando aqueles soldados, apesar da luz da cidade apagar cedo - na época, era gerada por motor. Até mesmo o Sr. Gaião, pessoa muito séria e importante, ligava bem alto o seu rádio potente, o que deixava as noites mais gostosas para a turma.

Quase encerrado este período, o Sargento Rubens, que voltou logo no dia do acidente para Recife, retornou por

⁶⁸ Emissora de rádio, estação de radiodifusão.

ocasião da Festa da Padroeira para o pagamento da promessa feita a Nossa Senhora da Conceição. Lá avistou uma moça bonita (Sra. Josefa Bezerra) e ao aproximar-se dela falou: - "Vou me casar com você". Formalizaram o namoro e, para a época, foi um fato bem curioso na comunidade, visto que ela era noiva e ele também, tendo os mesmos que terminarem os noivados anteriores. Um ano depois se casaram. Segundo relatos colhidos⁶⁹, os protagonistas deste fato acreditam que o destino havia previsto esse encontro, pois esta é a única forma de explicar como tudo aconteceu de forma poética e inusitada.

Os noivos foram morar em Santa Catarina por muitos anos. Tiveram três filhos e, por questão de saúde, voltaram a Serra Branca, onde Rubens faleceu e foi sepultado. Viveram uma bela história de amor, assim relatada pela própria senhora D. Josefa Bezerra, que é figura conhecida em toda a cidade.

Como forma de memorial, um Cruzeiro⁷⁰ foi colocado no sítio Panaty, por ação de graças pelo milagre recebido. Para os populares e os religiosos, tal fato sem graves ferimentos é um verdadeiro milagre que precisa ser lembrado todos os dias em todas as gerações.

TRAÇOS DA CULTURA

MUSEU REGIONAL DE CARIRI

É um dos órgãos que compõem o Centro de Cultura Pe. João Marques Pereira, instalado em 1984 em convênio com a Universidade Federal da Paraíba. A instalação foi feita na administração de Juarez Maracajá e do reitor Betilho Ramos Borba e organizado pelo museólogo Aécio de Oliveira da Fundação Joaquim Nabuco e sua equipe de trabalho. Com

⁶⁹ Pesquisa realizada por Dyala Limeira Vilar, para a realização de sua monografia.

um acervo diversificado, retrata os vários momentos históricos da cidade e da região de uma forma geral. Neste museu podemos encontrar peças de origem indígena (louças, armas, utensílios etc.); objetos da religiosidade de nosso povo (oratórios de diversas famílias, imagens sacras e outros objetos sagrados); acontecimentos da nossa cultura e de fatos históricos da região (destroços do avião que caiu na lagoa do Panati, chapéu doado pelo Rei do Baião, ao passar pelo município); objetos que retratam os períodos tecnológicos (máquinas de costurar, de fotografias, de escrever, utensílios domésticos); artesanato do Cariri (cerâmica, pinturas, bordados, tear etc.); momentos da educação (mobiliários escolares, livros antigos, fotografias históricas etc.) e vários outros itens.

FEIRA E COMÉRCIO DE SERRA BRANCA

A feira de Serra Branca originou-se com os almocreves. Estes homens comercializavam mercadorias transportadas de diversos pontos da Paraíba e Pernambuco em lombos de burros: farinha, rapadura, café, tecidos, sal querosene, milho, açúcar etc.. Depois alguns se tornaram donos de casas comerciais da cidade como o Sr. Joaquim de Andrade Gaião, Antônio Bezerra de Souza e outros almocreves que aqui ficaram para comercializar como Pedro Jacó, Manoel Calixto, Tranquilino Gancho, Inácio Limeira e Abdias Celerino.

O primeiro mercado localizava-se na Rua Coronel Manoel Gaudêncio, na esquina da Travessa Antônio Gaião, mais conhecida como Beco dos Sete Pecados. Era um grande galpão onde se encontravam diversos produtos. A maioria da população era oriunda dos sítios e vinha nos lombos de jumentos fazer suas compras na Bodega de Zé Nunes. Os alimentos eram vendidos por cuia que equivalia a 10 quilos.

Na economia, a mercadoria que predominava era o algodão descarado em máquinas de propriedade privada como as de Vicente Correia e Joaquim Borba. A lã era transportada para Campina Grande. Na década de 1950, o Sr. Bento Ribeiro passou a comprar o algodão em rama e vendê-

lo sem descarregar a Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro (SANBRA), localizada em Campina Grande. Já na década de 1960, Bento Ribeiro instalou em Serra Branca uma usina de separar o algodão da semente, passando a vender a pluma da produção local e de outros municípios e utilizando o caroço para fabricação de óleo.

ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA DE SERRA BRANCA (ASSUSB)

Com o processo de redemocratização do Brasil, nasceu a ASSUSB, fundada em 05 de outubro de 1980. Segundo os universitários da época, havia uma necessidade de organização da classe estudantil, pois toda a sociedade tinha anseios do modelo democrático que estava sendo instaurado.

A forma mais marcante de mobilização da sociedade feita pela ASSUSB foi a realização das Semanas Universitárias, em que aconteciam palestras dos mais variados temas, encontro de violeiros, shows de MPB, encenações teatrais, espetáculos de dança, festivais de chope e torneios esportivos de vôlei, futebol, futsal, atletismo e corridas de jegue. Eles também organizavam mutirões para restauração de casas de pessoas sem condições financeiras.

Com a renovação dos universitários, a ASSUSB não conseguiu manter esses eventos, tampouco a articulação da classe universitária de Serra Branca, sendo até hoje lembrada de forma nostálgica pelos que presenciaram e participaram dos seus diversos eventos.

Houve uma tentativa de reestruturação da ASSUSB a partir da necessidade do transporte universitário, mas não se obteve sucesso.

CINE EDUCATIVO DE SERRA BRANCA

O Cine Educativo foi fundado em 1965 pelo Pe. João Marques e o Sr. Leidson da Silva. Nesta época, os cinemas brasileiros tinham que transmitir filmes nacionais, porque, se isto não acontecesse, a fiscalização multava seus proprietários. Em cada fiscalização, os proprietários tinham

que mostrar o borderô⁷¹ que demonstrava quantos filmes nacionais o cinema estava exibindo durante o mês. Era obrigatória a transmissão de quatro a cinco filmes por mês com o objetivo de mostrar nossas tradições.

A história do Cine Educativo é dividida em dois períodos distintos. O primeiro com um projetor de exibição em preto e branco de 16 mm, comprado em Campina Grande, considerado sofisticado para a época; e o segundo com o projetor colorido, comprado em Recife por Expedito da Silva. Esta máquina de 35 mm, de tecnologia avançada, tinha como peças o espelho responsável pelo foco e a lente ASCOPE que aumentava e diminuía a imagem.

O primeiro filme exibido em preto e branco foi *Sansão e Dalila*; a primeira exibição colorida foi *Batman* e o campeão de bilheteria foi *Os dez mandamentos*, em exibição também colorida.

O cinema até hoje é lembrado, por ter sido um instrumento de entretenimento e lazer da cidade. Por falta de incentivo foi fechado, causando uma perda irreparável na cultura local.

A cidade atualmente não conta com instrumentos de lazer e desenvolvimento cultural. Anteriormente, o município contava com cinema, teatro e bandas filarmônicas. Estas bandas foram as primeiras escolas técnicas de Serra Branca e formaram músicos que hoje atuam nos Dragões da Independência, no Exército Brasileiro e outros que tocam com cantores famosos em várias partes do país. As práticas esportivas também ficam a desejar em várias modalidades, o que faz com que os jovens fiquem com tempo ocioso, propiciando assim uma vulnerabilidade social.

⁷¹ Extrato comercial, com a discriminação de mercadorias e respectivos valores.

BIBLIOTECA

A INFLUÊNCIA DO ESPORTE NACIONAL NA VIDA SOCIAL E CULTURAL DE SERRA BRANCA

Entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, observa-se em Serra Branca o início da influência de dois times cariocas: o Clube de Regatas Vasco da Gama e o Clube de Regatas do Flamengo. Este fato movimentou os serrabranquenses de forma esportiva e cultural, pois a partir disto fundaram-se times, campos de futebol e clubes recreativos.

O Flamengo foi fundado em 1959, segundo Sr. Joca Lôpo, primeiro diretor esportivo desta agremiação. O primeiro presidente da Sociedade Recreativa de Serra Branca foi o Sr. Inácio Antonino. Inicialmente trabalharam para comprar o terreno onde é o campo do Flamengo no bairro do Pilão, em seguida fundaram a Sociedade Recreativa de Serra Branca, mais conhecida como Palhoça do Flamengo. O clube ganhou esse nome devido ao seu primeiro teto de palha de coqueiro. Curiosamente, esse clube, que era inicialmente localizado na Avenida Álvaro Gaudêncio e depois se mudou para a Rua Juarez Maracajá, continuou sendo chamado de Palhoça.

O time do Flamengo de Serra Branca teve diversos êxitos ao enfrentar times estaduais, ganhando destaque na imprensa paraibana. Além disto, realizava grandes eventos como os bailes carnavalescos, o sábado de Aleluia e festas juninas. Segundo o Sr. Joca Lôpo, muitos políticos da época tentavam sabotar o clube. E o fato mais curioso é que, atualmente, a “Palhoça do Flamengo” perdeu um pouco de seu ar de associação, entretanto é o local onde realizam os grandes encontros da sociedade e as festas elegantes. Mesmo com a diminuição da desigualdade social, o clube ainda é visto por muitos como o local frequentado pela elite serrabranquense.

O Vasco da Gama foi fundado em 02 de março de 1962. Surgiu da necessidade de criar um time para a Escola Profissional Pio XII. Sendo o padre João Marques Pereira torcedor do time carioca, o time da escola ganhou o nome de

Vasco da gama de Serra Branca. O padre torcedor doou o terreno para a construção do campo e depois doou o terreno que ficava ao lado para fundação do Clube de Regatas Vasco da Gama, no bairro dos Pereiros. Para isso, diversas doações foram angariadas e a inauguração foi a realização da festa de São João, sendo a primeira de muitas festas com grandes atrações.

Conforme o depoimento do Sr. Geraldo Cantalice, já falecido, ao projeto Matinoré, um ex-presidente do Vasco, Álvaro Gaudêncio Filho, sem autorização dos sócios fundadores, entregou a presidência do clube a Severino Júnior, que usou o local para realizar diversas festas para sua campanha política para vereador e depois para sua candidatura a vice-prefeito de Serra Branca. Depois a presidência foi entregue a Ivanildo Alves, que realizou várias festas e posteriormente transformou o lugar em casa comercial, deteriorando o clube com quebra de paredes, construção de garagem. Enfim, o clube encontra-se deteriorado e em questão judicial.

Os Velhos Carnavais⁷²

Os velhos carnavais tiveram origem de dois blocos carnavalescos: “Não se Incomode” (Bloco dos Negros pobres) e os “Toreiros” (Bloco dos Brancos ricos), além de um clube chamado “Caçadores” que foi formado por famílias tidas como da “alta sociedade” serrabranquense.

Bloco Não Se Incomode

O bloco era composto apenas por negros de famílias pobres. Havia uma disputa muito grande entre eles, mas brincavam com muita união, pois o que queriam era mostrar fantasias que eles próprios confeccionavam. Todos tentavam fazer o melhor com tecidos brilhosos chamados laquê (seda) que tornavam as fantasias alinhadas. Também havia lança-

⁷² Informações obtidas através de relatos orais da Sra. Maria de Lourdes Gouveia e pesquisadas na monografia de Vilar (2005).

perfumes, que na época não era proibidos, patrocinados pelo Sr. Leocádio Gomes (quando dançavam com ele), além dos confetes, serpentinas e muita alegria. No sábado, saía o Boi, a Alaura e o Zé Pereira, que era um Senhor bem vestido e mascarado. As mulheres ficavam loucas, porém ninguém sabia quem era este homem, tornando-se assim o segredo do bloco que chamava muita atenção.

O bloco era mantido com a ajuda de todos. A forma de ajudar era muito interessante: os coordenadores mandavam o carteiro visitar as casas, não importando se eram do outro bloco. Chegava dizendo que o “Não se Incomode” iria visitá-los e nessa visita eram recebidos em festa com muita bebida e comida, além de dinheiro, que colocavam na bandeira do bloco.

Eram três dias de carnaval. Um deles era o dia do “Entrudo do Talco” (era jogado talco “Cashmere de Bouquet” uns nos outros). Assim, as festas só terminavam na quarta-feira de cinzas, deixando saudades como diz uma das marchas da época:

“... Ó quarta-feira ingrata;
Chegou tão depressa;
Só pra contrariar;
É de fazer chorar;
Quando o dia amanhece;
É de amargar...”

Bloco dos Toureiros

O bloco era composto por famílias de brancos ricos. Em meados de 1935, o Sr. José Torreão Mota começou a organizar os “Toureiros” com fantasias nas cores vermelha e verde. Como faziam as pessoas do “Não se Incomode”, eles pediam licença para entrar nas casas e os moradores aguardavam a chegada do bloco com bebidas e comidas para os componentes, além do dinheiro colocado na bandeira.

O bloco era formado por casais da sociedade serrabranquense. Eles percorriam as ruas da cidade, finalizando com um animadíssimo baile no Salão do Sr. Francisco Moreira, do qual só participavam as famílias tidas como ilustres. Já o bloco “Não se incomode” terminava na praça central com muito banho em um tanque que lá existia aberto para todos que quisessem participar da festa.

Mas nessa história, nem sempre houve só festividades. Em um determinado ano, aconteceu uma tragédia: mataram o Major Celestino por motivos passionais. O autor do crime foi José Chofer, que tinha envolvimento com a noiva de Celestino. Segundo relatos orais, no primeiro dia de carnaval e em protesto, o padre da época mandou tocar o sino o dia inteiro, com o propósito de acabarem as festividades carnavalescas daquele ano. Todavia, nos outros anos, tudo voltou a acontecer como era antes.

Havia diferenças no padrão de vida das pessoas dos blocos, mas todos brincavam sem brigas, com o intuito de se divertir.

Clube dos Caçadores

“Não quero saber de amores,
Eu quero é carnaval,
No Clube dos Caçadores,
O frevo é sem igual,
E se meu amor vier,
Eu não sei o que vai acontecer,
Deixarei falar de mim quem quiser,
Eu quero é carnaval,
Vou cair no passo, passo, passo, passo,
Este ano eu vou brincar,
Vamos cair na folia meu bem,
Eu quero é carnaval.”

Esta marchinha popular era cantada pelos foliões do Clube dos Caçadores de Serra Branca. Fundado no final dos anos 50 até meados dos anos 60, deu origem ao Clube do Flamengo, onde, atualmente, estão situadas a Igreja Universal do Reino de Deus e Lojas Olindina. Com direito a porta-bandeira e estandarte, seus componentes eram jovens e senhores do município, os quais visitavam as residências para receber donativos para o clube. Participavam do clube os filhos de Antônio Bezerra, Leocádia Gomes, Bento Ribeiro, Manoel Medeiros, Apolônio Bernardo, Vicente Jacob, João Otoni, Pedro Lopo, Severino Pedro, Waldemar Torreão, Francisco Moreira, entre outros, além de convidados que vinham passar férias em nossa cidade.

O clube era muito animado e, na época, o uso de lança-perfume era fundamental, além de liberado. Geralmente a festa tinha início com desfiles dos "Papangus" pelas ruas, brincando de mela-mela com farinha de trigo.

Eram três dias de muita festa em Serra Branca, onde os moradores se divertiam em seus blocos, com suas brincadeiras e suas fantasias. Lembrando que, quando a cidade não tinha músicos, eles eram trazidos de Taperoá pelo Sr. Antônio Fernandes, conhecido como "padrinho Azogue", sempre acompanhados pelas orquestras de São Tomé (hoje Sumé) e São João do Cariri. Como não existia eletricidade, a energia era a motor e tinha a hora de ser desligada pelo Sr. Janúncio Rodrigues que tomava conta do gerador. Tudo isto acontecia na época de carnaval. Hoje a cidade tem muitas festas, no entanto não existem mais aquelas festas animadas de Carnaval que já foi um marco em tempos passados, como afirmam descendentes das famílias que brincavam nos blocos.

As badaladas do sino

Quando morre uma pessoa de religião católica, existe todo um ritual simbólico: após todas as inselências do

velório, quando é chegada a hora do sepultamento, todo o cortejo fúnebre passa em frente a igreja central da cidade. O sino da igreja toca o repique de forma que toda a cidade saiba quem está sendo sepultado naquele momento. Lembrando que há uma forma especial de tocar o sino nesta ocasião.

Segundo o relato da senhora Maria de Lourdes Xavier (Lurdinha de Ana Azul), há aproximadamente cinco décadas, este trabalho, remunerado, só podia ser realizado por homens, visto que o sino era repicado durante todo o dia. Atualmente com a maior participação das mulheres nas atividades litúrgicas da igreja, o trabalho é realizado de forma voluntária tanto por homens quanto por mulheres. A senhora Maria de Lourdes Xavier, que desempenha esta atividade de forma voluntária há mais de 25 anos, descreve este ritual da seguinte forma:

Os repiques são tocados de formas diferentes para homens, mulheres ou crianças.

MORTE DE CRIANÇAS DE AMBOS OS SEXOS:

Repiques com os dois sinos de forma breve e ligeira (graves e agudos). Uma alusão ao louvor a Maria mãe de Jesus Cristo, visto que as crianças são consideradas anjos de Deus, estando neste momento sendo devolvidas aos Céus.

MORTE DE HOMEM ADULTO: Três repiques dos sinos do lado esquerdo que são mais grossos (graves), seguidos de um breve intervalo e logo em seguida são tocados três repiques com breves intervalos com os sinos de sonoridade aguda do lado direito.

MORTE DE MULHER ADULTA: Os toques são realizados de forma invertida aos repiques masculinos, ou seja: Três repiques dos sinos de lado direito que são mais agudos, seguidos de um breve intervalo e logo em seguida são tocados três repiques

com breves intervalos com os sinos de sonoridade grave do lado esquerdo.

EXPRESSÕES POPULARES:

<u>EXPRESSÕES</u>	<u>SIGNIFICADO</u>
MORREU MARIA PREÁ	PARA ENCERRAR A CONVERSA
JAMAIS RONALDO Ô.Ô.Ô!!!	NUNCA
LENGA...LENGA	ADMIRAÇÃO
É MOLE QUE SÓ LIXANDRE	DEMORA PESSOA AZARADA

ZABELÊ

AUTORAS:

*Auda Meri Neves da Silva*⁷³

*Maricélia Teixeira Leite*⁷⁴

⁷³ Licenciada em Pedagogia pela UVA.

⁷⁴ Licenciada em História pela Autarquia de Ensino Superior de Arco-Verde (AESV).

Zabelê



Imagem: Avenida principal de Zabelê

ASPECTOS GEOGRÁFICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS.

Zabelê é um dos municípios do estado da Paraíba, localizado na microrregião do Cariri Ocidental. O clima é tropical semiárido, com chuvas de verão. A vegetação é a caatinga. Seus principais rios tributários são os riachos do Fernando, Tanques, Santa'Ana do Papagaio, Mão Beijada e Zabelê. Os principais corpos de acumulação de água são os açudes de Santa Luzia e São Domingos (IBGE). Sua população segundo dados do IBGE é de 2.075.

Um dos principais acidentes geográficos do município é a Serra de Fogo. Segundo Josefa Bezerra de Medeiros (conhecida como D. Duda, moradora da Serra do Fogo), a serra passou 10 anos pegando fogo.

Existe uma história real e uma lenda sobre este fato. A história real dar-se pela posição geográfica da serra em relação à comunidade de Zabelê: a Serra do Fogo tem formato de uma pirâmide, com suas laterais norte e sul bem

estendidas, formando um alinhamento bem definido de ambos os lados. Quando é período de lua cheia, como Zabelê fica para o lado do poente em relação a serra, a lua nasce bem por trás da serra. Na noite escura, forma-se uma pirâmide de fogo em torno de seu topo. A lenda surgiu porque, como é um fenômeno raro de acontecer, a lua sai em alguns anos justamente alinhada ao topo da serra, formando essa ilusão de fogo (Professor Josinário Nascimento).

Na construção da igreja, os moradores juntaram-se com muito sacrifício, porque a água era escassa (só tinha em uma cacimba de mineração chamada de Caboclo) e os tijolos batidos eram transportados na cabeça. As mulheres carregavam os tijolos na mão e a água na cabeça, enquanto os homens carregavam água em um galão (pau com duas latas, uma de cada lado, que era colocado no ombro).

Durante esse tempo da construção, uma das paredes caiu por cima de um homem e ele morreu. Os pedreiros eram vários, sendo o mais famoso o Sr. Zê Vaz. A igreja no sítio de Santa Clara foi construída de pedra pelos escravos de João José da Silva, homem duro de coração.

COMUNIDADES:

Os Sítios

Segundo Padre Jorge Rietveld (1999), o município abrange os sítios: Zabelezinho, Tanques, Capoeiras, Macaxeiras, Papagaio, Serra do Fogo, Camaleão, Serra do Fogo I, Serra do Fogo II, Belém, Serrote Preto, Cabeça de Porco, Benevides, Pedra d'Água, Santa Clara, Santana, Santa Luzia, Suçuarana, Logradouro.

As Fazendas

Uma das primeiras fazendas de Zabelê, foram a fazenda do Senhor Izequieu Vaz de Medeiros e de João Mizaél era em Sussuarana, bem como a de Doncílio Amador na comunidade Santa Luzia. A fábrica de Caruá começou em 1942, na vila de Zabelê. O dono era o Senhor José de Terto, depois passou para

o Senhor Izequieu e ele transferiu para Suçuarana. Os operários eram homens e mulheres, e o caruá era transportado em carro de boi e no lombo de jegue, conforme depoimento de Pureza Oliveira da Silva, antiga moradora de Suçuarana e operária da fábrica. Sr. Izequieu comprava tecidos em Recife e em Arcoverde, na Casa José Araújo e Pessoa Filho. Ele tinha uma loja em Zabelê, onde hoje é a mercearia de Ivo, e outra na Fazenda Suçuarana, em que vendia seus produtos para os operários. Segundo seu filho, Ilton, Izequieu também vendia tecidos em São Sebastião do Umbuzeiro, em prédio próprio.

As Ruas

A Rua do Caco de Vidro ganhou este nome por causa de uma família que era bagunçada e tinha mulheres “faladas” (Relato de Maria Amara Martins – conhecida como Aurora).

A nossa cidade

De acordo com o livro “A Sombra do Umbuzeiro”, de Padre João Jorge Rietveld (1999), a nossa comunidade era constituída por quatro famílias: Os Martins, os Raimundos, os Alves e os Baltazar. Todas essas famílias de cor escura, que até hoje fazem parte de nossa comunidade.

Em 1959, o povoado se tornou distrito do novo município de São Sebastião do Umbuzeiro. Com o seu crescimento, o povo de Zabelê começou a sonhar com sua independência da mesma forma como o povo de Padre Cícero queria ser independente da cidade do Crato.

Houve um plebiscito e todos foram favoráveis ao desmembramento. Desde 1997, Zabelê é um município independente, governado pelo prefeito Lucivaldo Vaz Henrique e a vice-prefeita Albanite Rodrigues Neves.

ECONOMIA

Produção

As atividades realizadas pelas famílias baseavam-se mais na agricultura. As mulheres cuidavam das comidas, arrumavam a casa, lavavam roupa e passavam com o ferro de brasa, buscavam água nas cacimbas e ainda trabalhavam na agricultura. Os homens trabalhavam em diversas atividades como agricultura, trabalho no caruá, extração de pedra, na cal etc.. Enfim, nos diversos trabalhos que estivesse ao alcance para sobreviver.

Na roça, plantavam milho, feijão, algodão, batata, abóbora e caruá. Vendiam o algodão e criavam os animais de “meia” como bode, gado, ovelha, isto é, quando os bichos davam cria, havia a divisão (Depoimento de Josefa Teixeira Leite, conhecida como Minininha Leite).

CONFLITOS

Conflitos Políticos

As divergências políticas existentes por partes de algumas famílias levaram muitas pessoas ao afastamento, pois algumas tiveram de se mudar da cidade para evitar uma tragédia. Muitas amizades de vários anos foram rompidas devido ao domínio e autoritarismo do poder.

Conflitos de Terra

Os principais conflitos por divisas, criação de animais ou água aconteceram principalmente entre vizinhos de terra ou herdeiros de uma propriedade. Algumas situações envolveram primos legítimos, porque os animais entraram no terreno do outro, e, ao tentar entrar em acordo, houve desentendimento com troca de ameaças de morte.

Mais ou menos na década de 90, um caso em particular chamou a atenção de todos. Um tio e um sobrinho desentenderam-se por causa de animais que entravam na terra do outro. O tio sempre procurou conversar com o

sobrinho, tentando resolver da melhor maneira possível. Porém, de forma ignorante, o orgulho tomou conta da situação e o conflito tornou-se assustador, ou seja, nenhum abriu mão e cada vez mais o problema aumentou. Como o orgulho e a ignorância prevaleceram, um deles já se encontra em óbito, deixando a maior parte da família entristecida.

Conflitos amorosos

Por motivos de ciúme ou desconfiança, as pessoas, muitas vezes, entram em atritos, ferindo-se verbalmente e assim as tragédias acontecem. Há um caso, ocorrido em um bar, que chocou a população da cidade. Num certo domingo, um homem matou o outro a tiros mesmo sem haver uma discussão. A população ficou revoltada por não ter conhecimento de fatos tão violentos na história do município.

Conflitos de relacionamentos

O desentendimento pode levar ao rompimento de relações de amizades entre as pessoas. Muitas vezes é a fofoca, a intriga, a inveja e o falso testemunho. Temos exemplos de pessoas amigas, que cultivavam uma amizade fraternal, e, devido a um falso testemunho, romperam a relação entre as famílias. A falta de perdão fez com que uma das partes sempre relembresse o fato como se o acontecimento fosse atual. A parte prejudicada fala sempre: “Eu morro e levo para a cova”.

ASPECTOS CULTURAIS

Plantas Medicinais:

A babosa – hemorróida.

O matruz com leite – bronquite.

Hortelã da folha grande – dor de cabeça (enxaqueca) e verme.

Rapa de catinga branca – dor de barriga, tosse e tuberculose.

Papaconha – verme.

Endro – dor de barriga.
 Rapa de angolia – comida que ofende.
 Eucalipto com semente de melancia – para febre.
 Sabugueira – febre e sarampo.
 Arruda – dor de ouvido.
 Capim santo – para relaxar.
 Erva cidreira – digestão.
 Canela em pau – vômito.

Danças

COCO DE RODA

O coco de roda – Os participantes dançavam em roda com samba de coco. As músicas eram assim:

“Lá vem a lua saindo com três letrinhas de ouro. A do meio vem dizendo tu pra mim és um tesouro. [...]”

“Nosso rei tá na Corte tá sentado, o nosso rei brasileiro está coroadado. [...]”

“Não gosto do homem que dar na mulher, que dar de cacete e ponta de pé. [...]” (Crispina e Maria de Zé de João Velho).

O Reisado



Imagem: Reisado de Zabelê

O reisado é uma expressão cultural composta de cantos, danças e dramas ligados originalmente às tradições religiosas e aos eventos do ciclo natalino. Brincadeira de rua, o Reisado de Zabelê teve início em 1919, por iniciativa do mestre de reis alagoano Manoel Venceslau da Silva, oriundo de Nova Palmares (AL), cujos descendentes participaram desta dança

popular. Hoje a brincadeira acontece na igreja matriz e em ruas, casas, sítios, escolas, clubes de Zabelê e de outros municípios.

Corrida de Jegue

Teve início com uma simples e inocente corrida do “Jegue”. Criada por meninos como fonte de entretenimento, criou ares de “Festa”, tornando-se uma das mais populares e grandiosas festas da região do Cariri Paraibano e até mesmo do Estado. Todos os moradores locais envolvem-se na articulação do evento que ocupa as principais ruas do município com a montagem de uma estrutura tão relevante como qualquer outra que pretende ser conhecida por quaisquer visitantes que traga sustentabilidade para a região. O nosso popular “JEGÓDROMO, que teve seu reconhecimento em divulgação de matérias em noticiários regionais e nacionais (Globo Esporte e Globo Rural da rede Globo de Televisão) já recebeu a visita do candidato a presidência da República na eleição de 2006, Geraldo Alckmin. Dentro do próprio evento são realizadas atividades esportivas como Maratonas, Corrida de 100 Metros, Campeonatos de Peteca, Corrida de Bicicletas, Bode Laçado e Torneio de Cabra Leiteira.

A Festa do “Jegue” do município de Zabelê (pioneira na região) toma a cada novo ano enormes proporções e firma-se como evento popular de rua do município de Zabelê, atraindo turistas e jegueiros de vários lugares do estado e das mais diversas partes do país. Este evento também torna-se importante como ponto de encontro das famílias que têm membros morando em outras regiões brasileiras, visto que muitos filhos da terra retornam para participar da festa do “Jegue”, aproveitando para se confraternizarem com a família e matar a saudade do Cariri Paraibano.

As Quadrilhas –

Danças a luz de candeeiro, ao som do forró pé de serra e acompanhadas pelos instrumentos de época: o fole de Zé

Lunardo, o cavaquinho de Zezinho Napoleão, a zabumba e o pife.

Comidas Típicas:

Buchada;

Sarapatel;

Xerém;

Fubá;

Munguzá;

Farinha de milho;

Cuscuz feito com milho, deixado de molho e passado na máquina de moer. Na época da colheita, fazia-se a pamonha, a canjica e o milho cozido;

A galinha de capoeira.

COTIDIANO

O trabalho começava cedo. Levantavam-se às 04 ou 05 horas da manhã. O café era pão de milho, xerém com leite, ovo, às vezes batata. O almoço era feijão, cuscuz, farinha e carne, quando tinha. Caçavam passarinho, tejo, tamanduá, seriema, preá, tatu e gato do mato. As armas usadas eram espingarda, peteca e arapuca.

As roupas usadas eram confeccionadas de algodão. Nos dias de passeio, as mulheres vestiam crepe e os homens linho. As feiras tinham barracas conhecidas por torda, que vendiam calçados e roupas. Os alimentos eram comprados em bodegas, como se chamavam as vendas na época. As bodegas mais conhecidas no início eram do Senhor Odilon Rodrigues Neves, Manoel Vicentinho e Teófilo de Izídio. Sr. Feliciano fazia tamboretas e mesas (Relatos de Pureza Oliveira da Silva).

Cuidar das comidas, arrumar a casa, lavar roupa, passar roupa com ferro de brasa, buscar água nas cacimbas, esta era a rotina das mulheres que também cozinhavam no fogo de carvão ou lenha (Depoimento de Josefa Teixeira Leite, conhecida como Mininha Leite).

Quando uma mulher estava gestante, trabalhava até o dia de "ganhar menino". Quanto aos cuidados depois do parto, as mulheres não podiam passar perto do pé de limão nem do pé de coentro e também não podiam sentar no batente da porta, assoprar o candeeiro, nem varrer a casa, muito menos forrar a cama. O banho de assento era feito depois de quatro dias e com quinze dias, um banho morno lavando a cabeça. No sétimo dia só podia sair do quarto ou a mãe ou o filho. Durante 40 dias não se podia comer comida carregada (Entrevista com Pureza Oliveira da Silva).

Expressões Religiosas

Festa da Padroeira

No início, ao tentar angariar fundos para a comunidade religiosa de Zabelê, frei Antonino encontrou dificuldades por parte de algumas pessoas que disseram que construir um patrimônio não seria possível, porque em Zabelê não havia homens ricos. A resposta do Frade foi clara: "É por isso mesmo que Zabelê vai para frente. É porque é pobre, vocês vão ver Zabelê se criar, crescer e só se acabará um dia, quando o mundo se acabar, porque o patrimônio foi doado de boa vontade."

A primeira festa da padroeira foi celebrada no dia 25 de outubro de 1949. Foi uma festa grande dirigida por Frei Mauro.

No decorrer dos anos, as festas foram modificadas. Anteriormente eram realizados novenários, leilões, banda de pífano e pavilhão com renda para a igreja. Atualmente existe a peregrinação rural com novenas e leilões e nos dias principais são realizadas missas com padres de outras paróquias.

Mês de Maio

As novenas do Mês Mariano eram realizadas a cada dia do mês com um noiteiro diferente. Havia leilões, banda de pífano, soltavam-se foguetões, iluminação de candeeiro, procissões com imagem e lanternas. Os devotos erguiam em seus terreiros o mastro com a imagem de Nossa Senhora.

Curador de Cobra (Entrevistas com benzedeiras locais)

José Osório:

“Comecei a rezar em 1956. Já estou com mais de 50 anos que rezo para curar de cobra. E às vezes rezo para apagar fogo e engasgo. Só tenho direito de ensinar a rezar a uma pessoa e quando está velho. Se não tiver fé em Deus não vale a pena.”

Maria Ferreira de Amorim – conhecida como Maria de Lu (Reza para as doenças):

“Comecei a rezar com 17 anos. Apreendi observando os mais velhos. Tenho um dom e esse dom foi Deus que me deu. Rezo de olhado, trilhado, peito aberto, engasgo, dor de cabeça, mordida de cobra e apagar fogo. Só posso transmitir a reza se for homem.

Minha mãe falou que eu chorei na barriga dela. Como ela não sabia que tinha de manter segredo, então revelou o segredo do choro, mesmo assim o finado Vicente falou para minha mãe que tinha de me colocar numa escola que eu então seria doutora. Eu tenho curado muita gente com meu dom de cura. Também pratiquei a função de trazer muitas crianças ao mundo (parteira ou assistente). Rezo a distância e as pessoas que eu rezo ficam curadas.

Tive nove filhos sozinha e Deus cortava o umbigo deles. Ao todo foram 20 filhos. Já tenho 79 anos e sinto-me feliz em poder ajudar o meu semelhante”

Experiência com chuva

Espera-se que chova no dia de São José, véspera de Santa Luzia.

Os Cânticos de Guarda (Inselência):

São entoações do ritual fúnebre, como forma de encaminhar as almas para um bom descanso, bem como confortar as famílias nessa hora dolorosa que é a morte de seus entes queridos. As mulheres responsáveis por cantar as Inselências ou cânticos de

guarda, recitavam de forma chorosa as estrofes sempre aumentando o número, até chegar em 12.

Exemplo de Cântico de guarda:

(Primeira estrofe)

Uma lavadeira, e **uma** beija flor,
Lavando os paninhos de nosso senhor,
Quanto mais lavava, mas sangue escorria,
Maria chorava e o judeu sorria,

(Segunda estrofe)

Duas lavadeiras, e **duas** beija flor,
Lavando os paninhos de nosso senhor,
Quanto mais lavava, mas sangue escorria,
Maria chorava e o judeu sorria,

(Terceira estrofe)

Três lavadeiras, e **Três** beija flor
Lavando os paninhos de nosso senhor,
Quanto mais lavava, mas sangue escorria,
Maria chorava e o judeu sorria,
(Relato oral prestado por Ríusle Souza Nascimento)

Caridade

Seu José de João Velho e Dona Júlia, sua primeira esposa, fizeram uma boa ação: adotaram um menino que ficou órfão. Depois da morte de D. Júlia, Seu José casa-se com Maria Martins e ela passar a cuidar da criança. Seu José e Dona Maria cuidaram do filho até que este se casou (Relato de Maria Martins Alves, conhecida como Maria de Zé de João Velho).

Educação

Do Caco a Tecla

Antigamente, na aprendizagem de matemática, os professores usavam pauzinhos e pedrinhas, bem como a leitura com bastões de gesso (que podemos chamar de caco de gesso).

Numa fazenda em Zabelezinho, reunia-se a comunidade para estudar com um mestre que lecionava dessa forma: usando o bastão de gesso numa lousa para a parte escrita dos símbolos de matemática e das letras, como parte teórica do conteúdo, e depois usava pauzinhos e pedrinhas para a parte prática. Depois desse período, após a Segunda Guerra Mundial, o presidente da República Eurico Gaspar Dutra quis erradicar a educação em fazendas por motivo de distância para o deslocamento e então edificou no nordeste grupos escolares em diversas áreas de povoamento e cidades pequenas. Tais escolas eram constituídas de uma sala de aula, um banheiro com chuveiro, cisternas, casa acoplada para o professor e ambiente de recreação coberto. A primeira professora da localidade foi Josefa Moraes, que lecionou dois anos e foi embora. Depois, em 1953, chegou Dona Fernandina da Silva Souza, que reorganizou a escola e lecionou até sua aposentadoria em 1977.

Enquanto no grupo escolar Manoel Martins lecionava a professora acima citada, na divisa de Zabelê com Monteiro a professora Margarida Bezerra Leite dava aulas em sua própria residência. No contexto pedagógico, lecionava-se a turma multisseriado. Com o surgimento de novos alunos, surgiram novos professores e novas salas, erradicando o multisseriamento, passando a ter alfabetização até admissão por grupos escolares.

A partir dos meados dos anos 80, surgiu a escola de 5ª a 8ª série. No início dos anos 90, iniciou-se o Ensino Médio. A evolução veio do caco de gesso ao período atual tecnológico por meio do teclado (Depoimento do Professor Josinário Nascimento).

PONTOS TURÍSTICOS

Antiga Igreja Matriz:

Igreja construída no centro da cidade de Zabelê. O terreno foi doado por membros da Família Martins. Sua construção foi feita pelos próprios moradores do povoado de Zabelê.

Sítio Santa Clara:

No Sítio Santa Clara, há uma Igreja e um cemitério do século XIX. A Igreja de Santa Clara foi construída por escravos do Capitão João José e o cemitério ficou famoso por ter recebido mortos de um surto de cólera durante a mesma época. Atualmente, os espaços da Igreja de Santa Clara continuam sendo utilizados para manifestações religiosas e também festas da comunidade.

Sítio do Logradouro:

No Sítio Logradouro, existem inscrições rupestres sobre as inúmeras pedras da localidade.

Sítio Serra do Fogo:

O Sítio Serra do Fogo carrega inúmeras histórias do imaginário popular. Diversas histórias de assombração chamam atenção dos interessados em conhecer a cultura popular nordestina, em um espaço de características peculiares ao semiárido do nordeste.

Referências:

AESA portal do governo da Paraíba. www.paraiba.gov.br/aesa

ANDRADE, Patrícia da Silva et.al. **Resgate Histórico do Congo**. Trabalho de conclusão de curso. UEPB (2009).

ARAÚJO. Juarez Ribeiro (org.). **Projeto Matinoré**. 2005 - Serra Branca (PB).

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**. Diagnóstico do município de Amparo, estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

DAMATTA. Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?**, Rio de Janeiro: Rocco, 1936.

BGE. **Estatística do Registro Civil de 2010**. Rio de Janeiro: Censo 2010.

LIMA, Maria Eliane de et.al. **Resgate Histórico do Congo**. Trabalho de conclusão de curso. UEPB (2009).

MENEZES, José Rafael de. **O testemunho dos bem nascidos**. [s.n.:s.l.]1997.

MOREIRA, Márcio M. **História Política e a História Local: um estudo da historiografia dos municípios paraibanos**. In: II Semana de História: Temporalidades e Escrituras do sertão Nordeste, 2010, Cajazeiras. II Semana de História: Temporalidades e Escrituras do sertão Nordeste, 2010.

NUNES FILHO, Pedro. **Guerreiro togado. Fatos históricos de Alagoa do Monteiro**. Recife: UFPE-Editora Universitária, 1997. Populares naturais ou descendentes dos fundadores do município de Amparo.

RIETVELD, João Jorge. **A herança de Manoel Monteiro: duzentos anos de Igreja Católica em Monteiro (1800-2000)**. João Pessoa: Imprell, 2002.

_____. **O verde de Juazeiro. História da paróquia de São José de Juazeirinho**. João Pessoa: Imprell, 2009.

SOUSA, Estelita Antonino. **Fatos Históricos de Serra Branca**. Serra Branca, PB 2008.

VILAR, Dyala Limeira. **Potencialidades Turísticas do Município de Serra Branca**. Trabalho de monografia; 2005.

WWW. Wikipédia.com. br.